

Instituto Politécnico de Beja

Escola Superior de Educação

Mestrado em Serviço Social – Riscos Sociais e Desenvolvimento Local

Dissertação de Mestrado

O Perfil de Atuação dos Assistentes Sociais que exercem funções no Contexto de
Escolas TEIP na NUTS II - Alentejo

Maria Caeiro Fragoso

Beja, 2023

Instituto Politécnico de Beja

Escola Superior de Educação

Mestrado em Serviço Social – Riscos Sociais e Desenvolvimento Local

O Perfil de Atuação dos Assistentes Sociais que exercem funções no Contexto de
Escolas TEIP na NUTS II - Alentejo

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Serviço Social – Riscos Sociais e
Desenvolvimento Local, apresentado na Escola Superior de Educação do Instituto
Politécnico de Beja

Elaborado por:

Maria de Jesus Caeiro Fragoso

Orientado por:

Professora Doutora Paula Godinho

Beja, 2023

Agradecimentos

Quero deixar aqui o meu profundo agradecimento a várias pessoas que foram importantes ao longo desta etapa e que me apoiaram incondicionalmente, nomeadamente:

- A todas as Assistentes Sociais que participaram no estudo, sem elas não teria sido possível a realização no presente trabalho.
- À minha orientadora, Professora Doutora Paula Godinho, pela incansável disponibilidade, ajuda e apoio demonstrado ao longo destes meses.
- A todos(as) os (as) professores(as) do Mestrado em Serviço Social – Riscos Sociais e Desenvolvimento Local, por todos os conhecimentos transmitidos.
- À minha irmã Liliana, à minha mãe Joana, ao meu pai Luís e à minha avó Camila por todo o apoio prestado, por nunca me deixarem desistir e por serem o pilar fundamental da minha vida.
- Aos meus amigos, pela preocupação demonstrada ao longo desta etapa.

Resumo

O presente trabalho pretende compreender qual o perfil de atuação dos Assistentes Sociais que exercem funções no âmbito escolar, mais propriamente em Territórios Educativos de Intervenção Prioritária, na NUTS II - Alentejo. Este estudo tem como objetivo geral “Caracterizar o Perfil de atuação dos Assistentes Sociais no Contexto de escolas TEIP na NUTS II - Alentejo”. Para dar respostas ao objetivo referido anteriormente foram realizadas leituras exploratórias e entrevistas a estes Assistentes Sociais. Após o término do estudo, de um modo geral, foi possível perceber que os Assistentes Sociais são bastante importantes no meio escolar, pois conseguem ter uma perspetiva e uma intervenção diferenciada de outros técnicos, na medida em que os Assistentes Sociais numa escola não intervêm apenas com alunos, a sua intervenção é também direcionada para toda a comunidade educativa e famílias dos alunos. Os Assistentes Sociais encontram-se inseridos numa rede multidisciplinar no contexto escolar e realizam também um trabalho em rede com os parceiros das mais diversificadas áreas da sociedade. É de extrema importância abordar temas como este, pois apesar de existirem, apenas em algumas escolas, Assistentes Sociais há vários anos, é ainda muito baixa a representação destes profissionais no âmbito escolar.

Palavras Chaves: Assistente Social, Contexto Escolar e Intervenção

Abstract

The present work intends to understand the profile of the Social Workers who works in the school's environment, more specifically in educational territories of priority intervention, in NUTS II - Alentejo. This study has the general objective of "Characterizing the Performance Profile of Social Workers in the Context of TEIP Schools in NUTS II - Alentejo". In order to respond to this objective, exploratory readings and interviews were carried out with Social Workers. After the end of the study, it was possible to perceive in general terms that Social Workers are very important in the school environment, as they manage to have a perspective and a differentiated intervention from other technicians, to the extent that the Social Workers do not intervene only with students, their intervention is also directed towards the entire educational community and the student's families. Social workers are part of a multidisciplinary network in school context and carry out networking with partners from the most diverse areas of society. It is extremely important to address topics like this, because although there have been Social Workers in only a few school's for several years, the representation of these professionals in the school environment continues very low.

Keywords: Social Worker, School Context and Intervention

Índice Geral

Agradecimentos	3
Resumo	4
Abstract	5
Lista de Abreviaturas	8
Índice de Tabelas	9
Introdução	10
Parte I - Enquadramento Teórico	12
1. Sistema Educativo em Portugal	12
2. Territórios Educativos de Intervenção Prioritária	14
3. Serviço Social no Sistema Educativo	17
4. Valores e Competências Específicas dos Assistentes Sociais	21
5. Funções do Assistente Social e Níveis de Atuação em Contexto Escolar	23
Parte II - Enquadramento Metodológico	26
1. Questão de Partida	26
2. Objetivos de Investigação	27
3. População e Amostra	28
4. Método e Técnicas de Recolha de Informação	28
5. Técnicas de Análise e Tratamento de Dados	33
Parte III - Análise e Discussão dos Dados	34
1. Análise dos Dados	34
2. Discussão dos Dados	42
Considerações Finais	46
Referências Bibliográficas	50
Apêndices	53
Apêndice 1 - Consentimento Informado	53
Apêndice 2 - Guião de Entrevista	54

Apêndice 3 - Análise de Conteúdo	56
Anexos	96
Anexo 1 - Entrevista Um	96
Anexo 2 - Entrevista Dois	108
Anexo 3 - Entrevista Três	118
Anexo 4 - Entrevista Quatro	124

Lista de Abreviaturas

CAFAP - Centro de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental

CLDS - Contratos Locais de Desenvolvimento Social

CPCJ - Comissão de Proteção de Crianças e Jovens

EMAEI - Equipa Multidisciplinar de Apoio à Educação Inclusiva

GAAF - Gabinete de Apoio à Família e ao Aluno

GAPS - Gabinete de Apoio Psicossocial

GNR - Guarda Nacional Republicana

IEFP - Instituto do Emprego e Formação Profissional

NAV - Núcleo de Apoio à Vítima

NUTS - Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos

PCA - Percursos Curriculares Alternativos

PIEF - Programa Integrado de Educação e Formação

PNPSE - Programa Nacional para a Promoção do Sucesso Escolar

PREVPAP - Programa de Regularização Extraordinária de Vínculos Precários na
Administração Pública

PSP - Polícia de Segurança Pública

RGPD - Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados

RSI - Rendimento Social de Inserção

SAAS - Serviço de Atendimento e Acompanhamento Social

SIGRHE - Sistema Interativo de Gestão de Recursos Humanos da Educação

TEIP - Territórios Educativos de Intervenção Prioritária

TIL - Técnica de Intervenção Local

Índice de Tabelas

Tabela 1. Modelo de Análise	31
-----------------------------------	----

Introdução

O facto do ensino se ter tornado obrigatório em Portugal, faz da escola um sítio onde se juntem crianças e jovens com percursos e experiências de vida bastante diferenciados uns dos outros. Para combater estas questões têm sido criados programas e projetos específicos (Carvalho, 2018).

Um dos programas criados para combater algumas problemáticas presentes da sociedade foi o Programa TEIP - Territórios Educativos de Intervenção Prioritária.

Com o aparecimento gradual de novas problemáticas sociais que interferem diretamente nas escolas, a prática de atuação dos Assistentes Sociais é cada vez mais essencial no sistema educativo (Andrade, 2021).

Os Assistentes Sociais realizam várias atividades nas escolas, estas atividades podem-se desenvolver com os alunos, com os pais ou outros membros da família dos alunos, ou até com a comunidade educativa. Os técnicos de Serviço Social que realizam estas atividade, atuam na prevenção dos comportamentos de risco dos alunos, realizam uma mediação escola/família/instituições da comunidade, promovem, através dos encaminhamentos, o acesso a recursos sociais e analisam as realidades nos grupos de trabalho onde se inserem (Carvalho, 2018).

O presente trabalho pretende caracterizar o Perfil de Atuação dos Assistentes Sociais no Contexto de escolas TEIP.

Tem como objetivos: “Analisar o percurso profissional dos Assistentes Sociais inseridos em Escolas TEIP” “Identificar as principais funções dos Assistentes Sociais no Contexto de Escolas TEIP” “Identificar os métodos de intervenção dos Assistentes Sociais no contexto escolar” “Identificar o público alvo com o qual os Assistentes Sociais intervêm no Contexto de Escolas TEIP” “Determinar quais os fatores que interferem na prática dos Assistentes Sociais no Contexto de Escolas TEIP” “Analisar o trabalho em rede realizado pelos Assistentes Sociais no Contexto de Escolas TEIP” “Perceber as mais valias do trabalho em rede dos Assistentente Sociais inseridos em Escolas TEIP com os parceiros da comunidade” e “Perceber a relevância que os próprios Assistentes Sociais reconhecem na sua ação profissional nas escolas TEIP”.

O presente estudo encontra-se dividido em três partes. A primeira parte engloba o Enquadramento Teórico onde encontramos os conceitos mais relevantes para a compreensão da problemática em estudo, nomeadamente, Sistema Educativo em Portugal, Territórios Educativos de Intervenção Prioritária, Serviço Social no Sistema Educativo, Valores e Competências Específicas dos Assistentes Sociais e Funções do Assistente Social e Níveis de Atuação em Contexto Escolar.

Na segunda parte encontramos o Enquadramento Metodológico onde se insere o objeto empírico que contempla a Questão de Partida, os Objetivos de Investigação, a População e Amostra, o Método e Técnicas de Recolha de Informação, as Técnicas de Análise, Tratamento dos Dados.

Na terceira parte podemos observar a Análise e Discussão dos Dados Recolhidos.

Parte I - Enquadramento Teórico

1. Sistema Educativo em Portugal

Segundo Mendonça (2016), o ensino organizado, tanto em Portugal como na Europa, surgiu por iniciativa da Igreja, tinha como palco escolas monásticas e episcopais e pretendia a formação do clero. Os estudantes que frequentavam estas escolas estavam destinados à vida católica, contudo com os progressos existentes ao longo do tempo este ensino foi alargado a estudantes que não ambicionavam seguir esta vocação.

Segundo a autora supracitada, apesar de existir um ensino organizado em Portugal, fazia-se sentir um grande atraso em relação a outros países. Atraso este que estava relacionado com o facto de haver uma saída contínua de estudantes para frequentarem o ensino estrangeiro e com o ingresso de sacerdotes que pretendiam impulsionar as escolas de Portugal.

A partir do século XV, a classe nobre, tornou frequente a procura de preceptores, na sua maioria estrangeiros e que veio originar um aumento das exigências ao nível cultural (Mendonça 2016).

Segundo Mendonça (2016) a simultaneidade de formas de ensino diferentes que tinham em atenção os grupos sociais onde as crianças estavam inseridas, o preceptorado, a aquisição de competências em determinados ofícios e assiduidade escolar, fez com que iniciassem e perpetuassem as desigualdades sociais presentes na atualidade.

Os desenvolvimentos industriais e comerciais originaram algumas alterações culturais e económicas que impulsionou uma consciencialização a nível económico, social e político, onde surgiu a necessidade de incluir a família na educação dos filhos.

A partir do século XVI, é iniciada uma nova etapa da escolarização através da elaboração de instituições determinadas ao ensino de crianças e jovens, *“delimitadas por idade, grupo e espaço e onde surgem os primeiros esboços face às preocupações pedagógicas, adequadas ao sucesso na aprendizagem”* (Mendonça. 2016, p.54).

No século XVII a idade para o início da escolaridade seria os 10 anos, contudo esta faixa etária sofreu uma gradual diminuição. Com o passar dos anos foi-se considerando que a “*disciplina e imposição de regras e autoridade*” seriam um método de educação mais eficiente do que a presença das amas (Mendonça, 2016, p.55).

Segundo ainda a mesma autora a cima mencionada, durante longos anos, o ensino era destinado essencialmente aos rapazes, pois a sociedade destinava às mulheres as tarefas domésticas. Este facto originou a entrada muito posterior das raparigas no ensino em relação aos rapazes.

A escolaridade obrigatória que até então não era, surgiu em 1826, com a Carta Constitucional, onde referia a “*frequência da Instrução Primária entre os direitos civis e políticos para todos os cidadãos portugueses.*” Com isto deu-se início à primeira construção do plano curricular formal “*que integravam o ensino básico, e cuja ênfase se centrava na aquisição das competências de ler, escrever e contar.*” Apenas em 1835 se definiu que o ensino primário deveria ter um acesso gratuito para todas as pessoas (Mendonça, 2016, p.57).

Em 1984 são transferidas para as autarquias várias competências em matérias de investimentos públicos que envolve os domínios do ensino e da educação, ficando assim, as escolas dependentes das autarquias locais (Segundo Formosinho & Machado, 2013).

A partir da década de 90 do século XX o Ministério da Educação Português começa a apresentar a implementação de várias políticas educativas que pretendem promover o sucesso escolar. A Direção-Geral da Educação considerou algumas medidas de promoção do sucesso educativo: “Programa Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP), Metodologia Fénix, Metodologia Turma Mais, Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF), Percursos Curriculares Alternativos (PCA), Cursos Vocacionais, Portefólio de Práticas”.

Ainda a partir da década de 90 foi também dado um impulso aos estabelecimentos de educação pré-escolar e do 1º ciclo e posteriormente foi criada uma unidade organizacional, denominado Agrupamento de Escolas. Esta unidade vem reforçar a autonomia das escolas e cria condições para a “(re)formulação das cartas escolares

concelhias e o reordenamento da rede escolar” (Segundo Formosinho & Machado, 2013 p.36).

Remetendo para a atualidade, segundo Pedrosa (2017), a escola hoje continua a ser uma Instituição de Educação que tem responsabilidade no desenvolvimento do aluno, pois oferece uma variada panóplia de contextos que para além de desenvolverem os seus conhecimentos contribuem para o crescimento dos alunos e as suas capacidades de viver em sociedade, tendo em conta a diversidade e desigualdade existente no país.

Segundo o autor supracitado, em 2016, o Conselho Nacional de Educação promoveu um debate que tinha como base perceber, quais as melhorias que a educação poderia sofrer nos próximos anos. Como conclusão deste debate, sobressai o fraco apoio às famílias dos zero aos três anos e a necessidade de se criar políticas de apoio à infância.

Segundo a Lei n.º 46/86, de 14 de outubro (versão atualizada que contém as alterações das leis 115/97, de 19 de setembro, 49/2005, de 30 de agosto e 85/2009, de 27 de agosto), o estado promove a democratização da educação para que todas os portugueses tenham de forma justa e igualitária os mesmos acessos ao ensino.

O sistema educativo em Portugal abrange o pré escolar, o ensino básico, ensino secundário, e superior. Abrange também a educação extraescolar, de carácter formal ou informal que engloba entre tantas ofertas, as atividades de alfabetização entre outras.

A escolaridade, atualmente em Portugal, é obrigatória até ao 12ºano, ou até atingir os 18 anos de idade.

2. Territórios Educativos de Intervenção Prioritária

Criados a partir do Despacho 147-B/ME/96, de 1 de agosto, os territórios educativos de intervenção prioritária, surgem em Portugal em 1996. Assentam na elevação da igualdade de oportunidades inscrevendo-se através da adoção de “medidas de discriminação positiva” que já haviam sido testadas por vários países (Dias, 2012, p.10).

Este despacho deu oportunidade às escolas de aderirem aos Programas de Territórios Educativos de Intervenção Prioritária, de forma a criarem projetos que melhorassem a

qualidade das aprendizagens e melhorassem o ambiente educativo, no sentido de trabalhar com os alunos diversas problemáticas, promover a inclusão social dos mesmos tanto na escola como no mercado de trabalho, promover também o sucesso escolar e combater situações de violência e indisciplina.

O Programa dos Territórios Educativos de Intervenção Prioritária é relançado pelo despacho nº 55/2008, de 23 de outubro, entrando assim o programa TEIP na segunda geração.

De acordo com a Direção Geral de Educação (2023) as Escolas TEIP localizam-se em territórios desfavorecidos, tanto a nível económico como social. Estes territórios estão marcados pela exclusão social e pobreza. Problemáticas como a violência, a indisciplina, o abandono escolar e o insucesso escolar estão bastante presentes nestes contextos. Através das escolas TEIP pretende-se uma redução e uma prevenção destas problemáticas referidas anteriormente e também uma consequente promoção do sucesso e aproveitamento escolar dos alunos.

Segundo ainda a fonte anterior, as escolas TEIP pretende também desenvolver vários projetos inovadores que pretendem melhorar a qualidade de vida no contexto escolar. Quatro dos objetivos principais são: a promoção de um melhor ambiente escolar, a integração e articulação da obrigatoriedade de frequentar a escola, aproximando assim os vários ciclos escolares e melhorar a organização das políticas educativas.

Estes programas TEIP dão origem a um novo modelo de gestão que pretende uma maior autonomização das escolas e uma *“descentralização e partilha de poder no processo educativo”*, tendo isto como principal missão a *“igualdade do acesso e do sucesso educativo da população escolar do ensino básico, universal e gratuito”* esta missão dirige-se a todas as crianças e jovens do país, mas principalmente a crianças e jovens que estejam em situação de exclusão escolar e social (Dias, 2012, p. 41).

Pretende-se assim que as escolas TEIP sejam o elo da coesão social e que sejam o suporte de uma educação de qualidade que visa promover o sucesso escolar de todos os alunos (Dias, 2012).

Segundo o despacho normativo nº 55/2008, de 23 de outubro, este programa TEIP pretende criar medidas para dar resposta às necessidades específicas encontradas em

cada território escolar, pois estas necessidades variam de contexto para contexto territorial. As aplicações destas medidas abrangem vários domínios como:

- Estabelecimento da relação entre a escola e o mundo profissional, para que aos planos curriculares sejam incluídos processos de aprendizagem relativamente a determinadas profissões;
- Apoio educativos especiais;
- Sensibilização para o empreendedorismo;
- Construção de ferramentas que acompanhem os projetos de estudo e de formação estabelecidos;
- Dotação em pessoal docente e não docente;
- Prevenção da violência e acompanhamento de atividades não só dentro do contexto escolar como também no exterior.

O projeto educativo de cada aluno deve ter vários fatores em consideração, tais como: a realização de um diagnóstico que envolva o próprio aluno, a escola e a rede de parceiros; o estabelecimento de objetivos, prioridades, impactos esperados; a necessidade de se encontrem as metodologias direcionadas e apropriadas a cada aluno; a realização de um plano de atividades e as suas metas a atingir e a avaliação deste projeto individual. (Despacho normativo nº 55/2008, de 23 de outubro).

Segundo o despacho normativo nº 55/2008, de 23 de outubro, este programa, Territórios Educativos de Intervenção Prioritária, pretende uma escola pública, que promova a igualdade, equidade e dignidade de todos que a frequentam. Pretende também contribuir para uma sociedade que tenha como princípios a liberdade, a justiça, a solidariedade e a democracia.

3. Serviço Social no Sistema Educativo

De acordo com Witiuk (2004) citado em Andrade (2021), nos anos de 1906, nos Estados Unidos da América, começam a surgir os primeiros Assistentes Sociais nas escolas com o objetivo de perceber as causas do insucesso escolar do aluno e o abandono escolar. Na Europa, quando os Assistentes Sociais começaram a emergir no sistema educativo, foram inseridos em equipas multidisciplinares constituídas por professores e psicólogos. A intervenção dos Assistentes Sociais assentava principalmente nos problemas sociais que pudessem interferir com o sucesso escolar dos alunos (Oliveira, 2013, citado em Andrade,2021).

Recuando até à Primeira República e de acordo com Mendes (2017), é por volta desta altura que surge o Serviço Social nas escolas através da criação de serviços de higiene escolar nos liceus.

Com o desenvolvimento da industrialização a partir da década de 50, as alterações sociais fizeram-se sentir na escola, pois esta passou a estar disponível a todas as classes sociais.

Devido a esta mudança referida anteriormente, emerge a necessidade de perceber a *“vida emocional da criança e encarar as suas necessidades, para uma correta adaptação à sua experiência escolar”* (Semblamo, 2013, p.62).

Após os anos 60 e no decorrer do reconhecimento da formação de Serviço Social como curso superior, os Institutos de Serviço Social de Lisboa e de Coimbra assumem um papel bastante importante no desenvolvimento do Serviço Social escolar, com a realização de estágios curriculares e projetos piloto, onde as alunas de Serviço Social *“desenvolviam projetos de desenvolvimento das populações e de integração escolar do aluno”* (Semblamo, 2003, p.65).

Passando pela Primeira República, anos 50 e anos 60, chegamos aos anos 70 e em 1971 é criado o Instituto de Ação Social Escolar (IASE), este instituto tinha como objetivo auxiliar os alunos mais desfavorecidos economicamente e garantir estruturas de apoio ao estudante (Mendes, 2017).

Após a revolução do 25 de Abril de 1974 surgiram algumas alterações, alterações estas que originam os Centros de Medicina Pedagógica, onde também estão integrados os Assistente Sociais. A sua intervenção centrava-se no acolher, orientar ou encaminhar o aluno para uma melhor integração escolar, com intervenção direta perto das escolas, famílias e alunos, através de uma equipa multidisciplinar mais alargado, com inclusão de Assistentes Sociais.

Em maio de 1991, surgem os Serviços de Psicologia e Orientação (SPO), que integram na sua constituição o Assistente Social, estes são identificados como *“um fator de inovação que contribuirá decisivamente para a concretização da igualdade de oportunidades, para a promoção do sucesso educativo e para a aproximação entre a família, a escola e o mundo de atividades profissionais, melhorando a rede de relações recíprocas indispensáveis ao desenvolvimento pessoal, interpessoal e comunitário no contexto escolar nacional”* (Decreto-Lei nº 190/91, de 17 de maio, citado em, Mendes, 2017, p.24).

Segundo Mentis (2017), em 1993, os Municípios e as Direções Regionais de Educação ficaram com a responsabilidade das competências de ação social escolar.

Como referido anteriormente a partir da década de 90 do século XX que o Ministério da Educação português começa a apresentar a implementação de várias políticas e educativas que pretendem promover o sucesso escolar. A Direção-Geral da Educação considerou algumas medidas de promoção do sucesso educativo: *“Programa Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP), Metodologia Fénix, Metodologia Turma Mais, Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF), Percursos Curriculares Alternativos (PCA), Cursos Vocacionais, Portefólio de Práticas”*. Pretende evidenciar-se aqui as medidas e os programas que permitem a integração de Assistentes Sociais em contexto escolar a partir da década referida anteriormente, priorizando aquelas que foram permitindo e favorecendo a contratação de assistentes sociais nas escolas (Mendes, 2017, p.28).

Os Assistentes Sociais, voltam então em força às escolas após a implementação dos projetos TEIP e das turmas PIEF, e posteriormente, dos Contratos de Autonomia e o Programa Nacional para a Promoção do Sucesso Escolar (Mendes,2017).

De acordo com Gomes (2015) e com o site do Agrupamento de Escolas Ordens de Sant'ago (2023) o Assistente Social nas escolas TEIP encontra-se integrado numa equipa multidisciplinar, composta por vários técnicos de diferentes áreas. A sua intervenção passa por promover o sucesso escolar e inclusão social dos alunos, combater o absentismo escolar, diagnosticar situações de crianças e jovens em risco ou perigo e articular com toda a comunidade educativa, famílias dos alunos e parceiros locais. Sensibiliza também os alunos para as problemáticas da sociedade. Intervém com os alunos tanto em sala de aula como individualmente.

De acordo com a Direção Geral da Educação (2021), estes programas/projetos implementados nas escolas e em vigor até aos dias de hoje tem como principais objetivos: a promoção do sucesso escolar, a garantia de que todas as crianças, consigam aceder às aprendizagens necessárias, para terminarem a escolaridade com competências a vários níveis, competências estas bastante necessárias para a vida em sociedade, a promoção da inclusão social, o combate ao abandono escolar precoce e ao absentismo e uma redução da indisciplina na escolas.

Com o aparecimento gradual de novas problemáticas sociais que interferem diretamente nas escolas, a prática de atuação dos Assistentes Sociais é cada vez mais essencial no sistema educativo (Andrade, 2021).

Segundo Carvalho (2018), o facto do ensino se ter tornado obrigatório, faz da escola um sítio onde se juntem crianças e jovens diferenciados uns dos outros e com percursos e experiências de vida bastante heterogéneos. Para combater estas questões têm sido criados programas e projetos específicos, como vimos anteriormente.

Segundo ainda a autora supracitada, atualmente, existem cada vez mais assistente sociais e exercer funções nas escolas. Estes técnicos são contratados ou pelas autarquias ou pelo Ministério da Educação.

Tendo em conta o número de alunos por escolas e o número de agrupamentos em funcionamento, verifica-se um rácio alarmante na fraca inserção de profissionais de serviço social. Mendes (2017), realizou um estudo sobre a Inserção Profissional de Assistentes Sociais na Escola Pública em Portugal Continental, que nos diz que num total de 881 agrupamentos, existem somente 112 assistentes sociais. Podemos

concluir que há agrupamentos que não têm assistentes sociais. Esta realidade acaba por espelhar a falta de investimento na profissão na área da educação.

Segundo Carvalho (2018), os assistentes sociais no contexto escolar estão inseridos em gabinetes de apoio ao aluno e à família. A legislação orientadora destes gabinetes não define concretamente quais as suas funções e o seu papel. Estes gabinetes estão dependentes das direções de cada agrupamento e regulam-se pelas regras e normas do próprio agrupamento.

A intervenção do assistente social não é algo recente na escola, contudo há uma enorme necessidade de clarificar conceptual e metodologicamente o papel do assistente social para que o serviço social se consiga afinar no contexto escolar. (Amaro & Pena, 2018)

Os assistentes sociais realizam várias atividades nas escolas, estas atividades podem-se desenvolver com os alunos, com os pais ou outros membros da família dos alunos ou com a comunidade educativa. Os técnicos de serviço social que realizam estas atividade, atuam na prevenção dos comportamentos de risco dos alunos, realizam uma mediação escola/família/instituições da comunidade, promovem, através dos encaminhamentos, o acesso a recursos sociais e analisam as realidades nos grupos de trabalho onde se inserem (Carvalho, 2018).

Segundo ainda a autora acima referida, no contexto escolar, os assistentes sociais pretendem promover os direitos humanos, mas principalmente o direito de todos os alunos acederem à educação, criando todas as condições necessárias para que isso aconteça, pois é de conhecimento geral que, apesar de haver leis que defendam estes direitos muitas vezes estes não são executados. Quando estes direitos, por algum motivo, não estão a ser assegurados aos alunos e às famílias o assistente social intervém.

As famílias e os alunos devem ser envolvidos no processo de mudança de forma a terem um pensamento crítico e uma consciencialização sobre a sua condição de vida e assim passarem de uma posição de sofrimento e de culpa para a compreensão das origens dos seus problemas. As pessoas acabam por perceber que a *“experiência de sofrimento está relacionada com a sua pertença a um determinado grupo oprimido”*. Contudo, este processo de mudança *“não se limita à adoção de um método de*

reflexão racional”, pressupõe uma mudança nas relações pessoais e nos contextos sociais (Healy,2001, citado em, Carvalho, 2018, p.12).

Antes de mais, as pessoas têm de reconhecer que são os principais interessados no processo de mudança. O papel do técnico de serviço social assenta: na aquisição de um carácter igualitário que pode dar origem a “ênfoque da mudança dirigida aos participantes”, na perseverança da equidade enquanto agente de mudança, substituir o facto do assistente social estar na liderança dos processos e passar a dar voz aos “clientes” e assim transferindo-lhe o poder de tomada de decisões sobre a sua própria vida (Carvalho, 2018, p. 12).

Para Carvalho (2018), a intervenção dos técnicos de Serviço Social na escola é bastante importante e acabar por fazer a diferença na vida dos alunos, das famílias e da comunidade. Os Assistentes Sociais têm uma enorme responsabilidade no contexto escolar, uma vez que as atividades onde estão envolvidos destinam-se a problemas heterogéneos, complexos e por vezes de resolução complicada.

Se por um lado, o papel do Assistente Social é fundamental na escola e é marcado pelas suas competências, por outro lado é importante ter em consideração, qual a perceção que as escolas têm desse papel. Se as escolas estão pouco sensibilizadas sobre a intervenção do Assistente Social também podemos assistir à falta de segurança que os próprios técnicos têm no exercício da sua profissão neste contexto ou a um vasto conjunto de tarefas que desempenha que acabam por dificultar a construção da identidade desta profissão no contexto escolar (Amaro & Pena, 2018).

4. Valores e Competências Específicas dos Assistentes Sociais

A Associação dos Assistentes Sociais apresenta uma definição de Serviço Social, aprovada em Assembleia Geral da IFSW e a IASSW, em 2014, em Melbourne, como sendo uma profissão de intervenção, profissão esta que tem como objetivo promover a mudança social, o empowerment, a promoção da pessoa e a coesão social. Existem princípios centrais do serviço social tais como: a justiça social, os direitos humanos, o respeito pela diversidade e a responsabilidade coletiva. O Serviço Social relaciona as

estruturas sociais com as pessoas para dar resposta aos desafios da vida e à melhoria do bem-estar social (Lameiras,sd).

“A definição de Serviço Social e sua visão e missão anunciados, ganha acrescido significado quando os assistentes sociais, como categoria profissional, se comprometem, ativamente, com a mesma. O Serviço Social é uma disciplina e uma profissão de expressão mundial que se rege por padrões teóricos-metodológicos, éticos e políticos, que se compromete com o aprofundamento e promoção dos valores e princípios inscritos também na definição global do Serviço Social” (Código deontológico dos Assistentes Sociais em Portugal, 2018, p.5).

Todas as profissões regem-se por determinados valores e o Serviço Social não é exceção.

O serviço social tem como valores fundamentais a *“Dignidade Humana, a Liberdade e a Justiça Social”* (Código deontológico dos Assistentes Sociais em Portugal, 2018, p.8).

Posto isto, e tendo em conta que que o Serviço Social promove a mudança social, o empowerment e a coesão social, e que a Dignidade Humana, a Liberdade e a Justiça Social são considerados os principais valores do Serviço Social é necessário abordar algumas das competências específicas que os Assistentes Sociais utilizam no seu desempenho publico.

Pegando no Código Deontológico dos Assistentes Sociais em Portugal, dá para concluir que as suas competências de atuação são a nível Político, Relacional, Psicossocial, Assistencial e Técnico-operativo e reflexivo.

Segue uma pequena transcrição onde descreve as competências referidas anteriormente.

As competências específicas que os assistentes sociais utilizam no seu desempenho publico são:

a) *“Políticas – exercer influência no sistema político e na opinião pública, visando a definição de políticas públicas, consciencializar e mobilizar pessoas e grupos para a defesa dos seus direitos;*

- b) *Relacionais – criar relações de respeito, confiança, empatia e cooperação para as mudanças necessárias, incluindo a construção de redes e parcerias;*
- c) *Psicossociais – desenvolver processos de ajuda, capacitação e acompanhamento social e suporte sociopedagógico;*
- d) *Assistenciais – responder a necessidades básicas das pessoas.*
- e) *Técnico-operativas e reflexivas – saber comunicar, mediar, diagnosticar, planear, executar e avaliar no quadro de uma abordagem de base científica, multidisciplinar e interdisciplinar.” (Código deontológico dos Assistentes Sociais em Portugal, 2018, p.6).*

É perceptível que o Assistente Social atua a vários níveis e que para cada nível tem diferentes formas de atuação.

5. Funções do Assistente Social e Níveis de Atuação em Contexto Escolar

Importa analisar as funções do Assistente Social no contexto escolar uma vez que a presente dissertação propôs-se estudar o perfil de atuação dos Assistentes Sociais no contexto escolar.

O Assistente Social defende a importância dos alunos, famílias e comunidade, serem agentes ativos no processo da sua própria mudança, envolvendo, consciencializando e responsabilizando os interessados face à mudança desejada (Reis,2021).

Promovendo assim alguns aspetos tais como a *“autodeterminação, autonomia e emancipação, tomando as suas próprias decisões de forma consciente e informada”* (Reis,2021, p.11).

Tendo em conta a multiplicidade de problemáticas com que o Assistente Social trabalha na escola (problemáticas estas que emergem de uma sociedade multicultural em constante transformação) acaba por desenvolver o seu trabalho em parceria e em rede com todos os parceiros da comunidade. O Assistente Social trabalha também em

constante articulação com os Diretores de Turma e toda a comunidade Escolar, (Reis,2021).

De acordo com Santos (2015), o Assistente Social está integrado em equipas multidisciplinares e desenvolve o seu papel através de várias formas: integrando os alunos com alguns problemas de adaptação no meio escolar; articulando com os professores dando informação importante sobre o contexto familiar e social onde o aluno está inserido e que pode vir a condicionar o seu sucesso escolar.

Neste sentido, o Assistente Social no contexto escolar, trabalha com as famílias dos alunos, pois estas são, a ferramenta mais importante para a resolução dos problemas escolares dos seus filhos. O Assistente Social deve então promover várias estratégias para envolver as famílias na vida escolar dos alunos.

Este envolvimento, segundo Santos (2015), pode ser realizado através de programas que visam trabalhar as competências parentais das famílias, para que estas assumam com responsabilidade a educação dos seus educandos.

Posto isto, segue a especificação da atuação do Assistente Social.

O Assistente Social atua a vários níveis, nomeadamente:

- *“Na identificação de fatores de risco, nomeadamente psicossociais que comprometam o desenvolvimento saudável e bem-estar integral do aluno e o seu sucesso escolar;*
- *Na prevenção dos comportamentos de risco dos alunos;*
- *Na informação, sensibilização e capacitação sobre problemáticas da atualidade;*
- *Na reparação/remediação de comportamentos perturbadores e disruptivos no espaço escolar e outras situações problemáticas;*
- *Nas relações interpessoais, através da Mediação, Gestão e Resolução Construtiva de Conflitos na escola;*
- *Na Mediação Social entre escola, família e restantes instituições da comunidade;*
- *Na promoção do acesso a recursos sociais, através de encaminhamento;*

- *Na Advocacia Social – defesa e promoção dos direitos humanos e sociais;*
- *No estudo e análise das realidades nos grupos de trabalho/ equipas multidisciplinares em que se insere;*
- *Na elaboração, implementação, desenvolvimento e avaliação de projetos de âmbito socioeducativo, de promoção de desenvolvimento pessoal, social e comunitário e de promoção do sucesso escolar do aluno” (Reis, 2021, p.13).*

O Assistente Social rege-se pelos princípios da flexibilidade, proximidade, confidencialidade e equidade. A sua finalidade é *“assegurar a igualdade de oportunidades, promover a integração social (erradicar a exclusão e discriminação social) e promover a igualdade de oportunidades e justiça social”* (Reis, 2021, p.11).

O Assistente Social tem assim um papel fundamental e imprescindível no contexto escolar uma vez que intervém com os aluno e respetivas famílias, com toda a comunidade educativa, nomeadamente com os docentes e não docentes e ainda articula com todas as entidades da comunidade.

Parte II - Enquadramento Metodológico

1. Questão de Partida

Uma investigação é o procurar de algo, é aprofundar o que se pretende conhecer com todas as dúvidas que possam existir por parte do investigador, para isso, este tem de ter uma ideia daquilo que pretende investigar. Este ponto de partida pode ser provisório e passível de alterações até ao final da investigação.

De acordo com Quivy e Campenhoudt (2013) o investigador deve encontrar uma linha condutora que lhe permita iniciar a sua investigação da forma coerente e estruturada.

O livro de Quivy e Campenhoudt apresenta-nos uma forma de iniciar uma investigação que se tem mostrado eficaz, esta forma “*Consiste em procurar enunciar o projeto de investigação na forma de uma pergunta de partida, através da qual o investigador tenta exprimir o mais exactamente possível o que procura saber, elucidar, compreender melhor*” (Quivy e Campenhoudt, 2013, p.31,32).

Posto isto, o presente trabalho tem com questão de partida:

“Qual o perfil de atuação dos Assistentes Sociais que exercem funções no Contexto de Escolas TEIP na NUTS II - Alentejo ?”

Como já referido anteriormente, neste caso e tendo em conta a questão de partida, foi importante estudar conceitos como Sistema Educativo em Portugal, Territórios Educativos de Intervenção Prioritária, Serviço Social no Sistema Educativo, Valores e Competências Específicas dos Assistentes Sociais e Funções do Assistente Social e Níveis de Atuação em Contexto Escolar.

A mestranda pretendeu estudar este contexto específico na NUTS II - Alentejo, pois após uma pesquisa chegou à conclusão que há poucos estudos relativos ao perfil do Assistente Social no contexto escolar neste território em questão.

2. Objetivos de Investigação

De maneira a conseguir dar resposta à questão de partida referida anteriormente, é fundamental definir os objetivos gerais e específicos. Estes objetivos pretendem estruturar a investigação e esclarecer o que o investigador pretende estudar.

Objetivo Geral

Este trabalho de investigação tem como objetivo geral:

“Caracterizar o Perfil de Atuação dos Assistentes Sociais no Contexto de escolas TEIP na NUTS II - Alentejo”

Objetivos Específicos

O presente trabalho de investigação tem como objetivos específicos:

“Analisar o percurso profissional dos Assistentes Sociais inseridos em Escolas TEIP”.

“Identificar as principais funções dos Assistentes Sociais no Contexto de Escolas TEIP”.

“Identificar os métodos de intervenção dos Assistentes Sociais no Contexto de Escolas TEIP”.

“Identificar o público alvo com o qual os Assistentes Sociais intervêm no Contexto de Escolas TEIP”.

“Determinar quais os fatores que interferem na prática dos Assistentes Sociais no Contexto de Escolas TEIP”.

“Analisar o trabalho em rede realizado pelos Assistentes Sociais no Contexto de Escolas TEIP”.

“Perceber as mais valias do trabalho em rede dos Assistentes Sociais inseridos em Escolas TEIP com os parceiros da comunidade”.

“Perceber a relevância que os próprios Assistentes Sociais reconhecem na sua ação profissional nas Escolas TEIP”.

3. População e Amostra

Quando falamos em universo ou população estamos a falar de todo o conjunto que se quer estudar. A amostra é apenas uma parte reduzida desta população ou universo (Bravo, 2013 citado em Santos 2015).

O universo de estudo são as escolas TEIP da NUTS II Alentejo, a esta NUTS estão associadas vinte escolas TEIP, tendo em conta este número reduzido de escolas não foi necessário encontrar uma amostra.

Primeiramente foi realizado um levantamento para perceber quais destas vinte escolas têm Assistentes Sociais e se estariam interessados em participar na investigação.

4. Método e Técnicas de Recolha de Informação

Num projeto de investigação é importante escolher qual o método e técnicas de recolha de informação que o investigador vai utilizar.

No presente trabalho, o método de investigação utilizado é o Estudo de Caso, uma vez que este método pretende estudar de forma empírica um determinado fenómeno numa determinada realidade social, com o objetivo de conhecer, perceber e explicar o que ocorre nesse contexto (Cohen et al., 2018; Branski et al., 2010, citados por Traqueia et al., 2021). O objetivo deste trabalho de investigação em questão é perceber o perfil de atuação dos Assistentes Sociais que exercem funções no contexto de escolas TEIP na NUTS II - Alentejo.

Este trabalho de investigação assenta numa abordagem metodológica maioritariamente de carácter qualitativo uma vez que pretende descrever o estudo através de impressões e de pontos de vista. Assim no presente trabalho, recorreu-se ao uso de entrevista semiestruturada (Traqueia et al., 2021). Este estudo assenta também numa metodologia quantitativa, pois a entrevista utilizada neste estudo recolhe dados que também podem ser observados e calculáveis.

Assim sendo, as técnicas de recolha de informação utilizadas são: técnica documental onde está incluída a pesquisa documental e técnica não documental onde esta incluída a entrevista semiestruturada (Alves, 2017).

Segundo A. Júnior & N. Júnior (2011) o ponto de partida de um projeto de investigação deve assentar numa recolha de dados. Para essa recolha é preciso, numa primeira instância, fazer-se uma pesquisa bibliográfica.

Posteriormente o investigador deve encontrar outra técnica de recolha de informação para complementar e comprovar a pesquisa bibliográfica.

Como já referido anteriormente a entrevista semiestruturada é uma das técnicas de recolha de dados utilizadas do presente trabalho.

Recorreu se a esta técnica, por haver a necessidade de alcançar dados que não estão presentes nas fontes documentais, havendo a hipótese de estes dados serem fornecidos por determinadas pessoas (A.Júnior & N.Júnior, 2011).

A entrevista é a técnica a que mais investigadores recorrem para fazer o trabalho de campo e recolher informações que necessitam. A entrevista é considerada por muitos uma “*modalidade de interação entre duas ou mais pessoas*” (Batista et al 2017, p3).

Segundo Ribeiro citado em A. Júnior & N. Júnior (2011), esta técnica permite ao pesquisador, para além de conhecer melhor o seu objeto de estudo, observar as atitudes, valores e sentimentos do seu entrevistado.

Primeiramente foram contactadas as vinte escolas TEIP da Nuts II - Alentejo, nomeadamente Agrupamento de Escolas de Aljustrel, Agrupamento de Escolas n.º 1 de Beja, Agrupamento de Escolas de Moura, Agrupamento de Escolas de São Teotónio, Odemira, Agrupamento de Escolas de Sabóia, Odemira, Agrupamento de Escolas n.º 1 de Serpa, Agrupamento de Escolas de Estremoz, Agrupamento de Escolas Manuel Ferreira Patrício, Évora, Agrupamento de Escolas de Mourão, Agrupamento de Escolas de Vendas Novas, Agrupamento de Escolas de Vila Viçosa, Agrupamento de Escolas de Alter do Chão, Agrupamento de Escolas de Avis, Agrupamento de Escolas n.º 1 de Elvas, Agrupamento de Escolas de Monforte, Agrupamento de Escolas de Ponte de Sôr, Agrupamento de Escolas José Régio,

Portalegre, Agrupamento de Escolas de Coruche, Agrupamento de Escolas de Torrão, Alcácer do Sal e Agrupamento de Escolas de Sines.

Foi enviado um email para todas as direções a explicar em que consistia esta dissertação de mestrado e a pedir a colaboração dos técnicos Assistentes Sociais afetos ao agrupamento.

Dos vinte agrupamentos contactados, primeiramente a aluna obteve seis respostas. Perante a fraca aderência ao estudo, sentiu-se a necessidade de insistir e reforçar os contactos com os agrupamentos. Foram também realizados contactos privilegiados com alguns agrupamentos devido à ausência de respostas. Perante estas diligências formais e informais obteve-se ainda mais uma resposta de uma técnica de Serviço Social de um Agrupamento em estudo, passando assim a aluna a ter sete respostas de sete agrupamentos.

Tendo em conta os sete agrupamentos que responderam apenas quatro participaram no estudo.

A diretora de um destes sete agrupamentos informou sobre a inexistência de Assistente Social na escola.

Um outro agrupamento referiu, haver Assistente Social na escola a desempenhar funções de técnica de Intervenção Local, a própria que respondeu ao email. Mais informou que não existia ninguém, na equipa técnica do agrupamento, a desempenhar as funções de Serviço Social. Uma vez que a intenção seria compreender o Perfil de atuação dos Assistentes Sociais no Contexto de escolas TEIP na NUTS II - Alentejo, a técnica de serviço social que respondeu ao email, não considerou pertinente a sua resposta a esta entrevista, uma vez que, as suas funções não iam ao encontro do objeto de estudo.

A Assistente Social de um destes sete agrupamentos, respondeu ao email a prontificar-se para a entrevista, foi marcada uma data, contudo, esta data precisou de ser alterada por motivos familiares da mestranda, faltando a mesma à reunião agendada. A Assistente Social foi novamente contactada para agendar uma nova data, contudo, não houve qualquer resposta a este email de reagendamento.

As Assistentes Sociais de quatro agrupamentos responderam positivamente ao pedido de colaboração na presente dissertação. Foram agendadas datas para a realização da entrevista via zoom.

Antes da entrevista, as Assistentes Sociais preencheram e enviaram o consentimento informado assinado e datado, onde autorizavam a realização da entrevista com captura de vídeo e a explicar todos os procedimentos relacionados com o RGPD. É possível encontrar este documento no Apêndice 1.

Todas as entrevistas foram realizadas via Zoom.

A entrevista semiestruturada aplicada continha questões abertas e fechadas, assim o entrevistado teve liberdade suficiente para responder e não se agarrar à questão realizada. O guião de entrevista, que consta no apêndice 2, foi realizado com base num modelo de análise anteriormente elaborado, que por sua vez foi construído tendo em conta os objetivos desta investigação.

Todos os participantes foram esclarecidos sobre o estudo em questão e para que serviria. Foram informados que as informações partilhadas eram exclusivamente para o estudo em causa, garantindo-se confidencialidade e anonimato.

A construção do guião de entrevista aplicado aos Assistentes Sociais das escolas TEIP do Alentejo teve presente as dimensões, sub dimensões e indicadores que constam na tabela 1.

Tabela 1. Modelo de Análise

Conceitos	Dimensões	Subdimensões	Indicadores	Técnicas de recolha
	Caracterização pessoal do Assistente Social	Perfil pessoal do Assistente Social	Sexo Idade Tempo de Licenciatura	Entrevista

Assistente Social no Contexto Escolar	Caracterização profissional do Assistente Social	Experiência Profissional do Assistente Social	<p>Experiência profissional enquanto Assistente Social;</p> <p>Experiência profissional enquanto Assistente Social no Contexto Escolar;</p> <p>Concurso ou Programa que o/a fez ingressar na Escola onde desempenha funções atualmente;</p> <p>Gabinete Socioescolar onde o/a Assistente Social faça parte integrante;</p> <p>Características que um Assistente Social deve ter no contexto escolar;</p> <p>Número de Assistentes Sociais afetas ao Agrupamento e as suas funções específicas;</p>	<p>semiestruturada</p> <p>Entrevista semiestruturada</p>
	Caracterização do Perfil do Assistente Social em Contexto Escolar	Perfil Profissional do Assistente Social	<p>Principais funções que o Assistente Social desempenha no contexto escolar</p> <p>Caracterização Público-alvo com quem o/ Assistente Social trabalha no contexto escolar;</p> <p>Métodos de intervenção do/a Assistente Social no contexto escolar (grupo e/ou individualmente);</p> <p>Principais constrangimentos sentidos no exercício da sua profissão no contexto escolar;</p> <p>Principais desafios sentidos no trabalho</p>	Entrevista semiestruturada

			<p>com os alunos e respetivas famílias;</p> <p>Serviços da comunidade parceiros da escola;</p> <p>Impacto e mais valia do trabalho em rede com os parceiros da comunidade;</p> <p>Descrição da relação do Assistente Social com a restante comunidade educativa;</p> <p>Mais valias da existência de um Assistente Social no contexto escolar;</p> <p>Opinião sobre a, incipiente, representação do Serviço Social no contexto escolar em Portugal;</p>	
--	--	--	---	--

Fonte: Elaboração da Autora

5. Técnicas de Análise e Tratamento de Dados

Após a recolha dos dados e a transcrição das respostas dos entrevistados a fase que se seguiu foi a análise e tratamento dos mesmos.

Como a técnica de recolha de informação foi a entrevista, segundo Henriques (2014), a técnica mais apropriada para a análise e tratamento da mesma será a análise de conteúdo.

A análise de conteúdo é considerada um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que acaba por utilizar procedimentos sistemáticos e por realizar descrições do conteúdo das mensagens dos entrevistados. O autor organiza estas técnicas em três fases: “1) *pré-análise*, 2) *exploração do material* e 3) *tratamento dos resultados, inferência e interpretação*” (Bardim 2006, citado em, Mozzato & Grzybovski 2011, p.735).

A fase da pré-análise pretende organizar as ideias e informações recolhidas e sistematiza-las. A fase da exploração pretende explorar o material, identificar as unidades de registo e as unidades de contexto nos documentos. Esta fase é uma fase importante uma vez que possibilita uma boa interpretação dos dados. A terceira fase realiza o tratamento e interpretação dos resultados. É nesta fase que se realiza a análise crítica (Bardim 2006, citado em, Mozzato & Grzybovski 2011).

Após a realização das entrevistas e da sua transcrição procedeu-se à exploração do material recolhido para análise e tratamento de dados através da Análise de Conteúdo que consta no apêndice 3.

As quatro entrevistas encontram-se nos anexos 1, 2, 3 e 4.

Parte III - Análise e Discussão dos Dados

1. Análise dos Dados

De acordo com a tabela de análise de conteúdo, toda a população que foi entrevistada pertence ao sexo feminino, as quatro técnicas que participaram no estudo têm idades compreendidas entre os trinta e nove e os quarenta e dois anos, são licenciadas há mais de quinze anos. Apenas uma revelou que o seu percurso profissional foi sempre dedicado exclusivamente ao ensino, tendo as outras três técnicas integrado outros projetos de ação social, constituindo também CPCJ's e/ou realizados estágios profissionais noutra área de atuação, antes de ingressarem no contexto escolar.

Exercem funções no contexto escolar entre os catorze e quinze anos e neste momento estão as quatro efetivas. Três das técnicas ingressaram na escola através dos projetos TEIP e uma ingressou através de um estágio profissional do IEFPP, todas efetivaram através do PREVPAP.

Quando questionado às Assistentes Sociais se faziam parte integrante em algum gabinete socioescolar, houveram respostas muito distintas, a primeira entrevistada disse que fazia parte integrante de um Gabinete de Apoio à Família e ao Aluno, a segunda entrevistada não está integrada em nenhum gabinete específico, trabalha com algumas turma PIEF, a terceira entrevistada referiu que trabalha com os serviços

técnicos pedagógicos e referiu também que têm sinalizações de alunos, mas não têm nenhum gabinete específico e a quarta entrevistada mencionou que integrava o Gabinete de Apoio Psicossocial.

Quanto às características que um Assistente Social deve ter no contexto escolar, as três primeiras entrevistadas mencionaram a empatia como uma característica que o Assistente Social deve ter no desempenho das suas funções. Para além disso a entrevistada um fez referência também à importância do acompanhamento aos alunos de uma forma mais informal, nos corredores, nos intervalos, horas de almoço. Também referiu ser importante o envolvimento que tem junto de turmas, num trabalho de grupo. A entrevistada dois mencionou também o quão importante é saber ouvir e a importância do sigilo profissional. A entrevistada três fez ainda um comentário ao facto da abordagem que se deve ter com o público-alvo, dizendo que “(...) *se formos nariz empinado, não chegamos a este público (...)*” e a entrevistada quatro referiu que um Assistente Social deve ter uma boa capacidade de mediação, resiliência e discurso multidimensional. Acrescenta ainda que é importante estar-se informado da cultura de cada aluno, neste caso específico a cultura dos alunos de etnia cigana, que são a maioria dos alunos com quem a técnica trabalha.

Nos agrupamentos de escolas das entrevistadas um, dois e quatro, existem dois Assistentes Sociais. A entrevistada um, referiu que ela própria faz parte do GAAF e a sua colega é TIL, técnica de intervenção local do PIEF. Já a entrevistada dois referiu que tanto ela como a sua colega são TIL e que trabalham as duas com diferentes turmas PIEF, acrescentou ainda que a colega atualmente se encontra muito do seu tempo no GAAF pois a sua turma PIEF é bastante reduzida. A entrevistada quatro esta inserida no Gabinete de Apoio Psicossocial e o seu colega é TIL. A entrevistada três é a única Assistente Social no seu agrupamento.

No que diz respeito às funções que os Assistentes Sociais desempenham no contexto escolar a entrevistada um, referiu que intervém com alunos, famílias, com a comunidade escolar, e que faz articulação com os parceiros. A entrevista dois referiu que o seu trabalho se resume à mediação entre alunos e famílias, articulação dentro da escola e com entidades locais, bem como empresas. Pertence ao grupo que elabora a constituição de turmas onde faz uma avaliação da parte familiar. É representante do pessoal não docente das técnicas especializadas e pertence ao conselho geral. Realiza

visitas domiciliárias quando é necessário. A entrevistada três coordena os serviços, pertence à EMAEI, está no conselho pedagógico, faz articulação com as estruturas da comunidade. Realiza programas de prevenção que trabalham as competências socio-emocionais dos alunos a nível no primeiro ciclo. As funções da entrevistada quatro assentam na mediação entre alunos/ família/ comunidade educativa, efetua diagnósticos pela identificação de fatores de risco de abandono escolar, realiza encaminhamento de situações para as entidades parceiras. Tanto a intervenção com alunos, intervenção com famílias e comunidade escolar, como o trabalho em rede são as duas subcategorias que todas as entrevistadas têm em comum.

A entrevistada um, intervém com alunos desde o pré-escolar até ao nono ano, sempre que sinalizados, referiu ainda que as sinalizações são mais comuns no segundo e terceiro ciclo. A entrevistada dois acompanha três turmas PIEF de terceiro ciclo, acrescentou ainda que para além destas turmas acompanha pontualmente alunos de outras turmas sem ser PIEF, mas sempre alunos de etnia cigana.

A entrevistada três referiu que intervém a nível de 1º ciclo, contudo, sempre que é sinalizada uma situação social a técnica mencionou que intervém em todos os ciclos do agrupamento, pré-escolar, 1º, 2º e 3º ciclo e a entrevistada quatro intervém com alunos do pré-escolar até ao secundário.

Relativamente aos métodos de intervenção dos Assistentes Sociais no contexto escolar, a intervenção é realizada em grupo e/ou individualmente, a entrevistada um, três e quatro referiram que tanto trabalham de forma individualizada com os alunos como trabalham em grupo, nas intervenções em turma. A entrevistada dois mencionou que a sua intervenção era maioritariamente individual e que a sua colega que estava “*emprestada ao GAAP*” é que costumava realizar as atividades em grupo. Referiu ainda que sempre que solicitada participa nos projetos da escola, alguns até ela própria faz toda a preparação. Informou ainda que quando está em sala de aula convida alguém a desenvolver ações com o grupo.

Tende em conta os principais constrangimentos que os Assistentes Sociais sentem ou sentiram no exercício da sua profissão no contexto escolar, é visível que a subcategoria “Professores e/ou Restante Comunidade Educativa” é a que tem mais respostas em comum. A entrevistada um frisou o facto do trabalho em equipa e cooperação com os diretores de turma não ser visto por todos da mesma forma, uma

vez que os diretores de turma *“sempre foram habituados a gerir certo tipo de coisas que é legítimo”* acrescentou que *“(…) não estamos a tirar comparecências ao diretor de turma, mas estamos a trabalhar em equipa (…)”*. A entrevistada um, referiu ainda como principal constrangimento que quando encaminhada uma situação, as resoluções da mesma fogem do alcance da escola e que a escola não pode participar na decisão final, pois são encaminhadas para os parceiros competentes e as situações ficam a depender desses serviços. A entrevistada dois referiu como constrangimento o facto dos professores que trabalham com as turmas TEIP terem pouco interesse e pouca motivação para trabalhar com estes públicos, referindo também que *“(…) isso é difícil no dia-a-dia gerir isso emocionalmente é difícil (…)* depois tenho que fazer intervenção com os alunos, tenho de fazer intervenção com o professor (…)*”*. A entrevistada três refere que o seu principal constrangimento é o facto de não ter tempo para fazer tudo pois é a única Assistente Social para todos os ciclos, acrescenta ainda que no início a sua intervenção era mais dificultada pois os professores não sabiam quais eram as funções do Assistente Social, mas que agora sabem. A entrevistada quatro expõem que o seu principal constrangimento no início da sua atividade profissional foi o facto de haver uma grande resistência por parte da comunidade educativa em aceitar a sua intervenção, neste momento a principal dificuldade sentida é a desvalorização que as famílias demonstram em relação à escola e que acaba por dificultar a intervenção com as mesmas.

Em relação aos principais desafios sentidos no trabalho com os alunos e respetivas família, a maioria das entrevistadas apontou como subcategoria principal o facto de haver um distanciamento e/ou desvalorização da escola por parte da família. A entrevistada um, referiu que por vezes é difícil chegar até algumas famílias pois há momentos que não vêm à escola, referiu ainda que *“(…) nós temos mesmo que ir ao encontro das necessidades do que eles precisam e às vezes não é daquilo que nós queremos trabalhar mas é daquilo que as pessoas mais gostam e acho que isso é falta da proximidade e torna-se um constrangimento a gente poder ir ao encontro realmente das necessidades das famílias porque elas são todas muito dispersas, o que é necessário para uma não é necessário para outra (…)”*. Em relação aos alunos a entrevistada um, salientou que a mudança pretendida no comportamento dos alunos não acontece de forma imediata *“(…) O desafio pode ser que eles, os alunos, atinjam aquilo que nós queremos, mas isso depende deles do comportamento e das decisões*

que eles queiram tomar (...)". A entrevistada dois, refere que o principal desafio começa por haver uma grande desmotivação e a falta de interesse do público alvo com quem trabalha *"(...) há um choque de culturas muito grande, na escola nota-se um desinteresse e uma descontextualização porque efetivamente o contexto e a cultura a que as famílias pertencem e estes alunos é muito distante e diferente daquilo que é o contexto escolar (...) a partir de uma determinada idade os alunos sentem-se desenraizados, esta instituição não lhes diz nada (...)"*. Acrescenta ainda que é muito difícil fazer os pais entenderem a utilidade e importância da escola na vida dos seus filhos. A entrevistada três referiu como um dos desafios o contexto social, económico e a saúde mental dos alunos e famílias. Outro desafio encontrado pela entrevistada anteriormente referida é o facto de os alunos terem pouco domínio sobre a gestão de emoções, não saberem lidar com a frustração, serem agressivos nas respostas e terem dificuldade em *"(...) saber aceitar um não (...)"*. A entrevistada 4 referiu que os principais constrangimentos na intervenção com as famílias é o facto de estas desvalorizarem a escola, não darem o devido acompanhamento na vida escolar dos seus educandos, acabando por não lhes transmitirem as competências necessárias.

Em relação ao Serviços da comunidade parceiros da escola as quatro entrevistadas referiram as autarquias, as forças policiais, as unidades de saúde, a segurança social, a equipa de RSI, a CPCJ a EMAT, o CAFAP, serviços de ação social, lares e alguns projetos da sociedade. A entrevistada um, referiu para além destes, a Cáritas e o NAV. A entrevistada dois, referiu ainda o centro de emprego, os bombeiros, o instituto de reinserção social e o CLDS. A entrevistada três, referiu para além dos parceiros comuns com os quatro agrupamentos a Associação cabo-verdiana e um projeto que aborda as questões das vítimas de violência doméstica.

As quatro entrevistadas consideraram uma mais valia poderem trabalhar com os parceiros da comunidade. A entrevistada um, refere que o trabalho com a articulação dos parceiros é mais facilitado *" (...) sem eles obviamente que é mais difícil tentarmos desbloquear alguns obstáculos que vão surgindo, é sempre importante esta articulação com a comunidade e com os serviços que nos apoiam(...)"* A entrevistada dois refere que o facto de trabalharem em parceria não torna o trabalho redutor *" (...) e eu sempre defendi que o estabelecimento de parcerias e a manutenção destas parcerias é fundamental para o nosso trabalho de Assistente Social neste Agrupamento"*. A entrevistada três refere que ao trabalhar com os parceiros

conseguem “(...)juntar uma porção de áreas e analisar a situação de diferentes famílias (...) consegues facilmente detetar problemas e entre todos e ajudar sem estar a subcarregar a família (...) com vários atendimentos” e a entrevistada quatro demonstra também o seu agrado com o trabalho em rede salientando a importância deste para “ (...) que se possa levar a cabo uma intervenção assertada e concertada (...)”. A entrevistada um, apesar de reconhecer a importância do trabalho com os parceiros, acrescentou ainda que este trabalho em articulação, em alguns casos, pode-se tornar um constrangimento pois, como referido anteriormente quando uma situação é encaminhada para os parceiros, o Assistente Social pode não participar na decisão final da situação e esta situação acaba por lhe fugir ao controlo.

Apesar de um dos principais constrangimentos enumerados numa questão a cima exposta, ter haver com os professores e/ou restante comunidade educativa, ao tentar perceber a relação do Assistente Social com comunidade educativa, as quatro entrevistadas consideram ter uma boa relação com os seus colegas diretos (técnicos especializados), com os professores, com os auxiliares de ação educativa. A entrevistada um, referiu ainda que “Foi uma evolução que se foi sentindo aos longos dos tempos na proximidade com os professores (...)” Referiu também que é importante o trabalho em articulação dentro da escola. Salientou ainda a boa relação com a direção do agrupamento. A entrevistada três acrescentou ainda à ideia comum das quatro entrevistadas que tem sido um processo tanto com os professores como com a direção “(...) foi sempre um processo, tudo o que é novo é aquilo que os professores querem, eles esquecem-se que somos técnicos e temos a nossa opinião técnica e dão-nos autonomia técnica para as coisas, e às vezes dizemos coisas que eles não gostam. Nós a nível de direção tivemos um processo, no início foi mais complicado, eles perceberam que nós precisamos de estar na escola (...)”. Acrescentou ainda que neste momento têm uma ótima relação e que trabalham perfeitamente em equipa. A entrevistada quatro referiu que a rede multidisciplinar onde esta inserida acaba por suportar toda a intervenção.

Apesar de na atualidade o Assistente Social e a restante comunidade educativa terem uma boa relação, a maioria das entrevistadas realça que esta relação foi-se criando ao longo dos anos, e que no início do exercício das suas funções no contexto escolar havia alguma resistência por parte da comunidade educativa em aceitar a intervenção do Assistente Social.

Relativamente às mais valias das funções desempenhadas pelos Assistentes Sociais no contexto de escolas TEIP as quatro entrevistadas referiram que o Assistente Social tem uma visão e uma perspetiva completamente diferente dos outros técnicos da escola, entende os assuntos de um outro prisma. A entrevistada dois acrescenta ainda que *“(...) eu acho que cada vez mais na conjuntura social que se vive em Portugal, cada vez mais é fundamental que existe um assistente social no mínimo por escola, porque as portas da escola começaram a estar abertas a tudo o que é problema que existe dentro das quatro paredes dos alunos (...), tem que haver uma intervenção não só da parte escolar, do professor, pedagógica, e não só da parte do psicólogo, tem que haver uma intervenção mais alargada em que faz falta o assistente social (...) acho que somos fundamentais uns contextos mais do que outros mas é fundamental esta intervenção porque o psicólogo não consegue ver com as lentes do assistente social porque a formação é completamente diferente (...) aquilo que é o assistente social e aquilo que o assistente social pode dar, a intervenção que faz com o aluno, com a família, e com todo o meio à volta é completamente diferente da que faz o psicólogo (...) porque não havendo os outros técnicos acabam por ter que fazer da assistente social mas o ter que fazer de Assistente Social não é intervir enquanto assistente social, não têm formação (...)”*. A entrevistada quatro referiu também que, para além da preservativa de intervenção diferenciada que o Assistente Social possui, que é uma mais valia ter um Assistente Social num agrupamento pois consegue ter um contacto mais próximo com os serviços sociais na comunidade e que o Assistente Social é imprescindível ao nível de combate à indisciplina e absentismo escolar. Em traços gerais o olhar técnico diferenciado que o Assistente Sociais tem perante as situações e o acompanhamento especializado que o Assistente Social realiza com alunos e famílias foram as principais mais valias que as entrevistadas encontraram.

Quando foi solicitado às quatro entrevistadas para darem a sua opinião sobre a, incipiente, representação do Serviço Social no contexto escolar em Portugal, as respostas andaram em torno da falta de conhecimento que a escola tem sobre a intervenção e importância do Assistente Social neste contexto, falta de uniformização na intervenção no âmbito escolar e o facto de haver uma falta de reconhecimento por parte do governo da importância dos Assistentes Sociais em contexto escolar. A entrevistada um, referiu que muitas vezes existem educadores sociais ou técnicos de mediação a fazer o trabalho do assistente social, a mesma referiu que *“(...) costume*

dizer que nós aqui no serviço social na escola somos adolescente ainda, já não posso dizer que somos crianças porque já cá estamos a algum tempo nas escolas, mas fomos uma profissão muito adolescente no contexto escolar (...)” constatou que a nível geral “*(..) não há nada que ajude a uniformizar a intervenção do assistente social nas escolas ou seja cada um vai fazendo da melhor forma que pode e que consegue de acordo com as necessidades de cada escola ou de cada agrupamento, não há nada que nos una e acho que isso faz muita falta porque eu muitas vezes tenho dúvidas existenciais se estou a fazer as coisas bem ou se estou a fazer as coisas mal (...)*”. Refere ainda que os psicólogos têm a Ordem dos Psicólogos mas que os Assistentes Sociais não, e que há procedimentos que os Assistentes Sociais tomam consoante a experiência profissional e pessoal. Acrescenta ainda que há falta de união e de uniformização nos procedimentos de intervenção e que quando começar a haver esta uniformização é mais fácil para o Serviço Social se afirmar na escola. Terminou dizendo “*(..) faltam-nos aqui barreiras, somos muito flexíveis na área social, mas falta-nos aqui alguma coisa que nos vá organizando e eu sinto isso a algum tempo, mesmo em termos de documentação, eu faço de uma forma mas se calhar outra escola faz de outra forma qualquer, também pode ter a ver com a documentação interna do agrupamento, mas pronto, falta qualquer coisa que nos una a nós enquanto classe e enquanto serviço social (...)*”. A entrevistada dois acha, que muitas escolas ainda não têm Assistentes Sociais pelo facto de as direções não perceberem realmente a importância do Serviço Social nas escolas, diz que é uma questão de mentalidades e que como não reconhecem o papel do Assistente Social como prioridade, não vão buscar esse recurso. Considera também que esta incipiente representação dos assistentes sociais na escola é uma questão política e acha também que se deve ao facto de não haver uma ordem “*(..) não foi criada ainda a ordem dos assistentes sociais, somos facilmente desvalorizados, o nosso papel é facilmente desvalorizado em contexto escola (...)*”. A entrevistada três, referiu que as escolas não vêm a necessidade de um assistente social na escola e não percebem a sua importância. A entrevistada quatro, para além da ideia comum às quatro entrevistadas referiu ainda como principal causa da falta de Assistentes Sociais na escola o facto de não haver verbas que possam vincular estes técnicos à escola. A entrevistada dois e três referiram também o facto de o serviço social ser ainda associado na escola ao assistencialismo e à ajuda aos mais carenciados.

2. Discussão dos Dados

Segundo Carvalho (2018), os Assistentes Sociais no contexto escolar estão inseridos em gabinetes de apoio ao aluno e à família, contudo tendo em conta os dados recolhidos é possível constatar que das quatro entrevistadas, apenas uma se encontra inserida em gabinete de apoio ao aluno e à família, estando uma das entrevistadas apenas direcionada para as turmas PIEF, outra entrevistada trabalha com os serviços técnico pedagógicos mas não têm nenhum gabinete específico e a quarta encontra-se inserida num gabinete de apoio psicossocial.

As funções das Assistentes Sociais entrevistadas assentam na intervenção com alunos, famílias, e com a comunidade escolar, fazem também uma articulação com os parceiros da comunidade. Uma das várias funções é também o processo de mediação entre alunos ou entre a comunidade escolar e as famílias e/ou alunos. São realizadas visitas domiciliárias e são implementados programas de prevenção que trabalham as competências socio emocionais dos alunos e programas que também trabalhem com as famílias. Segundo Carvalho, (2018) os Assistentes Sociais realizam várias atividades nas escolas, estas atividades podem-se desenvolver com os alunos, com os pais ou outros membros da família dos alunos ou com a comunidade educativa. Os técnicos de serviço social que realizam estas atividade, atuam na prevenção dos comportamentos de risco dos alunos, realizam uma mediação escola/família/instituições da comunidade, promovem, através dos encaminhamentos, o acesso a recursos sociais e analisam as realidades nos grupos de trabalho onde se inserem. Reis (2011), vem também comprovar as respostas das Assistentes Sociais, quando refere que os Assistentes Sociais para além de outras funções trabalham na Mediação Social entre escola, família e restantes instituições da comunidade e na elaboração, implementação, desenvolvimento e avaliação de projetos de âmbito socioeducativo, de promoção de desenvolvimento pessoal, social e comunitário e de promoção do sucesso escolar do aluno.

As quatro entrevistadas referiram alguns parceiros comuns aos quatro agrupamentos, como as autarquias, as forças policiais, as unidades de saúde, a segurança social, a equipa de RSI, as CPCJ a EMAT, os CAFAP, serviços de ação social, os lares e alguns projetos da sociedade. Dizem ser uma mais valia o facto de trabalharem em

equipa com os parceiros da comunidade, pois assim a intervenção acaba por não ficar tão redutora e é possível intervir tendo em conta várias perspetivas.

Um dos desafios sentidos por algumas entrevistadas é o facto de às vezes ser difícil chegar até algumas famílias pois há momentos que estas não vão à escola, consideram que isso prejudica a intervenção familiar, pois as famílias têm de ser os principais responsáveis pelo processo de mudança a entrevistada um, referiu ainda que “(...) nós temos mesmo que ir ao encontro das necessidades do que eles precisam e às vezes não é daquilo que nós queremos trabalhar mas é daquilo que as pessoas mais gostam e acho que isso é falta da proximidade e torna-se um constrangimento a gente poder ir ao encontro realmente das necessidades das famílias porque elas são todas muito dispersas, o que é necessário para uma não é necessário para outra (...)”. Segundo Healy, (2001) citado em Carvalho (2018) p.12, as famílias e os alunos devem ser envolvidos no processo de mudança de forma a terem um pensamento crítico e uma consciencialização sobre a sua condição de vida e assim passarem de uma posição de sofrimento e de culpa para a compreensão das origens dos seus problemas. As pessoas acabam por perceber que a “*experiência de sofrimento está relacionada com a sua pertença a um determinado grupo oprimido*”. Se algumas famílias desvalorizam a importância da escola, a intervenção acaba por ficar dificultada, pois o objetivo é envolver as famílias no processo de mudança. Contudo, este processo de mudança “*não se limita à adoção de um método de reflexão racional*”, pressupõe uma mudança nas relações pessoais e nos contextos sociais. Ainda segundo Carvalho, (2018) antes de mais, as pessoas têm de reconhecer que são os principais interessados no processo de mudança.

Outro autor que comprova esta teoria é Reis (2021) onde refere que Assistente Social defende a importância dos alunos, famílias e comunidade serem agentes ativos no processo da sua própria mudança, envolvendo, consciencializando e responsabilizando os interessados face à mudança desejado.

Contudo, um dos desafios mencionados foi o facto da mudança pretendida no comportamento dos alunos não acontecer de forma imediata e que pode levar muito tempo até que isso aconteça e até porque se as famílias, conforme nos indicam os dados recolhidos, sentem uma grande desvalorização pela escola e muitas delas estão

distanciadas do contexto escolar, torna-se ainda mais complicado a intervenção e uma possível mudança.

Um outro desafio encontrado segundo uma entrevistada é o facto de haver “(...) *um choque de culturas muito grande, na escola nota-se um desinteresse e uma descontextualização porque efetivamente o contexto e a cultura a que as famílias pertencem e estes alunos é muito distante e diferente daquilo que é o contexto escolar (...).*” Segundo Carvalho (2018) os Assistentes Sociais têm uma enorme responsabilidade no contexto escolar, uma vez que as atividades onde estão envolvidos destinam-se a problemas heterogéneos, complexos e por vezes de resolução complicada.

Tendo em conta as mais valias das funções desempenhadas pelo Assistente Social no contexto escolar uma das entrevistadas refere que “(...) *eu acho que cada vez mais na conjuntura social que se vive em Portugal, cada vez mais é fundamental que existe um assistente social no mínimo por escola, porque as portas da escola começaram a estar abertas a tudo o que é problema que existe dentro das quatro paredes dos alunos (...)*”, o que vem corroborar Carvalho (2018), que nos diz que o facto do ensino se ter tornado obrigatório, faz da escola um sitio onde se juntem crianças e jovens diferenciados uns dos outros e com percursos e experiências de vida bastante heterogéneos.

Segundo Amaro & Pena, (2018), se por um lado, o papel do assistente social é fundamental na escola e é marcado pelas suas competências, por outro lado é importante ter em consideração qual a perceção que as escolas têm desse papel. Se as escolas estão pouco sensibilizadas sobre a intervenção do assistente social também podemos assistir à falta de segurança que os próprios técnicos têm no exercício da sua profissão neste contexto, ou a um vasto conjunto de tarefas que desempenham que acabam por dificultar a construção da identidade desta profissão no contexto escolar.

Os dados recolhidos acabam por vir ao encontro desta perspetiva acima exposta, uma vez que algumas das entrevistadas referiram que, muitas escolas ainda não têm Assistentes Sociais pelo facto de as direções não perceberem realmente a importância do Serviço Social no contexto escolar, referem também que é uma questão de mentalidades, que se não reconhecem o papel do assistente social como prioridade, não vão buscar esse recurso. Uma das entrevistadas acrescentou ainda que “(...) *não*

foi criada ainda a ordem dos assistentes sociais, somos facilmente desvalorizados, o nosso papel é facilmente desvalorizado em contexto escola”.

O paragrafo anterior vai de encontro às opiniões das quatro entrevistadas quando lhes foi solicitado a sua opinião sobre a, incipiente, representação do Serviço Social no contexto escolar em Portugal. Uma das entrevistadas referiu que “ (...) *não há nada como uniformizar ou que ajude a uniformizar a intervenção do assistente social nas escolas ou seja cada um vai fazendo da melhor forma que pode e que consegue de acordo com as necessidades de cada escola ou de cada agrupamento, não há nada que nos una e acho que isso faz muita falta porque eu muitas vezes tenho dúvidas existenciais se estou a fazer as coisas bem ou se estou a fazer as coisas mal*” Referiu ainda que “(...) *faltam-nos aqui barreiras, somos muito flexíveis na área social, mas falta-nos aqui alguma coisa que nos vá organizando e eu sinto isso a algum tempo, mesmo em termos de documentação, eu faço de uma forma mas se calhar outra escola faz de outra forma qualquer, também pode ter a ver com a documentação interna do agrupamento, mas pronto, falta qualquer coisa que nos una a nós enquanto classe e enquanto serviço social.*” Segundo Carvalho (2018), não há uma definição concreta de quais as funções do Assistente Social e qual o seu papel. Estes gabinetes estão dependentes das direcções de cada agrupamento e regulam-se pelas regras e normas do próprio agrupamento.

Não havendo uma uniformização cada agrupamento intervém à sua maneira.

Atendendo ao facto de o Serviço Social ter ou não representação com contexto escolar uma das entrevistadas refere que “(...) *nós aqui no serviço social na escola somos adolescente ainda, já não posso dizer que somos crianças porque já cá estamos a algum tempo nas escolas, mas fomos uma profissão muito adolescente no contexto escolar*”, Segundo Amaro & Pena (2018) a intervenção do assistente social não é algo recente na escola, contudo há uma enorme necessidade de clarificar conceptual e metodologicamente o papel do assistente social para que o serviço social se consiga afinar no contexto escolar. Comprova esta informação o facto das entrevistadas mencionarem que nos primeiros tempos inseridas no contexto escolar, a comunidade educativa não percebia qual era o papel do Assistente Social e isto dificultava a intervenção.

Tendo em conta o número de alunos por escolas e o número de agrupamentos em funcionamento, verifica-se um rácio alarmante na fraca inserção de profissionais de serviço social. Mendes (2017), realizou um estudo sobre a Inserção Profissional de Assistentes Sociais na Escola Pública em Portugal Continental, que nos diz que num total de 881 agrupamentos, existem somente 112 assistentes sociais. Podemos concluir que há agrupamentos que não têm assistentes sociais. Esta realidade acaba por espelhar a falta de investimento na profissão na área da educação. Este estudo é visível no presente trabalho pois um dos agrupamentos que respondeu, alegou não ter Assistente Social na escola e outro agrupamento que referiu ter Assistente Social, mas não desempenha funções de Assistente Social. Uma das entrevistadas referiu que na sua área geográfica ela era a única Assistente Social.

A razão de haver este défice de Assistentes Sociais no contexto escolar, na preservativa de uma das entrevistadas, prende-se ao facto de as políticas centrais não analisarem a importância de haver a abertura de postos de trabalho para estes técnicos nas escolas, a falta de verbas e de programas que afetem estes profissionais ao meio escolar acaba por precarizar ainda mais a profissão neste contexto.

Considerações Finais

É possível concluir que os dados fornecidos pela população entrevistada deu resposta aos objetivos estipulados.

Quanto ao primeiro objetivo: “Analisar o percurso profissional dos Assistentes Sociais inseridos em Escolas TEIP”, foi possível concluir que, as quatro entrevistadas são licenciadas há mais de dez anos, apenas uma sempre exerceu funções em contexto escolar, duas antes de desempenhar funções no contexto escolar estiveram a trabalhar em CPCJ’s e uma esteve antes de ingressar na escola, a realizar um estágio numa Câmara Municipal. Todas as entrevistadas estão a trabalhar em contexto escolar entre os treze e os quinze anos. Três das entrevistadas ingressaram na escola através dos programas TEIP e uma entrou através de um estágio profissional. As quatro entrevistadas estão neste momento efetivas, efetivaram através do PREVPAP. As entrevistadas mencionaram que as características que um Assistente Social deve ter

no contexto escolar assentam no relacionamento interpessoal com alunos, famílias e comunidade escolar, como a empatia, conversas informais com alunos, com o saber ouvir, o sigilo profissional, capacidade de mediação e de resiliência. O saber trabalhar em equipa e os conhecimentos técnicos também são características que, segundo, as entrevistadas o Assistente Social deve ter no contexto escolar.

O segundo objetivo pretende “Identificar as principais funções dos Assistentes Sociais no Contexto de Escolas TEIP”. Foi possível concluir que, o Assistente Social numa escola faz um trabalho de mediação entre aluno - aluno, aluno - professores, alunos - famílias/ comunidade escolar/ serviços da comunidade e até mesmo famílias - comunidade escolar. A sua intervenção com alunos é individualizada e/ou em grupo. Sempre que necessário a intervenção estende-se até às respetivas famílias. É também realizado intervenção em turma, onde o Assistente Sociais realiza ações de mediação, sessões de sensibilização, atividades com os alunos, programas de competências, entre outras.

De acordo com o terceiro objetivo “Identificar os métodos de intervenção dos Assistentes Sociais no Contexto de Escolas TEIP” foi possível concluir que a maioria das entrevistadas intervêm tanto em grupo, no contexto de sala de aula, como individualmente com os alunos. Uma das entrevistadas referiu que a sua intervenção era maioritariamente individualizada com os alunos, estado a cargo da outra sua colega Assistente Social, a intervenção em grupo.

Em relação ao quarto objetivo “Identificar o público alvo com o qual os Assistentes Sociais intervêm no Contexto de Escolas TEIP”, é perceptível que o Assistente Social numa escola intervêm com alunos, desde o pré-escolar até ao secundário, consoante a existência destes ciclos na escola, a sua intervenção é também direcionada para toda a comunidade educativa e famílias dos alunos. O Assistente Social encontra-se inserido numa rede multidisciplinar no contexto escolar e realiza também um trabalho em rede com os parceiros das mais diversificadas áreas da sociedade.

Tendo em conta o quinto objetivo “Determinar quais os fatores que interferem na prática dos Assistentes Sociais Contexto de Escolas TEIP”, as entrevistadas realçaram alguns constrangimentos, como a falta de tempo, pois os alunos são muitos para o número de assistentes sociais existentes nas escolas, a falta de entendimento da comunidade escolar sobre as funções e a importância do Assistente Social na escola,

as entrevistadas mencionaram também que à medida que os anos vão passando esta dúvida fica cada vez menor e mais esclarecida. Um outro fator que interfere na prática do Assistente Social é o facto das famílias estarem distanciadas da escola e não a valorizarem. A intervenção com famílias é considerada essencial pelas entrevistadas, pois as famílias são o pilar fundamental dos alunos.

Em relação ao sexto objetivo “Analisar o trabalho em rede realizado pelos Assistentes Sociais no Contexto de Escolas TEIP”, as entrevistadas analisaram de forma positiva e colaborativa esta relação, dizem que foi uma evolução que foram sentindo ao longo do tempo, pois já estão na escola há alguns anos e a comunidade educativa já vai percebendo o papel do Assistente Social, têm reuniões com os professores e com os restantes técnicos do agrupamento, trabalham dentro do contexto escolar em equipa multidisciplinar.

Quanto ao sétimo objetivo “Perceber as mais valias do trabalho em rede dos Assistentes Sociais inseridos em Escolas TEIP com os parceiros da comunidade”, há um impacto positivo, o trabalho em rede é considerado, pelas quatro entrevistadas, uma mais valia pois todos juntos conseguem olhar para uma determinada situação através de várias perspetivas e isso enriquece a intervenção. Torna-se também mais fácil o desbloqueio de determinadas situações. Uma das entrevistadas refere ainda que o trabalho sem os parceiros da comunidade era muito redutor, contudo, uma outra entrevistada mencionou que, este trabalho em rede em certos aspetos pode tornar-se um constrangimento pois quando uma situação é sinalizada e encaminhada para os outros serviços o Assistente Social acaba por perder o controlo da situação e não depende de si a sua resolução e as decisões finais daqueles casos específicos.

Tendo em conta o oitavo objetivo, “Perceber a relevância que os próprios Assistentes Sociais reconhecem na sua ação profissional nas escolas TEIP” as entrevistadas consideram que os Assistentes Sociais são bastante importantes no meio escolar pois conseguem ter uma perspetiva e uma intervenção diferenciada dos outros técnicos. Tem um olhar técnico perante uma determinada situação social que outro técnico não teria pois cada um foi formado para exercer as suas funções. Havendo um Assistente Social na escola há uma proximidade maior com os serviços sociais da comunidade, pois trabalham em rede e o encaminhamento de situações para estes serviços acaba

por ficar mais facilitado, conseguem facilmente desbloquear uma situação que se fosse realizada por um professor seria mais demorada.

A incipiente e/ou baixa representação do Serviço Social no contexto escolar, segundo as entrevistadas, deve-se à falta de conhecimento e informação que a comunidade educativa tem sobre as funções do Assistente Social e da sua importância neste contexto. No presente estudo um dos Agrupamentos referiu não ter Assistente Social, o que acaba por ser preocupante uma vez que o Assistente social é imprescindível em qualquer escola sobretudo numa escola TEIP, que como o próprio nome indica são escolas inseridas em Territórios Educativos de Intervenção Prioritária. Outro motivo também apontado por uma entrevistada é o facto de haver falta de verbas e de programas que afetem estes profissionais ao meio escolar. Estes factos referidos, juntamente com falta de uniformização da intervenção dos Assistentes Sociais em contexto escolar referido pelas entrevistadas, vêm comprovar que a profissão se encontra em situação de precariedade, pois não há nada que uniformize esta intervenção, cada Assistente Social intervém da forma que considera mais adequada, tendo em conta os seus valores, a sua ética pessoal e profissional.

E porque não há estudos perfeitos, é possível concluir ainda, que o presente estudo poderia ter sido mais produtivo se todos os agrupamentos contactados tivessem respondido ao pedido de colaboração e participado no estudo, não ficando assim o presente trabalho com um reduzido número de respostas. Outra limitação do estudo foi a questão temporal, uma vez que a mestranda trabalha e se propôs concluir o mestrado no tempo previsto.

Como perspetivas de investigação futura, a mestranda sugere que possam ser realizados outros estudos que analisem junto das direções / equipa técnica e ou parceiros da comunidade que trabalhem diretamente com o Assistente Social o impacto da sua intervenção nas escolas TEIP. Sugere também que o presente estudo tenha uma outra abrangência territorial e que possam ser cruzados dados de diferentes pontos do país.

Referências Bibliográficas

Alves, D. (2017). Métodos, instrumentos e técnicas de recolha de dados. Ciências e Educação. <https://cienciaeeducacao.com/2017/11/24/metodos-instrumentos-e-tecnicas-de-recolha-de-dado/>

Andrade, A. (2021). Serviço Social - a garantia do direito à educação em Territórios Educativos de Intervenção Prioritária [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Serviço Social do Porto] <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/37095/1/AmandaAndrade.pdf>

Associação dos Profissionais de Serviço Social (APSS). 2018. Código Deontológico dos Assistentes Sociais. https://www.apss.pt/wpcontent/uploads/2018/12/CD_AS_APSS_Final_APSS_AssembGeral25-10-2018_aprovado_RevFinal.doc-1-converted-1-C%C3%B3pia.pdf

Batista, E. R. & Matos, L.U. & Nascimento, A. L. (2017). A ENTREVISTA COMO TÉCNICA DE INVESTIGAÇÃO NA PESQUISA QUALITATIVA. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.11, n.3, p.23-38, TRI III. https://www.researchgate.net/publication/331008193_A_ENTREVISTA_COMO_TECNICA_DE_INVESTIGACAO_NA_PESQUISA_QUALITATIVA

Carvalho et al., (2018). Serviço Social em Educação. Lisboa: Pactor.

Despacho Normativo n.º 55/2008, de 23 de outubro do Ministério da Educação. <https://files.diariodarepublica.pt/2s/2008/10/206000000/4312843130.pdf>

Dias, C. (2012). TERRITÓRIO EDUCATIVO DE INTERVENÇÃO PRIORITÁRIA. [Dissertação de Mestrado, Universidade Católica Portuguesa]. [https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/11240/1/TESE_Claudia%20Corais%20\(5\).pdf](https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/11240/1/TESE_Claudia%20Corais%20(5).pdf)

Direção-Geral da Educação. (2021). Medidas de Promoção do Sucesso Educativo. <http://www.dge.mec.pt/medidas-de-promocao-do-sucesso-educativo>.

FORMOSINHO, J. MACHADO, J. A regulação da educação em Portugal: do Estado Novo à democracia. Educação: Temas e Problemas. ISSN 1646-2831. N.º 12 e 13,

(2013), p. 27-40 <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/16515/4/12-28-1-SM.pdf>

Gomes, J. (2015). *O agir profissional do Assistente Social: um estudo de caso num agrupamento de escolas TEIP*. [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Serviço Social do Porto].

<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/13331/1/Joana%20Alexandra%20Marques%20Gomes.pdf>

Henriques, S. U. (2014). Recurso educacional - *Análise de conteúdo*. Universidade Aberta. https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/4860/3/AnalisedeConteudo_SH-2014.pdf

Júnior, A. L. & Júnior, N. A. (2011). *A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos*. Evidência, Araxá, v. 7, n. 7, p. 237-250. https://met2entrevista.webnode.pt/_files/200000032-64776656e5/200-752-1-PB.pdf

Lameiras, A. N. (s/d). Definição de Serviço Social. <https://servicosocial.pt/definicao-de-servico-social/>

Lei n.º 46/86, de 14 de outubro da Assembleia da República. <https://files.diariodarepublica.pt/1s/1986/10/23700/30673081.pdf>

Marotti, J. U., Galhardo, A. L., Furuyama, R. I., Pigozzo, M. O., Campos, T. O., Laganá, D. A. (2008). AMOSTRAGEM EM PESQUISA CLÍNICA: TAMANHO DA AMOSTRA. ResearchGate. https://www.researchgate.net/publication/285800533_Amostragem_em_pesquisa_clinica_Tamanho_da_amostra

Mendes, S. (2017). *A Inserção Profissional de Assistentes Sociais na Escola Pública em Portugal Continental*. Instituto Nacional Miguel Torga. [Dissertação de Mestrado, Instituto Nacional Miguel Torga em Coimbra]. <https://repositorio.ismt.pt/bitstream/123456789/732/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado%20Sara%20Mendes.pdf>

Mendonça, A. M. (2006). *A Problemática do Insucesso Escolar: a escolaridade obrigatória no Arquipélago da Madeira em finais do século XX (1994-2000)*. [Tese

de doutoramento Universidade da Madeira.]

<http://www3.uma.pt/alicemendonca/conteudo/publica/Tese.pdf>

Mozzaro, A.N. & Grzybovski, D.E. (2011). *Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios*. Revista de Administração Contemporânea, RAC, Curitiba, v. 15, n. 4, pp. 731-747.

<https://www.scielo.br/j/rac/a/YDnWhSkP3tzfXdb9YRLCPjn/?lang=pt&format=pdf>

Quivy, R & Campenhoudt, L. (2013). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Reis, I. L. (2021). *INTERVENÇÃO FAMILIAR SISTÉMICA NO CONTEXTO ESCOLAR: – A Abordagem Sistémica, Diagnóstico e Intervenção*. [Formação online, não publicado]. EAPN Viana Castelo.

Santos, S. (2015). *O Serviço Social no Sistema Educativo*. [Dissertação de Mestrado, Instituto Universitário de Lisboa].

<https://repositorio.iscteul.pt/bitstream/10071/10023/1/Final%20Thesis%20SARA%20SANTOS.pdf>

Semblano, M. (2003). *Serviço Social Escolar em Portugal*. [Dissertação de Mestrado, Instituto Nacional Miguel Torga em Coimbra].

<https://repositorio.ismt.pt/bitstream/123456789/165/4/Trabalho%20final%20disserta%20c3%a7%20c3%a3o%20mestrado1.pdf>

Técnicas TEIP (2021). Agrupamento de Escolas Ordem de Sant'ago.

https://www.aveordemsantiago.pt/servicos/tec_pol_social.html

Traqueia, A. et al. (2021). *Reflexões em torno de Metodologias de Investigação*. (ed., Vol. 1). UA Editora. Universidade de Aveiro.

https://ria.ua.pt/bitstream/10773/30770/1/Metodologias%20investigacao_Vol1_Digital.pdf

Apêndices

Apêndice 1 - Consentimento Informado

Consentimento Informado

Nos termos constantes do RGPD - Regulamento Geral sobre Proteção de Dados informa-se adicionalmente que:

- 1) Os dados que irão ser recolhidos servirão apenas para os fins do estudo em curso, não sendo alvo de divulgação a mais ninguém ou entidade;
- 2) No fim do estudo, o registo áudio/vídeo da entrevista será destruído;
- 3) O responsável pela recolha e tratamento dos dados é Maria de Jesus Caeiro Fragoso, contactável através de: (fragosomariafragoso@gmail.com / 966374283);
- 4) O responsável pela área da proteção de dados no IPBeja pode ser contactado através do email: epd@ipbeja.pt podendo expor reclamação, se aplicável.

Tendo tomado conhecimento sobre a informação acerca do estudo e os meus direitos no âmbito do RGPD, declaro que que:

Aceito participar Não aceito participar

Assinatura: _____ Data: ____/____/2023

Apêndice 2 - Guião de Entrevista

Guião de Entrevista

A entrevista será aplicada no âmbito da Dissertação de Mestrado em Serviço Social - Riscos Sociais e Desenvolvimento Local, que tem como título “O Perfil de Atuação dos Assistentes Sociais que exercem funções no contexto de Escolas TEIP na NUTS II - Alentejo” e encontra-se inserida no 2º ano do Mestrado

Objetivo Geral: “Caracterizar o Perfil de atuação dos Assistentes Sociais no Contexto de Escolas TEIP na NUTS II - Alentejo”

Os dados que irão ser recolhidos servirão apenas para o estudo em curso, garantindo-se total anonimato e confidencialidade.

Caracterização sócio profissional da/o Assistente Social

Sexo?

Qual a sua idade?

Licenciada há quanto tempo?

Qual a sua experiência profissional enquanto Assistente Social fora do contexto escolar?

Qual a sua experiência profissional enquanto Assistente Social no Contexto Escolar?

Ingressou na escola através de algum concurso ou programa do estado? Se sim, qual?
Se não, ingressou na escola através de que concurso?

No agrupamento de escolas onde se encontra, encontra-se inserido/a em algum Gabinete Socioescolar?

Na sua opinião, quais as características fundamentais que um Assistente Social deve ter no contexto escolar?

Quantos/as Assistentes Sociais estão neste momento afetos a este agrupamento de escolas?

Todos/as têm as mesmas funções com públicos diferentes ou cada um/uma tem funções específicas?

Perfil Profissional do Assistente Social

Quais as principais funções que o Assistente Social desempenha no contexto escolar?

Caracterize o Público-alvo com quem o Assistente Social intervém em contexto escolar. Alunos de que idade? Ano de escolaridade?

Explique o método de atuação do/a Assistente Social no contexto escolar, grupo e/ou individualmente.

Quais os principais constrangimentos no exercício da sua profissão no contexto escolar?

Quais os principais desafios na intervenção com os alunos e respetivas famílias?

Que serviços da comunidade trabalham em parceria com a escola?

De que forma analisa o impacto e mais valia do trabalho em rede com os parceiros da comunidade?

Como descreve a relação do Assistente Social com a restante comunidade educativa?

Na sua opinião, quais as mais valias da existência de um Assistente Social no contexto escolar?

Qual a sua opinião sobre a, incipiente, representação do Serviço Social no contexto escolar em Portugal?

Apêndice 3 - Análise de Conteúdo

Dimensão	Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
Caracterização sócio profissional da/o Assistente Social	Sexo	Feminino	E1. <i>“Feminino.”</i>
			E2. <i>“Feminino.”</i>
			E3. <i>“Feminino.”</i>
			E4. <i>“Feminino.”</i>
	Idade	21-30 anos	
		31-40 anos	E1. <i>“39 anos.”</i>
			E2. <i>“38 anos.”</i>
41-50 anos	E3. <i>“42 anos.”</i>		
Tempo de licenciatura	5-10 anos		
	11- 15 anos	E2. <i>“Terminei a licenciatura em 2008, portanto há 15 anos.”</i>	
		E4. <i>“Terminei em 2008, 15 anos.”</i>	
16 - 20 anos	E1. <i>“16 anos.”</i>		
		E3 <i>“Sou licenciada desde 2003.”</i>	

Experiência profissional enquanto Assistente Social	Contexto escolar	<p>E1. “(...) depois é que vim para a escola.”</p> <p>E2. “Fora do contexto escolar nunca fui assistente social em lado nenhum. Sempre em contexto escola (...).”</p> <p>E3. “(...) Estou no contexto escolar desde 2010 (...).”</p> <p>E4. “a cerca de um ano (...) entrei aqui para a escola.”</p>
	Infância e Juventude	<p>E1. “Sempre trabalhei na área da infância e juventude (...), primeiro tive na CPCJ (...).”</p> <p>E3. “Tive a trabalhar em CPCJ, tive pelo programa escolhas, fui coordenadora de um programa escolhas (...).”</p>
	Projetos ou Estágio	<p>E3. “(...) tive num projeto de desenvolvimento local.”</p> <p>E4. “A primeira experiência profissional que tive foi um estágio Pepal, acolhido pela Câmara Municipal X.”</p>

		5-10 ano	
	Experiência profissional enquanto Assistente Social no Contexto Escolar	11-20 anos	<p>E1. “14 anos.”</p> <p>E2. “15 anos.”</p> <p>E3. “Estou no contexto escolar desde 2010, ou seja, catorze anos letivos, 13 anos civis.”</p> <p>E4. “Sensivelmente 14 anos.”</p>
		21-30 anos	
	Concurso ou Programa que o/a fez ingressar na Escola onde desempenha funções atualmente	Programa TEIP	<p>E1. “Na altura a escola iniciou um projeto TEIP e foi na sequência desse projeto que houve abertura de vaga aqui na escola (...), entretanto veio a situação da regularidade dos técnicos ao nível do PREVPAP e foi quando entreguei os quadros da escola.”</p> <p>E3. “(...) quando entrei para a escola foi através de concurso, quando saíram os primeiros TEIP's, (...) até que saiu o PREVPAP (...) em véspera de entrarmos em pandemia efetivei (...)”</p> <p>E4. “(...) ingressei na escola em miados de outubro de 2009 ao abrigo do projeto TEIP (...) fiquei efetiva através do</p>

			<i>PREVPAP há três anos.”</i>
		Estágio profissional	E2. “(...)fui chamada pela pelo IIEFP para fazer um estágio profissional e depois do estágio profissional foi-se traduzido em situações de contrato, renovações e depois efetivei através do PREVPAP e agora estou efetiva no quadro.”
	Gabinete Soci oescolar onde o/a Assistente Social esteja integrado	Gabinetes Socioescolar	E1. “Aqui na escola desempenho as funções no GAAF que é o gabinete de apoio ao aluno e à família.” E4. “estou no Gabinete de Apoio Psicossocial (GAPS).”

		Turmas PIEF	<p>E2. “Não. Estou só a trabalhar com as turmas PIEF, faço também acompanhamento pontual a alunos de outras turmas sem ser PIEF (...)”</p>
		Serviços Técnico pedagógicos	<p>E3. “Nós funcionamos pelos serviços técnico pedagógicos (...) temos apoio psicopedagógico, fazem sinalizações à mesma, mas não temos o gabinete destinado só para aquele, como maior parte das escolas tem. ”</p>
	Características que um Assistente Social deve ter no contexto escolar;	Relacionamento interpessoal com alunos, famílias e comunidade escolar	<p>E1. “(...) acho muito importante a parte formal, mas também a parte informal no acompanhamento que podemos ter com os alunos, nos corredores, nos intervalos, nas horas de almoço (...) é importante também o envolvimento que temos junto de turmas num trabalho de grupo (...) é muito importante os Assistentes Sociais serem empáticos no trabalho com os outros”</p>

E2. “(...) Portanto eu acho que as características do Assistente Social que se resumem à empatia ao saber ouvir à disponibilidade ao sigilo profissional.”

E3. “(...) acima de tudo temos de ter empatia pelo público, estamos a falar de público TEIP, a nível de empatia, a nível de boas relações com a comunidade, (...) questão de chegar às pessoas, porque se formos nariz empinado, não chegamos a este público.”

E4. “(...) Tem de ser uma pessoa com uma grande capacidade de mediação, no sentido de negociação de mediação de conflitos de famílias, ter um discurso multidimensional, no sentido de abarcar os vários alunos oriundos de outras nacionalidades que nós temos, temos de ter grande capacidade de resiliência porque não é fácil com tantos alunos com problemas intrínsecos a este território conseguirmos

			<i>ultrapassar as barreiras. Temos de saber conversar com todos os alunos, conhecer a cultura destes alunos, nomeadamente os alunos de etnia cigana.”</i>
		Trabalhar em equipa	E1. “ (...) <i>trabalhamos muito em equipa e eu acho que isso é muito importante (...)</i> ”
		Conhecimentos técnicos	E1. “(...) <i>é importante conhecimentos técnicos (...)</i> ”
		<2	E3. “(...) <i>Assistente social sou só eu.</i> ”
	Número de Assistentes Sociais afetos a este agrupamento de escolas neste momento	2-4	<p>E1. “<i>Neste momento duas.</i>”</p> <p>E2. “<i>Duas. São duas assistentes sociais que são as duas técnicas de intervenção local dos PIEF(...)</i>”</p> <p>E4. “<i>Neste momento a exercer funções no argumento temos dois.</i>”</p>

	Diferenciação de funções entre os técnicos de Serviço Social do Agrupamento	TII	<p>E1. “Enquanto assistente social estou eu que faço parte do GAAF e a minha colega é TIL, é técnica de intervenção local do PIEF (...)”</p> <p>E4. “O colega é TII, técnico de intervenção local, que trabalha com duas turmas TEIP.”</p>
		GAAF	<p>E2. “Em atividades de grupo costumamos juntar as turmas, mas no dia a dia, eu faço a minha intervenção com as turmas de terceiro ciclo e a colega faz a intervenção dela com a turma de segundo ciclo, neste momento a turma é tão reduzida que a colega acabou por estar muito do seu tempo de trabalho no GAAF.”</p>
		Não se aplica	<p>E3. “Não se aplica.”</p>
Perfil Profissional do Assistente Social	Principais funções que o Assistente Social desempenha no contexto escolar	Mediação	<p>E2. “(...) o meu trabalho acaba por se resumir muito à mediação (...)”</p> <p>E4 “(...) Cabe-me ainda o papel de mediação de conflitos de alunos em meio escolar, efetuando sempre que necessário a mediação</p>

			<p><i>junto dos alunos e restante comunidade escolar. (...)”</i></p>
		<p>Intervenção com alunos, intervenção com famílias e comunidade escolar</p>	<p>E1. “ <i>Faço intervenção com alunos, famílias, com a comunidade escolar (...) surgem encaminhamento dos diretores de turma em que fala de uma situação específica, uma necessidade de encaminhamento, por exemplo de encaminhamento para o reforço alimentar (...) O contacto com as famílias dos alunos pode ser feito de várias maneiras através do diretor de turma, para tentar perceber o que esta a acontecer e poder-mos acompanhar as famílias (...) pode também acontecer um contacto com um serviço externo, por exemplo, nós agora temos recebido muitos alunos estrangeiros, as vezes é a Caritas que encaminha para nós e nós começamos a acompanhar, mesmo que não seja um acompanhamento regular,</i></p>

mas passamos a ter mais contacto com as famílias (...) aqui também desempenho funções de tutora, sou tutora, são-me atribuído alunos para tutoria de estudo(...)"

E2. *"(...)Realizo também visitas domiciliárias sempre que necessário (...) tenho vindo nos últimos anos a fazer parte da constituição de turmas do Agrupamento pelo conhecimento dos alunos, faço sempre uma avaliação aqui mais da parte familiar (...)"*

E3. *"(...) faço neste momento programas competências socioemocionais (...)"*

E4. *"As principais funções baseiam-se no acompanhamento e encaminhamento de alunos e famílias com carências socioeconómicas (...) efetuar o diagnóstico, pela identificação de fatores de risco de abandono escolar entre outros que não permitam à criança ou jovem, alcançar os bens que lhe são garantidos por*

			direito (...)"
		Trabalho em rede	<p>E1. "(...) fazemos muito a articulação com os parceiros (...) pode também acontecer um contacto com um serviço externo, por exemplo, nós agora temos recebido muitos alunos estrangeiros, as vezes é a Cáritas que encaminha para nós (...)"</p> <p>E2. "(...) o meu trabalho acaba por se resumir (..) à articulação dentro da escola e da escola com as entidades locais com os parceiros com empresas (...)"</p> <p>E3. "(...) faço articulação com as estruturas da comunidade (...)"</p> <p>E4 "(...) Estabelecimento de articulação com várias entidades externas à escola que têm capacidade de dar uma resposta atempada às necessidades diagnosticadas às famílias(...)"</p>

		Coordenação	<p>E3. “Neste momento coordeno os serviços que me levam já muito tempo (...)”</p>
Identificação do Público-alvo com quem o/a Assistente Social trabalha no contexto escolar;		Pré-escolar - 1ºCiclo	<p>E1. “(...) podem vir sinalizados alunos de todos os ciclos (...) o agrupamento no qual desempenho funções vai do pré-escolar ao nono ano (...)”.</p> <p>E3. “Nós temos pré-escolar, 1º, 2º e 3º ciclo, mas a nível de prevenção estamos a nível de 1ºciclo (...) sempre que é uma situação social que é sinalizada eu salto para estes ciclos todos (...)”</p> <p>E4. “Trabalho com alunos do pré-escolar ao secundário”</p>
		2ºCiclo - 3ºCiclo	<p>E1. “(...) podem vir sinalizados alunos de todos os ciclos (...) o agrupamento no qual desempenho funções vai do pré-escolar ao nono ano (...)”</p> <p>E2. “Neste momento tenho</p>

			<p><i>três turmas PIEF de terceiro ciclo, e são duas mistas e uma só com alunos ciganos, Mas os alunos que não são ciganos e estão nas turmas PIEF são de famílias com multi desafios, multi problemas (...) só a trabalhar com as turmas PIEF, faço acompanhamento pontual a alunos de outras turmas sem ser PIEF, mas sempre alunos ciganos (...)</i></p> <p>E3. <i>“Nós temos pré-escolar, 1º, 2º e 3º ciclo, mas a nível de prevenção estamos a nível de 1º ciclo (...) sempre que é uma situação social que é sinalizada eu salto para estes ciclos todos (...)</i>”</p> <p>E4. <i>“Trabalho com alunos do pré-escolar ao secundário”</i></p>
		Secundário	<p>E4. <i>“Trabalho com alunos do pré-escolar ao secundário”</i></p>
	Métodos de intervenção do/a Assistente Social no contexto escolar	Individual	<p>E1. <i>“Depende muito das situações das situações, há situações que são individualizadas, (...) eu aqui também desempenho funções de tutora, sou</i></p>

			<p>tutora, são me atribuído alunos para tutoria de estudo dos quais também tenho um acompanhamento individualizado (...)"</p> <p>E2. “O meu trabalho fundamentalmente é mais a nível individual do que em turma (...)"</p> <p>E3. “É misto, tenho muito em grupo, mas também tenho alguns individuais (...)"</p> <p>E4. “Faço trabalho individualizado, trabalho com crianças, também com os seus pais e com os irmãos dela (...)"</p>
		<p>Grupo</p>	<p>E1. “(...)fazemos também a gestão e mediação de conflitos, então aí já terá de ser de grupo, entretanto se for num contexto de sala de aula, que nos fazemos algumas dinâmicas, e trabalho com os alunos, também em questão de grupo(...)"</p> <p>E2. “(...) Eu também tenho trabalho em turma quando sou chamada pelos professores (...) temos o projeto da Horta, muitas vezes quando os alunos</p>

			<p><i>estão na horta os professores pedem-me para colaborar e eu estou presente, temos o projeto da cozinha também estou presente, para além de fazer toda a preparação da atividade da cozinha, que sou eu que faço (...) quando eu estou em sala de aula convido alguém a desenvolver ações com o grupo (...)</i></p> <p>E3. <i>“É misto, tenho muito em grupo, mas também tenho alguns individuais (...)</i>”</p> <p>E4. <i>“Aplico nas turmas programas de competências sociais, nomeadamente “Eu e os Outros” quando os professores acham quem é necessário. Muitas vezes quando há um conflito registados nós também intervimos em contexto de sala de aula, para mediar esses conflitos.”</i></p>
	<p>Principais constrangimentos sentidos no exercício da sua profissão no contexto escolar</p>	<p>Professores e/ou Restante Comunidade Educativa</p>	<p>E1. <i>“Constrangimentos diretos também já os senti mais na questão da aproximação e relação com os professores, (...) é um bocadinho a desconfiança, porque os diretores de</i></p>

turma sempre foram habituados a gerir certo tipo de coisas que é legítimo, (...) não estamos a tirar comparecências ao diretor de turma, mas estamos a trabalhar em equipa, um trabalho de cooperação que as vezes não é visto por todos da mesma forma, tornar-se um constrangimento. (...)"

E2. *“As dificuldades que temos no dia-a-dia são professores que também não tem motivação ou tem pouco interesse e pouco perfil para trabalhar com estes alunos e isso é difícil no dia-a-dia gerir isso emocionalmente é difícil (...) depois tenho que fazer intervenção com os alunos tenho de fazer intervenção com o professor, basicamente são essas as dificuldades.”*

E3. *“(...) neste momento não tenho grande constrangimento com a questão da relação com os professores, pois é um grupo que já está cá há muito tempo e já foi estabelecida esta ligação.*

			<p><i>Neste momento também já sabem o que ando cá a fazer, mas no início isso não aconteceu, não sabiam o que é que eu andava cá a fazer e era mais complicado a intervenção.”</i></p> <p>E4. <i>“Um dos principais constrangimentos sentidos, essencialmente, no início do desempenho de funções foi a resistências de alguns elementos da comunidade educativa em aceitar a intervenção do assistente social, uma vez que era uma função que nunca tinha sido desempenhada por ninguém (...)”</i></p>
		<p>Tempo</p>	<p>E3. <i>“(...) neste momento a nível dos constrangimentos é a questão do tempo, não dou para tudo, sou a única em todos os ciclos.”</i></p>

		Encaminhamento para serviços	<p>E1. “(...) Outro constrangimento é as vezes nós em termos de encaminhamentos (...) são aquelas coisas que não dependem de nós, temos sempre de depender dos outros serviços, e ficamos sempre, desculpe a expressão, mas com o menino nas mãos. (...) nós não conseguimos resolver nem desbloquear esta situação, às vezes isso é um bocadinho constrangimento não temos o poder de algumas decisões finais.”</p>
		Fracá valorização da escola por parte das famílias	<p>E4. “(...) é também um constrangimento as fracas perspectivas e valorização da escola que as famílias muitas vezes demonstram que dificulta a intervenção (...)”</p>
Principais desafios sentidos no trabalho com os alunos e respetivas famílias		Distanciamento e ou desvalorização da escola por parte da família	<p>E1. “Os desafios de chegarmos às famílias às vezes é grande porque temos sempre aquele critério que há famílias não vêm à escola (...) apoiamos todos os alunos que sejam necessário apoiar pontualmente (...) e com as famílias há uma fase e</p>

momentos que eles não vêm à escola e isto torna-se um constrangimento (...) nós temos mesmo que ir ao encontro das necessidades do que eles precisam e às vezes não é daquilo que nós queremos trabalhar mas é daquilo que as pessoas mais gostam e acho que isso é falta da proximidade e torna-se um constrangimento a gente poder ir ao encontro realmente das necessidades das famílias porque elas são todas muito dispersas, o que é necessário para uma não é necessário para outra (...) a evolução das situações não são de um dia para o outro, trabalhar famílias e pessoas também demora algum tempo para termos algum fruto (...)

E2. *“(...) é muito difícil fazer os pais perceber que utilidade e porque é que é tão importante a escola para os filhos deles eles. (...) Ter os pais do lado da escola é muito difícil. (...)”*

E4. *“(...) muitos alunos são oriundos de meios socioeconómicos*

			<p><i>desfavorecidos, que atualmente se encontram agravados devido à atual conjuntura nacional e local, nomeadamente, famílias disfuncionais, elevada taxa de desemprego e emprego precário (...) Esta realidade é notória no insuficiente acompanhamento da vida escolar dos alunos, que se funde com a fraca atenção das tarefas escolares e ainda com a falta criação de hábitos de estudo (...) pautado por uma fraca valorização da escola (...) as famílias acabam por não dar aos seus filhos grandes moldes e grandes competências (...)"</i></p>
		<p>Comportamentos e atitudes dos alunos</p>	<p>E1. (...) <i>A dificuldade às vezes é na mudança, também se pede logo uma mudança imediata de comportamento dos alunos e às vezes os comportamentos dos alunos não acontece de uma forma imediata tem de ser a longo prazo (...) No apoio com os alunos às vezes há miúdos que rejeitam (...) O desafio pode ser que eles, os alunos, atinjam aquilo que nós queremos mas isso</i></p>

depende deles do comportamento e da decisões que eles queiram tomar (...)”

E2. *“Olha o principal começa por a grande desmotivação e o grande desinteresse do público-alvo com quem trabalho (...) há um choque de culturas muito grande, na escola nota-se um desinteresse e uma descontextualização porque efetivamente o contexto e a cultura a que as famílias pertencem e estes alunos é muito distante e diferente daquilo que é o contexto escolar (...) a partir de uma determinada idade os alunos sentem-se desenraizados, esta instituição não lhes diz nada e eles sente-se completamente desenraizados, portanto é muito difícil trabalhar aqui a questão da motivação para estar em sala de aula e para virem à escola (...)*”

E3. *“Como um grande desafio temos o contexto económico e social neste momento, a saúde mental e*

			<p><i>a questão económica (...) a gestão das emoções que é gritante, a questão da frustração, isto é o impacto nós estamos a ter agora neste momento, o lidar com o outro, o saber aceitar um não, este tem sido os desafios que a gente tem tido volta e meia e alguma agressividade nas respostas destas situações, 2º ciclo, 5º,6º ano.”</i></p>
	<p>Serviços da comunidade parceiros da escola</p>	<p>Promoção, proteção e inserção de crianças e jovens</p>	<p>E1. “(...) trabalhamos muito diretamente com PSP com a GNR nas freguesias, (...) trabalhamos com a CPCJ, com a EMAT (...)”</p> <p>E2. “(...) Centro de Emprego, (...) CPCJ (...) EMAT (...)”</p> <p>E3. “(...) as equipas de apoio aos tribunais (...)”</p> <p>E4. “(...) CPCJ, PSP – Escola Segura, EMAT Ministério Público, Ministério da Justiça (...)”</p>
		<p>Área da Saúde</p>	<p>E1. “(...) trabalhamos com o centro de saúde, saúde escolar, (...) encaminhamos para terapia familiar e acompanhamento a nível da Pédio-psiquiatria. (...)”</p>

			<p>E2. “(...) <i>Centro de Saúde (...)</i> <i>Bombeiros Voluntários (...)</i>”</p> <p>E3. “(...) <i>centro de saúde (...)</i>”</p> <p>E4. “(...) <i>Intervenção precoce (...)</i>”</p>
		<p>Área Social</p>	<p>E1. “(...) <i>com o NAV, com Caritas Diocesana (...)</i> <i>com o CAFAP(...)</i>”</p> <p>E2. “(...) <i>Instituto de Reinserção Social (...)</i> <i>CLDS, projeto escolhas (...)</i> <i>Segurança Social (...)</i> <i>Lar de Idosos(...)</i>”</p> <p>E3. “(...) <i>CLDS (...)</i> <i>Associação cabo-verdiana que tem a questão dos imigrantes (...)</i> <i>lar (...)</i> <i>o projeto desigualdades que trata das questões das vítimas de violência doméstica (...)</i> <i>Segurança Social (...)</i> <i>CAFAP (...)</i>”</p> <p>E4. “(...) <i>Associação Sementes de Vida, Caritas Diocesanas de X, Santa Casa da Misericórdia, Associação Estar (...)</i>”</p>

		<p>Poder autárquico</p>	<p>E1. “(...) <i>loja social da câmara (...) com a equipa de RSI (...)</i>”</p> <p>E2. “(...) <i>Câmara Municipal (...) Junta de Freguesia (...)</i>”</p> <p>E3. “(...) <i>Câmara Municipal (...) SAAS (...)</i>”</p> <p>E4. “(...) <i>SAAS da Câmara Municipal (...)</i>”</p>
	<p>Impacto e mais valia do trabalho em rede com os parceiros da comunidade</p>	<p>Positivo</p>	<p>E1. “(...) <i>o trabalho em rede no absentismo é essencial, ou ir á a casa quando o aluno não está, ou pedir à PSP para ir lá a casa quando o aluno não está, essa ligação é sempre essencial temos estes parceiros, (...) é sempre importante esta articulação com a comunidade e com os serviços que nos apoiam(...)</i>”</p> <p>E2. “<i>Se não fosse aqui a relação com os parceiros o nosso trabalho era muito redutor, estarmos aqui muito fechados no Agrupamento era um trabalho muito redutor, é claro que é sem dúvida, e eu sempre defendi que o estabelecimento de parcerias e a manutenção</i>”</p>

			<p><i>destas parcerias é fundamental para o nosso trabalho de Assistente Social neste Agrupamento”</i></p> <p>E3. <i>“É espetacular não podia ser melhor (...) tu consegues ali rapidamente juntar uma porção de áreas e analisar a situação de diferentes famílias e orientar até nível de RSI, consegues facilmente detetar problemas e entre todos e ajudar sem estar a subcarregar a família que é sempre a grande questão, de subcarregar as famílias com vários atendimentos.”</i></p> <p>E4. <i>“(…) todas as parcerias são fundamentais para que se possa levar a cabo uma intervenção assertada e concertada., pelo que o impacto é bastante positivo. De realçar ainda os contactos diários da rede informal dos assistentes sociais que operam no concelho.”</i></p>
		<p>Negativo</p>	<p>E1. <i>“(…) Outro constrangimento é as vezes nós em termos de encaminhamentos (...) são aquelas coisas que não dependem de nós, temos</i></p>

			<p><i>sempre de depender dos outros serviços, e ficamos sempre (...) com o menino nas mãos. (...) nós não conseguimos resolver nem desbloquear esta situação, às vezes isso é um bocadinho constrangimento não temos o poder de algumas decisões finais. ”</i></p>
	<p>Descrição da relação do Assistente Social com a restante comunidade educativa</p>	<p>Positiva/colaborativa</p>	<p>E1. <i>“Foi uma evolução que se foi sentindo aos longos dos tempos na proximidade com os professores (...) Temos reuniões de estudo de caso de quinze em quinze dias, com a direção, com o coordenador da EMAEI do ensino especial e com os técnicos todos, terapia de falta, terapia ocupacional, psicologia, para discutirmos algumas situações de forma regular, definir os papéis e organizarmos, também é uma mais-valia na aproximação e na organização das situações (...) É importante a articulação não só com o exterior mas que também tem de ser feita aqui na escola, em que às vezes há a necessidade de por exemplo de</i></p>

acompanhamentos e atendimentos com o diretor de turma conjuntos com os professores isso é sempre possível e essa é uma boa proximidade, com a direção também temos sempre muito à vontade (...) pronto por isso às vezes a visão do assistente social da escola não é só um trabalho de escritório, porque gosto realmente de sentir esta parte da proximidade e acho que é sempre um ganho muito positivo.”

E2. *“A minha relação com a comunidade educativa é boa não posso caracterizá-la de outra forma, porque tenho uma boa relação com os auxiliares de ação educativa, tenho uma boa relação com os assistentes técnicos, tenho uma boa relação com os professores no geral, com os colegas os técnicos especializados com quem eu vou travando pontualmente algum tipo de relação mais próxima, quando organizamos atividades quando estamos juntos em reuniões, não posso caracterizar de outra maneira, tenho uma boa*

relação com a comunidade educativa.”

E3. *“É um processo, foi sempre um processo, tudo o que é novo é aquilo que os professores querem, eles esquecem-se que somos técnicos e temos a nossa opinião técnica e dão-nos autonomia técnica para as coisas, e às vezes dizemos coisas que eles não gostam. Nós a nível de direção tivemos um processo, no início foi mais complicado, eles perceberam que nós precisamos de estar na escola. Neste momento temos uma relação ótima, eles já perceberam completamente (...) a relação que tenho com os outros técnicos é boa (...) Nós trabalhamos perfeitamente enquanto equipa (...)”*

E4. *“É bastante positiva e bem aceite, socorremo-nos constantemente um dos outros. A nossa rede multidisciplinar suporta toda a intervenção”*

	<p>Mais valias das funções desempenhadas pelo Assistente Social no contexto escolar</p>	<p>Olhar técnico diferenciado dos restantes técnicos</p>	<p>E1. “<i>Eu acho que o assistente social, para além de dar uma perspetiva diferente à escola não só na questão académica (...) às vezes a perspetiva do assistente social pode ajudar a que haja uma visão diferente e diferenciada principalmente dos alunos (...) acho que o serviço social para além de trazer esta forma de ver diferente ou fazer aqui este balanço e trazer aqui uma outra perspetiva acho que é muito importante (...)</i>”</p> <p>E2. “<i>(...) acho que somos fundamentais uns contextos mais do que outros, mas é fundamental esta intervenção porque o psicólogo não consegue ver com as lentes do assistente social porque a formação é completamente diferente (...)</i>”</p> <p>E3. “<i>Acima de tudo a nível da formação, a nível da visão também é essencial (...)</i>”</p> <p>E4. “<i>(...) O Assistente Social realmente é fundamental, especificamente nestes</i></p>
--	---	--	--

			<p><i>agrupamentos porque existem uma grande quantidade de alunos com problemas inerentes à pobreza e que o Assistente Social consegue mais facilmente, também pelas suas capacidades formativas, deslindar, argumentar e procurar ajudar nesse sentido (...) O Assistente Social é uma mais valia no sentido que consegue ver e ter uma perspetiva da problemática socioeconómica (...)"</i></p>
--	--	--	---

		<p>Acompanhamento específico</p>	<p>E1. “(...) <i>mas conseguimos se calhar vivenciar, através visitas domiciliárias, conversas com os alunos de mais de forma mais individualizado ou através de conversas com os pais, às vezes podemos conseguir perceber algum historial de vida de que alguns professores não têm conhecimento (...) Porque nas escolas e em todo o lado se sente que às vezes a parte social toda a gente quer meter a colher. Toda a gente sabe qualquer coisinha qualquer coisa dá uma pitada (...) Uma vez, encaminhei um aluno para uma ótica aqui, que fez o grande favor de oferecer as lentes e os óculos. Pronto. Se não houver sua assistente social o professor, diretor de turma se calhar tinha que informar os pais que os pais tinham que fazer alguma coisa e as pessoas às vezes podem conseguir fazê-lo, mas também podem não conseguir fazê-lo. E aqui faz aqui a diferença (...) acho que a escola ganha muito com assistente social</i></p>
--	--	----------------------------------	---

neste tipo de intervenção também, para não falar da intervenção que temos que fazer diretamente com os pais e do acompanhamento que temos que fazer com alguns pais com alguma regularidade. Faço visitas domiciliárias sempre necessário (...) alguns pais precisam de algum cabaz alimentar, mas para não estar a encaminhar pois é uma situação uma situação muito pontual de um mês para estar a encaminhar para a loja social, para dar porque depois tem de fazer um processo é preciso a loja social também nos dar o cabaz e eu vou entregar à família (...)

E2. *“(...) cada vez mais é fundamental que existe um assistente social no mínimo por escola, porque as portas da escola começaram a estar abertas a tudo o que é problema que existe dentro das quatro paredes dos alunos,(...) tem que haver uma intervenção não só da parte escolar, do professor, pedagógica, e não só da parte do psicólogo, tem que*

haver uma intervenção mais alargada em que faz falta o assistente social (...) aquilo que é o assistente social e aquilo que o assistente social pode dar, a intervenção que faz com o aluno, com a família, e com todo o meio à volta é completamente diferente da que faz o psicólogo e eu acho cada vez mais faz todo sentido haver um assistente social dentro da escola, porque não havendo os outros técnicos acabam por ter que fazer da assistente social mas o ter que fazer de Assistente Social não é intervir enquanto assistente social, não têm formação (...)"

E3. *"(...) mas exatamente é isso ter perspectiva diferente na escola, porque tu tens a nível dos professores que são o ensino e a perspectiva do técnico é muito diferente e sempre uma perspectiva articulada com outro técnico de outra área (...)"*

E4. *"O recurso ao assistente social é sempre uma mais-valia nas escolas,*

			<p><i>mas é fundamental nas escolas TEIP em que os territórios e a sua população é maioritariamente desfavorecida e difícil. Para além de tudo, é um recurso extraordinário ao nível de combate à indisciplina e absentismo escolar(...)</i>”</p>
		<p>Capacitação</p>	<p>E4. “(...) O assistente social (...) consegue também argumentar e capacitar ao nível do encaminhamento para outras entidades de resposta às soluções dos problemas (...)”</p>
<p>Incipiente representação do Serviço Social no contexto escolar em Portugal</p>	<p>Falta de conhecimento sobre a intervenção e importância do AS numa escola</p>		<p>E1. “(...) O papel do Assistente Social não é fácil e leva tempo, alguns professores são da casa, mas há muitos que não são da casa e não sabem o nosso trabalho. E depois há uns que são mais sensíveis e outros que são menos sensíveis, são pessoas diferentes e nós temos de ir gerindo(...)”</p> <p>E2. “Olha eu acho que muitas escolas não tem assistentes sociais porque, a</p>

maior parte das pessoas que estão a dirigir as escolas neste momento ainda são os professores da velha guarda, são os diretores que eram os professores da velha guarda, os diretores que irão aparecer daqui a uns anos que serão já os professores e as professoras mais jovens em que estão num paradigma diferente, e em que veem que realmente é importante o assistente social (...) é uma questão de mentalidades, e é verdade que há muitas escolas que não reconhecem o papel do assistente social como prioridade, não vão buscar esse recurso (...) é rotulado pelo pessoal docente como tu ajudas os coitadinhos tu ajudas os pobrezinhos”

E3. *“Muitas das escolas não vêm essa necessidade, os professores querem acabar com os problemas psicológicos que é sempre mais importante e o resto vem por acréscimo e vai para a segurança social, muitos deles não vêm a*

		<p><i>importância e não percebem qual é o papel do assistente social na escola, agora começa a ser mais claro, porque se fosse há uns anos atrás não era muito claro o papel do assistente social numa escola, as pessoas exigem de ti uma coisa, que é o tal assistencialismo, quando a nossa perspetiva tem que ser cada vez mais de prevenção para não chegares aquele ponto, o trabalhar as famílias para não chegar aquele ponto (...)</i></p> <p>E4. “(...) nas escolas que nunca tenham tido assistente sociais acredito que não saibam a importância dele porque nunca o tiveram, eu quando cheguei ao agrupamento as pessoas não recorriam logo a mim. (...)”</p>	
		<p>Falta de uniformização da intervenção em contexto escolar</p>	<p>E1. “(...) não há nada que ajude a uniformizar o serviço social na escola ou que ajude a uniformizar a intervenção do assistente social nas escolas ou seja cada um vai fazendo da melhor forma que pode e</p>

que consegue de acordo com as necessidades de cada escola ou de cada agrupamento, não há nada que nos una e acho que isso faz muita falta porque eu muitas vezes tenho dúvidas existenciais se estou a fazer as coisas bem ou se estou a fazer as coisas mal (...) Não é o facto de eu já estar à mais tempo na escola que me dá a legitimidade de saber que estou a fazer bem, posso não estar (...) à semelhança da Ordem dos Psicólogos há algo que os une, há procedimentos e nós aqui estamos muito com a nossa sabedoria e com a nossa experiência pessoal e profissional. Eu acho que sinto que há aqui esta falta de união e também acredito quanto mais união haja e quanto mais alguma formalidade exista no Serviço Social nas escolas, mais facilmente se afirma a necessidade de um Assistente Social nas escolas, por isso é que eu digo que ainda é um caminho muito adolescente (...)faltam-nos aqui barreiras, somos muito

flexíveis na área social, mas falta-nos aqui alguma coisa que nos vá organizando e eu sinto isso a algum tempo, mesmo em termos de documentação, eu faço de uma forma mas se calhar outra escola faz de outra forma qualquer, também pode ter a ver com a documentação interna do agrupamento, mas pronto, falta qualquer coisa que nos una a nós enquanto classe e enquanto serviço social. ”

E2. *“(...) outra questão também o facto de não termos ordem, não foi criada ainda a ordem dos assistentes sociais, somos facilmente desvalorizados, o nosso papel é facilmente desvalorizado em contexto escola e quando estás na escola muitas vezes (...)”*

E4. *“(...) Senti necessidade de criar um formulário para a sinalização de alunos, de atendimentos aos encarregados de educação e criei um formulário de resposta para toda a comunidade educativa, e vários específicos para as*

			<p><i>entidades parceiras, vi a necessidade de criar neste agrupamento essa uniformização que é diferente de escola para escola”</i></p>
		<p>Falta de reconhecimento político da importância dos Assistentes Sociais em contexto escolar</p>	<p>E2. “(...) acho que também é uma questão política, acho que isto acaba por ser também uma questão política (...)”</p> <p>E4. “(...) Esta falta de Assistentes Sociais nas escolas tem a ver, com a nosso governo, se não houver verbas para afetar as pessoas, programas que o consiga fazer, as pessoas não ficam afetadas. E se cada ano houver um Assistente Social diferente as famílias não consegue estabelecer uma relação de confiança (...) Este facto é incipiente porque não há a oportunidade a nível de governação, de ser aberto este posto às escolas, enquanto as políticas centrais não analisarem esta possibilidade das escolas abrirem estes concursos nunca podem fazer uma adjudicação direta aos Assistentes</p>

			Sociais, não pode ser a escola a contratar estes técnicos (...)”
--	--	--	--

Anexos

Anexo 1 - Entrevista Um

Guião de Entrevista

A entrevista será aplicada no âmbito da Dissertação de Mestrado em Serviço Social - Riscos Sociais e Desenvolvimento Local, que tem como título “O Perfil de Atuação dos Assistentes Sociais que exercem funções no Contexto de Escolas TEIP na NUTS II - Alentejo” e encontra-se inserida no 2º ano do Mestrado

Objetivo Geral: “Caracterizar o Perfil de atuação dos Assistentes Sociais no Contexto de Escolas TEIP na NUTS II - Alentejo”

Os dados que irão ser recolhidos servirão apenas para o estudo em curso, garantindo-se total anonimato e confidencialidade.

Caracterização sócio profissional da/o Assistente Social

Sexo? “Feminino”

Qual a sua idade? “39 anos”

Licenciada há quanto tempo? “16 anos”

Qual a sua experiência profissional enquanto Assistente Social fora do contexto escolar? “Sempre trabalhei na área da infância e juventude, mas nem sempre trabalhei no contexto escolar, primeiro tive na CPCJ de X depois tive num projeto social e depois é que vim para a escola.”

Qual a sua experiência profissional enquanto Assistente Social no Contexto Escolar? “14 anos”

Ingressou na escola através de algum concurso ou programa do estado? Se sim, qual? Se não, ingressou na escola através de que concurso? “Na altura a escola iniciou um projeto TEIP e foi na sequência desse projeto que houve abertura de vaga aqui na escola, houve anos que havia recondução direta, nos primeiros anos, todos os anos havia um concurso, a partir de um determinado momento que eu já não me lembro foi a recondução direta, depois, entretanto veio a situação da regularidade dos técnicos ao nível do PREVPAP e foi quando entreguei os quadros da escola.”

No agrupamento de escolas onde se encontra, encontra-se inserido/a em algum

Gabinete Socioescolar? “Aqui na escola desempenho as funções no GAAF que é o gabinete de apoio ao aluno e à família.”

Na sua opinião, quais as características fundamentais que um Assistente Social deve ter no contexto escolar? “Acho muito importante a parte formal mas também a parte informal no acompanhamento que possamos ter com os alunos, nos corredores, nos intervalos, nas horas de almoço, é muito importante o acompanhamento que fazemos com as famílias de alguns alunos que carecem de alguma sinalização e desse acompanhamento mais personalizado, é importante também o envolvimento que temos junto de turmas num trabalho de grupo em termos de desenvolvimento de competências sócio emocionais, quer com a ajuda e colaboração dos psicólogos, quer como das animadoras socioculturais que também fazem parte do GAAF, trabalhamos muito em equipa e eu acho que isso é muito importante nós técnicos de serviço social também podermos desempenhar esses papéis mais na questão mais preventiva e na promoção de comportamentos mais saudáveis daquilo que possamos contribuir, a articulação com os diretores de turma, nós técnicos trazemos uma perspetiva diferente à escola e damos um contributo diferente, que também demora o seu tempo das escolas conseguirem absorver essa diferença, porque nem sempre foi fácil ou nem sempre é visto como um possível encaminhamento, mas que é necessário e é importante ter esta visão diferenciada da classe docente. É muito importante os Assistentes Sociais serem empáticos no trabalho com os outros”.

Quantos/as Assistentes Sociais estão neste momento afetos a este agrupamento de escolas? “Neste momento 2.”

Todos/as têm as mesmas funções com públicos diferentes, cada um/uma tem funções específicas? “Enquanto assistente social estou eu que faço parte do GAAF e a minha colega é TIL, é técnica de intervenção local do PIEF, que tanto pode ser uma Assistente Social como psicóloga ou alguém da área social, por coincidência também é Assistente Social, ou seja, o Agrupamento tem duas Assistentes Sociais, uma delas é TIL e só está responsável pela turma PIEF.”

Perfil Profissional do Assistente Social

Quais as principais funções que o Assistente Social desempenha no contexto escolar? “Intervenção com alunos, famílias, com a comunidade escolar, fazemos muito a articulação com os parceiros e todas as outras situações que lhe disse anteriormente.”

Caracterize o Público-alvo com quem o Assistente Social intervém em contexto escolar. Alunos de que idade? Ano de escolaridade? “O agrupamento no qual desempenho funções vai do pré-escolar ao nono ano, educação pré-escolar até ao terceiro ciclo e podem vir sinalizados alunos de todos os ciclos, desde o pré escolar ao terceiro ciclo, normalmente surgem mais apelos e sinalizações no segundo e terceiro ciclo, se calhar porque eu estou sediada aqui na escola sede, não impossibilita que vá ao primeiro ciclo ou ao pré escolar, mas a proximidade física acaba por facilitar o contacto”.

Explique o método de atuação do/a Assistente Social no contexto escolar, grupo e/ou individualmente. “Depende muito das situações, há situações que são individualizadas, a minha sala é também a sala do compasso de espera, tem a ver com a questão da indisciplina, os alunos quando se portam mal na sala de aula vêm para o compasso de espera, aqui têm uma conversa comigo, normalmente trazem uma tarefa, do professor, do contexto de sala de aula para fazer, normalmente há sempre um contacto com o encarregado de educação, para dizer que o aluno está no compasso de espera, depois articulamos com o diretor de turma, nós aqui temos sempre esse contacto, aqui é uma forma mais individualizada, é uma coisa mais personalizada porque conseguimos ver a frequência com que eles vêm, a regularidade os motivos, temos um acompanhamento que vai surgindo, estes acompanhamentos mais personalizados na parte do compasso de espera que são para aqui, depois surgem encaminhamento dos diretores de turma em que fala de uma situação específica, uma necessidade de encaminhamento, por exemplo de encaminhamento para o reforço alimentar, são coisas que também se tem de ir falando, se houver uma briga ou conflito, aqui fazemos também a gestão e mediação de conflitos, então aí já terá de ser de grupo, entretanto se for num contexto de sala de aula, que nos fazemos algumas dinâmicas, e trabalho com os alunos, também em questão de grupo, eu aqui também desempenho funções de tutora, sou tutora, são-me atribuído alunos para tutoria de

estudo dos quais também tenho um acompanhamento individualizado, não estou lá para ensinar porque não sou professora, mas ajuda-nos muito bem a conhecer os alunos, em termos da organização do caderno, ver e acompanhar se tem trabalhos na classroom, fazer este acompanhamento de forma mais direta e também faz-nos aproximar dos alunos, isso pode ser de força individualizada ou em grupo, o trabalho em grupo e individual depende muito das situações. O contacto com as famílias destes alunos pode ser feito de várias maneiras através do diretor de turma, para tentar perceber o que esta a acontecer e poder-mos acompanhar as famílias como pode também acontecer um contacto com um serviço externo, por exemplo, nós agora temos recebido muitos alunos estrangeiros, as vezes é a Caritas que encaminha para nós e nós começamos a acompanhar, mesmo que não seja um acompanhamento regular, mas passamos a ter mais contacto com as famílias, aí somos nós que iniciamos primeiro o acompanhamento com a família e depois transmitimos ao diretor de turma há assim uma triangulação. ”

Quais os principais constrangimentos no exercício da sua profissão no contexto escolar? “Constrangimentos diretos também já os senti mais na questão da aproximação e relação com os professores, quando estamos à algum tempo na escola já vamos conhecendo as caras, é diferente o acompanhamento , a intervenção e a ligação que existe com os professores, às vezes o que acontece é um bocadinho a desconfiança, porque os diretores de turma sempre foram habituados a gerir certo tipo de coisas, que é legítimo, mas também podem pedir uma ajuda e um apoio a alguém que possa fazer por eles em alguns momentos, não estamos a tirar comparecências ao diretor de turma mas estamos a trabalhar em equipa, um trabalho de cooperação que as vezes não é visto por todos da mesma forma, tornar-se um constrangimento, mas como tanto tem de constrangimento como já não têm, acaba por ser mais fácil essa parte do envolvimento. Outro constrangimento é às vezes nós em termos de encaminhamentos, ou a nível da saúde ou a nível de algum apoio económico por exemplo, para dentes ou para óculos, são aquelas coisas que não dependem de nós, temos sempre de depender dos outros serviços, e ficamos sempre, desculpe a expressão, mas com o menino nas mãos, porque não sabemos muito bem como gerir, ou ajudar e ficamos um bocadinho incapazes de contribuir para alguma solução, porque não depende só de nós para poder-mos ajudar. Nós fazemos o encaminhamento para, e depois perdemos-lhe um bocadinho o norte e depois não

depende de nós, nós ate podemos saber o norte, onde esta , mas é a da dependência de alguém para poder-mos tentar ajudar, por exemplo cá, não há muito consultas de Pédio-psiquiatria e é sempre difícil e temos uma serie de miúdos que precisam, as vezes falta consultas ou medicação, fazermos esta articulação, por exemplo, com a parte da saúde é sempre mais difícil, as listas de esperas do médico de família são grandes, não depende de nós, diariamente precisam de, e nós não conseguimos resolver nem desbloquear esta situação, às vezes isso é um bocadinho constrangimento não temos o poder de algumas decisões finais.”

Quais os principais desafios na intervenção com os alunos e respetivas famílias?

“Os desafios de chegarmos às famílias às vezes é grande porque temos sempre aquele critério que há famílias não vêm à escola e têm-se as palavras do senso comum de que só vem à escola as famílias que não precisam, mas eu vou-me desvinculando dessa ideia, hoje em dia todos os miúdos precisam independentemente dos escalão que tenham e Independentemente do acompanhamento que seja necessário, parte das famílias não são os meninos de escalão que às vezes precisam é no sentido do acompanhamento, nós aqui na escola às vezes fazemos isso, apoiamos todos os alunos que sejam necessário apoiar pontualmente estamos atentos a essas questões, e com as famílias há uma fase e momentos que eles não vêm à escola e isto torna-se um constrangimento mas às vezes me questiono como é que nós podemos trabalhar estas famílias em situações muito pontuais, ir fazer uma sessão de sensibilização não sei se dará um impacto suficiente ou faz sentido. Por exemplo quando veio a pandemia houve um projeto da EDP que era da academia digital para pais, nós desenvolvemos aqui no primeiro ano e correu muito bem conseguimos fazer três turmas, andava super contente agora o programa está, a divulgação é feita na mesma forma não há tanta adesão por parte dos pais, ou seja, nós temos mesmo que ir ao encontro das necessidades, do que eles precisam e às vezes não é daquilo que nós queremos trabalhar mas é daquilo que as pessoas mais gostam e acho que isso é falta da proximidade e torna-se um constrangimento a gente poder ir ao encontro realmente das necessidades das famílias porque elas são todas muito dispersas, o que é necessário para uma não é necessário para outra e fazemos sempre o planeamento na base do que nós escola gostaríamos de trabalhar. Um grande constrangimento é trazer alguns pais, mas quando é para atendimentos e alguma coisa alguns pais surgem. A dificuldade às vezes é na mudança, também se pede logo uma mudança imediata de

comportamento dos alunos e às vezes os comportamentos dos alunos não acontece de uma forma imediata tem de ser a longo prazo, se calhar um aluno que já não vinha à escola há 15 dias e passou a vir dia sim dia não já pode ser um ganho mas esta questão dos tempos também às vezes podem ser um desafio e a compreensão do tempo de cada um e a evolução das situações não são de um dia para o outro, trabalhar famílias e pessoas também demora algum tempo para termos algum fruto. No apoio com os alunos às vezes há miúdos que rejeitam, vou falar dos que estão comigo, comigo ainda ninguém rejeitou porque lá está é o que eu estava a dizer no início eu acho que é muito importante nós temos muitos ganhos na relação que temos com os alunos de uma forma informal saímos aqui da sala e vamos por exemplo jogar matrecos, ou ping pong ou estar com eles de uma forma muito informal na proximidade que temos como eles porque depois ganhamos em outros contextos, no contexto de um acompanhamento mais individualizado mais depressa nos aproximamos mais depressa temos ali algum elo de ligação que possa existir e isso eu acho que é um ganho importante de nós podemos de uma forma informal estar com os alunos e as dinâmicas nas salas de aulas, esse tipo de acompanhamento faz com que agente vá conhecendo os alunos, da companhia se faz com que a gente saiba a cara deles todos os nomes, eles também nos vão conhecendo, não somos a chiba do professor também facilita, e parece que não mas isto também faz uma aproximação, quando há brigas, pronto, elas são legítimas e há sempre dois lados que possam discordar mas a gente tem que ouvi-los e eles acatam e depois vêm, se não é no dia da briga que está tudo a ferver é no dia a seguir, mas a gente tenta sempre fazer este acompanhamento e eles vêm e aderem. O desafio pode ser que eles, os alunos, atinjam aquilo que nós queremos mas isso depende deles do comportamento e da decisões que eles queiram tomar, mas só que depois também lhes vai la ficando assim alguma coisa na cabeça e acho que é importante essa parte e eu acho que ganhamos muito, em termos de escola, com este aproximação mais informal porque temos um à vontade diferente para falarmos com os alunos sobre determinados assuntos e contextos.”

Que serviços da comunidade trabalham em parceria com a escola ?“Trabalhamos com vários, também ao nível individual na família do aluno e depois a nível mais global das sessões e das temáticas que temos que desenvolver, mas trabalhamos muito diretamente com PSP com a GNR nas freguesias, trabalhamos com o centro de

saúde, saúde escolar, trabalhamos com a CPCJ, com a EMAT, com a equipa de RSI, com o CAFAP, com o NAVE, com Cáritas Diocesana daqui de X, a loja social da câmara na área infantojuvenil, fazem também terapia familiar e acompanhamento a nível da Pédio-psiquiatria. Tanto podem trabalhar de forma informal em algumas situações de algumas famílias, dizem, olha esta situação que acontece como é que está? como é que não está? Quando podemos por exemplo telefonar ao núcleo de apoio à vítima para vir fazer uma sessão para o dia dos namorados e eles vêm. Há assim uma articulação, agora aquelas ações por exemplo da PSP, do centro de saúde também têm sempre, anualmente vêm dinamizar estas sessões à escola. O que acontece, nós também dinamizamos aqui na escola, o GAAF também ajuda na colaboração da Feira da Saúde, anualmente temos uma feira da saúde, onde damos lugar a este tipo de workshops que fazemos tanto para turmas como para professores, auxiliares, assistentes operacionais para os pais, tentamos sempre nesta semana dinamizar mais atividades.”

De que forma analisa o impacto e mais valia do trabalho em rede com os parceiros da comunidade? “Na questão do abandono, não é abandono que nós não temos abandono mas no absentismo é essencial, ou ir á a casa quando o aluno não está, ou pedir à PSP para ir lá a casa quando o aluno não está, essa ligação é sempre essencial temos estes parceiros, mas ao mesmo tempo que já temos que ligar ao centro de saúde porque falta médico de família temos que fazer uma triangulação sempre das situações e sem eles obviamente que é mais difícil tentarmos desbloquear alguns obstáculos que vão surgindo, é sempre importante esta articulação com a comunidade e com os serviços que nos apoiam, da nossa parte e da parte deles, que às vezes também telefone e perguntam: Olha como é que está o aluno tal na escola tem ido? não tem ido? tem-se portado bem?”

Como descreve a relação do Assistente Social com a restante comunidade educativa? “Foi uma evolução que se foi sentindo aos longos dos tempos na proximidade com os professores não tanto com os técnicos, porque os colegas psicólogos, nem com os animadores porque estamos um bocadinho na mesma gaveta, mesmo com o técnico da terapia da fala e ocupacional que a escola também tem. Temos reuniões de estudo de caso de quinze em quinze dias, com a direção, com o coordenador da EMAEI do ensino especial e com os técnicos todos, terapia de falta,

terapia ocupacional, psicologia, para discutirmos algumas situações de forma regular, definir os papéis e organizarmos, também é uma mais-valia na aproximação e na organização das situações de alguns alunos que nos preocupam mais, na escola um aluno pode ter várias valências. É importante a articulação não só com o exterior mas que também tem de ser feita aqui na escola, em que às vezes há a necessidade de por exemplo de acompanhamentos e atendimentos com o diretor de turma conjuntos com os professores isso é sempre possível e essa é uma boa proximidade, com a direção também temos sempre muito à vontade, falo eu assistente social mas também no GAAF, também esta proximidade com a direção que nos apoia na resolução de situações que sejam necessárias, por exemplo para atribuição do escalão dos alunos que é necessário ou atribuição da refeição, como estava a dizer agora temos alguns imigrantes ou alguns que a situações familiar mudam e o rendimento está para escalão B, mas com escalão Seria mais fácil, fazemos este pedido na direção e é sempre muito acessível, por isso há aqui uma proximidade e uma ligação muito boa muito favorável, o que estamos a fazer e a pedir é quase como garantido, falamos com antecedência e também temos as reuniões de estudo de caso que também nos ajudam facilitar e comunicar, temos a diretora que é acessível e sensível. Mas nós também fazemos um bocadinho de tudo, olha às vezes ajudamos os miúdos a dinamizar as festas, por exemplo quando é o baile de finalistas. No GAAF temos os animadores socioculturais e depois também vamos pontualmente fazendo a comemoração de algumas datas festivas e em que nós estamos todos assim um bocadinho mais envolvidos, pronto por isso às vezes a visão do assistente social da escola não é só um trabalho de escritório, porque gosto realmente de sentir esta parte da proximidade e acho que é sempre um ganho muito positivo.”

Na sua opinião, quais as mais valias da existência de um Assistente Social no contexto escolar? “Olhe eu acho que o assistente social, para além de dar uma perspetiva diferente à escola não só na questão académica, porque realmente a gente pode, não é que os professores não o vejam, não é nesse sentido, mas conseguimos se calhar vivenciar, através visitas domiciliárias, conversas com os alunos de mais de forma mais individualizado ou através de conversas com os pais, às vezes podemos conseguir perceber algum historial de vida de que alguns professores não têm conhecimento dos alunos e às vezes algumas reações dos alunos surgem pela mochila que cada um tem. Como eu costumo dizer, não é? Eles são assim por algum motivo e

às vezes muito bons são eles nos seus comportamentos por aquilo que vivem, não é? E alguns deles já viveram mais do que alguma vez vou passar na minha vida. Às vezes a perspetiva do assistente social pode ajudar a que haja uma visão diferente e diferenciada principalmente dos alunos, não é? Perceber o motivo porque se calhar um professor agora olha para um aluno vê o mais em baixo e diz Helena fala lá com ele que ele hoje não está bem, se calhar numa outra situação deixar, não é deixar andar porque o professor pode ter proximidade e o cuidado de, mas também pode, sai-se de uma aula entra-se para outra e e o acompanhamento é diferente, não é? O direto de turma ou o outro professor e eu acho que o serviço social para além de trazer esta forma de ver diferente ou fazer aqui este balanço e trazer aqui uma outra perspetiva acho que é muito importante. Tal como é importante também é específica que nós temos às vezes com os pais não é? O acompanhamento que temos com os pais em relação à escola. Às vezes também é necessário mediar situações porque os professores têm que dizer o que lá está. Obviamente os miúdos faltam. Têm que o dizer e têm que o fazer. Às vezes os pais alguns entendem muito bem outras vezes não entendem bem. E às vezes também mediar aqui a questão da escola também faz com que os pais se aproximem mais ao ou não. Pronto também se podiam afastar mais. Mas pronto acho que esta mediação com as famílias também é muito importante. Chamar a atenção porque às vezes a gente tem que fazer um papel um bocadinho de cara feia, não é? Para alguns que não cumprem com todas as regras, mas eu acho que também é importante, é importante também dar outro conhecimento ao nível por exemplo de processos de promoção e proteção como é que as coisas funcionam porque nós temos uma sabedoria diferente. diferenciada, não é? Porque nas escolas e em todo o lado se sente que às vezes a parte social toda a gente quer meter a colher. Toda a gente sabe qualquer coisinha qualquer coisa dá uma pitada, porque o senso comum é exatamente isso que traz, o senso comum também trás a questão das prioridades que até nós próprios também se calhar às vezes falamos enquanto assistentes sociais, não é? Com as prioridades olha lá com tantas dificuldades e vai tomar o pequeno almoço para o café. Toda a gente fala desta forma, mas isso é muito senso comum, não é? E às vezes eu própria também posso dizer o mesmo, mas prioridades das pessoas estão às vezes trocadas e nós se calhar pode-nos chocar esse comportamento, mas consigo entendê-lo de uma outra forma outras pessoas não conseguem ter essa essa visão diferenciada e acho que o papel do

assistente social é aquilo que pode trazer era isso, não é? Trás uma vantagem que é grande por exemplo se algum aluno está a faltar ou se de forma regular e o poder lá ir a casa bater à porta e perguntar onde é que tu andas ou o que é que estás a fazer porque é que não vens à escola? Porque se não for assim a escola também tem apoios obviamente. Há escolas que não têm assistências sociais e que têm que o dinamizar da mesma forma, mas se calhar vai mais depressa por exemplo à PSP ou vai mais presa para a CPCJ, não é? E se nós podemos tentar remediar e intervir com alguma antecedência editamos alguns processos, não é? Pronto. Outros nem tanto têm que ser mesmo encaminhados porque já não conseguimos e não temos um ano só da nossa competência, mas eu acho que tem esta vantagem também, não é? por exemplo também tem vantagem de às vezes fazeres alguns encaminhamentos mais diretos para dentista ou para o oftalmologista. Temos esta necessidade porque nós por exemplo deste ano tínhamos um menino que chegou que é Albino e tem uma grande dificuldade de visão, não é? Uma vez, encaminhei um aluno para uma ótica aqui, que fez o grande favor de oferecer as lentes e os óculos. Pronto. Se não houver sua assistente social o professor diretor de turma ou se calhar tinha que informar os pais que os pais tinham que fazer alguma coisa e as pessoas às vezes podem conseguir fazê-lo, mas também podem não conseguir fazê-lo. E aqui faz aqui a diferença, não é? Porque se calhar a gente podendo informar os pais olhem tenho que ir ao centro de saúde tenho que ir aqui a uma ótica é diferente pronto na mediação também destas situações e isso acho que a escola ganha muito com assistente social neste tipo de intervenção também, para não falar da intervenção que temos que fazer diretamente com os pais e do acompanhamento que temos que fazer com alguns pais com alguma regularidade. Faço visitas domiciliárias sempre necessário ou faço para ir ver de um aluno ou faço porque por exemplo às vezes alguns miúdos estão doentes, na fase da pandemia fiz muitas porque ia levar fichas que os meninos não tinham até se a fiz e depois estava com a de cabeça eles estavam bem se não estavam bem e por aí fora, não é? Para eles e família obviamente. Mas se algum miúdo esteja doente ou a faltar com muita frequência faço sempre que forem necessários. Não tem constrangimento, mas uma desvantagem que pode surgir aqui no serviço é irmos sozinhos, há serviços que vão acompanhados que tem suas vantagens, porque há ali um ombro amigo, uma cumplicidade a dois, mas às vezes é necessário e faço as visitas que forem necessárias e quando são necessárias , ou alguns pais precisam de algum cabaz alimentar, mas

para não estar a encaminhar pois é uma situação uma situação muito pontual de um mês para estar a encaminhar para a loja social, para dar porque depois tem fazer um processo que é preciso, a loja social também nos dá o cabaz e eu vou entregar à família e pronto como é uma coisa pontual de um mês ou dois não há necessidade de estar a formalizar porque às vezes as pessoas só dão apertadas um mês ou dois, depois vou lá a casa e vejo e ajudamos no que for necessário.”

Qual a sua opinião sobre a, incipiente, representação do Serviço Social no contexto escolar em Portugal?

“Eu acho que as vezes têm educação social em algumas comunidades que os TEIP são todos diferentes uns dos outros pelas características também de cada um, aqui perto de nós temos um TEIP que é Y que é basicamente por existir muito uma comunidade de etnia cigana muito elevada, nós aqui em X não temos tanto, mas aqui X por aí fora muitas escolas são TEIP pelo contexto territorial, o território é sempre diferente de zona para zona, às vezes acontece a mediação social também já me apercebi algures na comunidade mas não sei como é que funciona, costumo dizer que nós aqui no serviço social na escola somos adolescente ainda, já não posso dizer que somos crianças porque já cá estamos a algum tempo nas escolas, mas fomos uma profissão muito adolescente no contexto escolar e um grande constrangimento que eu à pouco não falei mas que eu sinto que é a nível geral do serviço social nas escolas é que não há nada como uniformizar ou que ajude a uniformizar a intervenção do assistente social nas escolas ou seja cada um vai fazendo da melhor forma que pode e que consegue de acordo com as necessidades de cada escola ou de cada agrupamento, não há nada que nos una e acho que isso faz muita falta porque eu muitas vezes tenho dúvidas existenciais se estou a fazer as coisas bem ou se estou a fazer as coisas mal. Se é a melhor forma de intervir ou não, se as minhas colegas o fazem ou não. Não é o facto de eu já estar à mais tempo na escola que me dá a legitimidade de saber que estou a fazer bem, posso não estar e isso é um constrangimento que sinto, nas escolas por exemplo à semelhança da Ordem dos Psicólogos há algo que os une, há procedimentos e nós aqui estamos muito com a nossa sabedoria e com a nossa experiência pessoal e profissional. Eu acho que sinto que há aqui esta falta de união e também acredito quanto mais união haja e quanto mais alguma formalidade exista no Serviço Social nas escolas, mais facilmente se afirma a necessidade de um Assistente Social nas escolas, por isso é que eu digo que ainda é um caminho muito adolescente que se tem

de percorrer porque como eu estava a dizer a pouco o assistente social não necessita ser só por questões de escalão. Cada vez sinto mais isso não é só por uma questão de escalão porque nós temos situações de bullying e muitas das vezes quem faz o bullying pode não ter escalão, se não tem escalão porque é que o faz? O que lhe está a acontecer? Para se tornar desta forma mais agressiva, as vezes as coisas lá em casa podem não funcionar bem, estamos a falar de famílias e as famílias têm formas de estar muito diferenciadas umas das outras e as famílias, não tem a ver com escalão, tem a ver com relações, e às vezes as relações são prejudiciais ou precisam de ajustes e o Assistente Social pode aqui fazer um bocadinho a diferença nesse sentido, não apenas exclusivamente na questão do escalão porque quando pensam em Assistente Social é só que aí que vão retirar os meus filhos e não é nesse sentido, mas é também no apoio à família, no sentido geral da família. O papel do Assistente Social não é fácil e leva tempo, alguns professores são da casa, mas há muitos que não são da casa. E depois há uns que são mais sensíveis e outros que são menos sensíveis, são pessoas diferentes e nós temos de ir gerindo, há situações que eu sinto necessidade de intervir, chega ao pé do professor e a gente vai falando. Alguns também ser que basta dar uma atenção que eles conseguem desbloquear e fazer as coisas, por isso qual é a necessidade de eu me estar a impor. Hoje de manhã passei no corredor e vi uma menina com o braço todo cortado, falei com a diretora de turma e com a psicóloga, não falei com ela porque estava num grupo com outros miúdos, mas é uma coisa que chama a atenção e agente vai falar com o diretor de turma com a psicóloga para tentar perceber o que é que está a acontecer porque isto pode ser uma questão de sofrimento obviamente que é a auto mutilação mas também pode ser uma questão de moda no sentido de tik tok e coisas do género, isto acontece agora, o porque já não sei, também não sei se me cabe a mim assistente social de saber todo o percurso porque isto acontece mas cabe-me a mim falar com o diretor de turma e com a psicóloga que estão mais diretamente e se for necessário fazer a ponte com os pais e fazemos uma articulação conjunta, agora é assim há professores que detetem as coisas na hora e resolvem e é legítimo não têm de vir a correr pedir o apoio do Assistente Social, há coisas que os professores conseguem ir resolvendo. Isto é um bocadinho à semelhança das CPCJ, por exemplo, o diretor de turma deve ir resolvendo e organizando, as vezes quando não consegue organizar ou quando sente que não tem disponibilidade ou não tem capacidade emocional, seja aquilo que for, pede ajuda a alguém. Nós aqui na

escola também vamos tentando resolver as situações, conseguimos fazê-las? Melhor! Se não conseguirmos também pedimos ajuda à CPCJ. Somos pecinhas de encaixe e de ligação com os professores e com os serviços. Agora lá está, não há nada que nos uniformize, se estou a fazer bem ou mal não sei vou fazendo. Se nós às vezes pedimos ao pais para darem limites aos filhos e fronteiras, mas depois nós não sabemos quais é que não os nossos limites e fronteiras, mal comparando, porque faltam-nos aqui barreiras, somos muito flexíveis na área social, mas falta-nos aqui alguma coisa que nos vá organizando e eu sinto isso a algum tempo, mesmo em termos de documentação, eu faço de uma forma mas se calhar outra escola faz de outra forma qualquer, também pode ter a ver com a documentação interna do agrupamento, mas pronto, falta qualquer coisa que nos una a nós enquanto classe e enquanto serviço social.”

Anexo 2 - Entrevista Dois

Guião de Entrevista

A entrevista será aplicada no âmbito da Dissertação de Mestrado em Serviço Social - Riscos Sociais e Desenvolvimento Local, que tem como título “O Perfil de Atuação dos Assistentes Sociais que exercem funções no Contexto de Escolas TEIP na NUTS II - Alentejo” e encontra-se inserida no 2º ano do Mestrado

Objetivo Geral: “Caracterizar o Perfil de atuação dos Assistentes Sociais no Contexto de Escolas TEIP na NUTS II - Alentejo”

Os dados que irão ser recolhidos servirão apenas para o estudo em curso, garantindo-se total anonimato e confidencialidade.

Caracterização sócio profissional da/o Assistente Social

Sexo? “Feminino”

Qual a sua idade? “38 anos”

Licenciada há quanto tempo? “Terminei a licenciatura em 2008, portanto há 15 anos.”

Qual a sua experiência profissional enquanto Assistente Social fora do contexto escolar? “Fora do contexto escolar nunca fui assistente social em lado nenhum. Sempre em contexto escolar, um letivo fiquei em mas nos outros anos tenho estado

sempre aqui no agrupamento .”

Qual a sua experiência profissional enquanto Assistente Social no Contexto Escolar? “15 anos.”

Ingressou na escola através de algum concurso ou programa do estado? Se sim, qual? Se não, ingressou na escola através de que concurso? ” Foi estágio profissional fui chamada pela pelo IIEFP para fazer um estágio profissional e depois do estágio profissional foi-se traduzido em situações de contrato, renovações e depois efetivei através do PREVPAP e agora estou efetiva no quadro.”

No agrupamento de escolas onde se encontra encontra-se inserida/o em algum Gabinete Socioescolar? “Não. Estou só a trabalhar com as turmas PIEF, faço acompanhamento pontual a alunos de outras turmas sem ser PIEF, mas sempre alunos ciganos, faço acompanhamento, daquele acompanhamento de contactos com a educação de educação, envio de convocatórias, atendimento com os diretores de turma, atendimentos individuais aos alunos quando estão a faltar muito, pronto é nesse sentido que os diretores de turma me pedem, sendo que não são essas as minhas funções específicas neste momento. Eu sou técnica de acompanhamento das turmas PIEF, mas faço esse acompanhamento também com alunos da comunidade cigana, portanto a minha vasta experiência traduz-se até agora é na comunidade cigana. Acabo por dar apoio a alunos que estão referenciados no GAAF por uma questão de proximidade dos alunos e famílias sinalizadas, mas não trabalho dentro do GAAF.”

Na sua opinião, quais as características fundamentais que um Assistente Social deve ter no contexto escolar? “Vou responder a nível geral não só sobre a as minhas funções específicas, mas a nível geral. A primeira característica que um assistente social deve desenvolver quando trabalho em contexto escolar é empatia, empatia com os alunos a empatia com as famílias para que se consiga ter aqui uma relação de proximidade, eu acho que a empatia é o pilar fundamental. Depois tem que ser bom ouvinte, tem que ser bom ouvinte, tem que ter capacidade de ouvir, de analisar o outro, de escutar, os alunos precisam muito de ser ouvidos, os professores precisam muito de ser ouvidos, procuram muitas vezes o assistente social por várias razões, às vezes só mesmo para desabafar, não é porque a gente vai conseguir resolver um problema, mas só para desabafar também somos muitas vezes procurados, e então

temos que ter esta capacidade de saber ouvir, de estar disponível acho que tem que haver uma disponibilidade muito grande da nossa parte para o outro, o outro professor, outra família, outro aluno, e às vezes até o outro os auxiliar de ação educativa também, portanto a empatia, o saber a ouvir, a disponibilidade, depois do que eu conheço deste Agrupamento e do que reconheci também em Y mas desde agrupamento, este agrupamento é TEIP e nós precisamos muito de mediar, eu acho que passamos muito do nosso tempo a mediar, fazer mediação, às vezes é de conflitos e outras vezes acaba por não ser uma situação conflituosa, mas acabamos muito por mediar portanto esta empatia e este saber a ouvir e esta disponibilidade depois levamos para esse caminho da mediação, acabamos por estar muito a mediar várias situações podemos chamar conflitos mas às vezes não são os conflitos conhecidos como conflitos, mas mediar aqui às vezes, as pontes, os opostos, os que são diferentes e que às vezes necessitam desta mediação e acabam por o fazer connosco, acabamos por ser nós que temos que tomar esse papel aqui dentro da escola. Depois tudo aquilo que nós aprendemos quando tiramos a licenciatura, o sigilo profissional portanto acabamos por ouvir muitas vezes em atendimentos individuais ao aluno e às famílias, desabafos de situações muito específicas e comprometedoras que famílias às vezes passam quando nos procuram, ou quando nós procuramos ouvir essas famílias porque são chamados a escola ou numa visita domiciliária acho que tem que haver muito o sigilo profissional, não deve ser exposto o contexto familiar e aquilo que a gente vê em visitas domiciliárias e que as famílias de alguma forma nos confessam reuniões, por exemplo, com professores pode-se falar que o contexto familiar do aluno é assim ou assado mas de uma forma muito geral acho que aquilo que a nossa profissão tem do poder ver e estar em casa da família e estar com a família no momento mais privado, que às vezes o diretor de turma acaba por não ter essa disponibilidade, ou não tem esse papel e também não tem essa formação, acho que tem que haver um bocadinho de sigilo profissional dessas situações muito sui géneris, que às vezes vimos e ouvimos. Portanto eu acho que as características do Assistente Social que se resume à empatia ao saber ouvir à disponibilidade ao sigilo profissional. Depois uma competência que é transversal, é o conseguir sempre ir acompanhando o aluno e a família de forma a canaliza-lo, para se ir emancipação aqui desta nossa ajuda, porque senão vamo-nos tornar uma bengala no 3º ciclo todo no secundário, quer dizer, convém que o aluno e a família precise, de uma ajuda nossa durante uma determinada

altura, mas que não sirvamos de bengala para o resto do percurso profissional do aluno, porque isso não seria muito bom sinal, convém que a gente tenha essa consciência, às vezes é difícil, as famílias também precisam de outro trabalho de outras entidades, não é só com a escola que conseguimos resolver os problemas da família mas acho que da nossa parte devemos de fazer esse trabalho, de encaminhamento para que a família consiga depois deixar esta bengala de estar sempre pendurado no Assistente Social.”

Quantos/as Assistentes Sociais estão neste momento afetos a este agrupamento de escolas? “Duas. São duas assistentes sociais, que são as duas técnicas de intervenção local dos PIEF, portanto é uma técnica de intervenção local na escola básica que está com o PIEF de segundo ciclo e sou eu que estou com o PIEF de terceiro ciclo aqui na secundária.”

Todos/as têm as mesmas funções com públicos diferentes, cada um/uma tem funções específicas? “Em atividades de grupo costumamos juntar as turmas mas no dia a dia, eu faço a minha intervenção com as turmas de terceiro ciclo e a colega faz a intervenção dela com a turma de segundo ciclo, neste momento a turma é tão reduzida que a colega acabou por estar muito do seu tempo de trabalho no GAAF, porque tínhamos uma assistente social afeta ao GAAF, que saiu por mobilidade e portanto o GAAF neste momento não tem assistente social legalmente e formalmente não temos Assistente Social, então como a colega está com o PIEF de segundo ciclo mas como tem uma turma tão pequena tão pequena acabou por ter muito do seu tempo de intervenção em contexto de GAAF.”

Perfil Profissional do Assistente Social

Quais as principais funções que o Assistente Social desempenha no contexto escolar? “Então a principal função que eu tenho é fazer aqui a articulação, faço muita articulação e muita mediação, o meu trabalho acaba por se resumir muito à mediação e à articulação dentro da escola e da escola com as entidades locais com os parceiros com empresas acaba por ser muito esse o meu papel porque isso está relacionado com o projeto PIEF, com a essência do que é que define a metodologia de trabalho em PIEF, portanto eu acabo por ser mediadora dentro da escola acabo por ser mediadora com as famílias e a escola e com a escola e com as entidades, também estabeleço

pontes, relações, contactos quase diários e frequentes com entidades parceiras CPCJ, Segurança Social relatórios para a EMAT, relatórios para o Instituto de Reinserção Social, atendimento à família. Paralelamente a essa situação tenho vindo nos últimos anos a fazer parte da constituição de turmas, estou no grupo de constituição de turmas do Agrupamento pelo conhecimento dos alunos, faço sempre uma avaliação aqui mais da parte familiar, quando se fazem constituição de turmas são criados grupos para constituir as turmas para o arranque dos próximos anos letivos e eu tenho feito parte desse grupo e esse grupo são sempre docentes, sou a única técnica mas no sentido de dar o meu cunho profissional e do meu conhecimento em relação às famílias e fazemos uma análise em que melhor turma o aluno se pode inferir, há família que não se dão bem ou não se falam, tentamos evitar que os filhos dessas família estejam juntos na mesma turma, tentar que depois a coisa no próximo ano não nos traga problemas funcionais dentro da escola, portanto costumo estar na constituição turmas tenho acento no conselho de geral, foi eleita representante do pessoal não docente das técnicas especializadas tenho acento no conselho geral também vou às reuniões e depois faço muito essa questão de que já repeti, da mediação e da articulação e dos contactos. Realizo também visitas domiciliárias sempre que necessário, às vezes por uma avaliação diagnóstica da avaliação familiar, ou não, ou por dificuldades em entrar em contacto com a família e a família se mostra um bocado indisponível para comparecer à escola, acho que não se deve perder, rasgar e romper aqui este contacto com a família, se a família por algum momento não consegue vir à escola, está com dificuldade em estar presente, acho que devemos ir nós, porque é muito fácil estas famílias que são um desafio distanciarem-se cada vez mais da escola, acho que nos cabe a nós fazer esta aproximação , fazer esta intervenção.”

Caracterize o Público-alvo com quem o Assistente Social intervém em contexto escolar. Alunos de que idade? Ano de escolaridade? “Três turmas PIEF de terceiro ciclo, neste momento tenho três turmas, e são duas mistas e uma só com alunos ciganos, Mas os alunos que não são ciganos e estão nas turmas PIEF são de famílias com multi desafios, multi problemas, múlti descompensadas, multi qualquer coisa que se possa definir, também não será por os alunos não ciganos que a coisa se facilita, é complicado, são outras realidades, os alunos não ciganos que estão nestas turmas tem outra realidade completamente diferente mas que são desafio também permanente

porque são famílias muito estruturadas.”

Explique o método de atuação do/a Assistente Social no contexto escolar, grupo e/ou individualmente. “O meu trabalho fundamentalmente é mais a nível individual do que em turma, eu estou mais vezes com os alunos individualmente, por alguma razão que é referenciada, por alguma razão que os professores me fazem chegar e com a família do que em contexto de turma, esse trabalho de contexto de turma normalmente é para o assistente social que está no GAAF, temos uma assistente social emprestada no GAAF e aí essa assistente que está no GAAF é que tem as intervenção do grupo que acaba por fazer muitas dinâmicas de grupo, muito trabalho de vários temas com aulas expositivas, PowerPoint, dinâmicas de grupo, o assistente social que está no GAAF tem muito essa intervenção em grupo. Eu também tenho quando sou chamada pelos professores porque senão a minha função não é essa e eu não imponho a minha presença numa sala de aula, mas por exemplo temos o projeto da Horta, muitas vezes quando os alunos estão na horta os professores pedem-me para colaborar e eu estou presente, temos o projeto da cozinha também estou presente, para além de fazer toda a preparação da atividade da cozinha, que sou eu que faço encomenda dos ingredientes, vou levantar os ingredientes, preparo os materiais, os professores chegam com os alunos e desenvolvem a atividade, também estou presente no desenvolvimento da atividades, estas atividades assim mais de grupo e mais dinâmicas em que sou solicitada porque a minha função não é estar a desenvolver ações com o grupo, normalmente quando eu estou em sala de aula convido alguém a desenvolver ações com o grupo, as enfermeiras vêm muito à sala de aula, a escola segura faço esse contactos todos com os parceiros para trabalhar em determinados temas com as minhas turmas que eu acompanho, mas eu desenvolver não é essa a minha prática.”

Quais os principais constrangimentos no exercício da sua profissão no contexto escolar? “As dificuldades que temos no dia-a-dia são professores que também não tem motivação ou tem pouco interesse e pouco perfil para trabalhar com estes alunos e isso é difícil no dia-a-dia gerir isso emocionalmente é difícil, isso depois reflete também nas atitudes dos alunos com os professores em sala de aula e depois tenho que fazer intervenção com os alunos tenho de fazer intervenção com o professor, basicamente são essas as dificuldades.”

Quais os principais desafios na intervenção com os alunos e respetivas famílias?

“Olha o principal começa por a grande desmotivação e o grande desinteresse do público-alvo com quem trabalho, há aqui uma autoestrada muito grande entre a escola e aquilo que os alunos com quem trabalho e as famílias lhe passam sobre a escola, portanto há um choque de culturas muito grande, na escola nota-se um interesse e uma descontextualização porque efetivamente o contexto e a cultura a que as famílias pertencem e estes alunos é muito muito muito muito distante e diferente daquilo que é o contexto escolar, portanto o contexto familiar e o enquadramento da cultura é muito muito muito diferente da cultura escola e daquilo que a escola pretende dos alunos e muitas vezes a partir de uma determinada idade porque eu já estou com terceiro ciclo, a partir de uma determinada idade os alunos sentem-se desenraizados, esta instituição não lhes diz nada e eles sentem-se completamente desenraizados, portanto é muito difícil trabalhar aqui a questão da motivação para estar em sala de aula e para virem à escola, muito difícil fazer os pais perceber que utilidade e porque é que é tão importante a escola para os filhos deles eles. Ter os pais do lado da escola é muito difícil. É um trabalho que desgasta muito porque com as famílias e com os alunos, tu enquanto Assistente Social sentes que estás sempre a bater na mesma tecla, estás sempre a dizer a mesma coisa, e não consegues ver frutos no imediato portanto alteração de comportamentos é uma coisa que demora décadas, seja com esta comunidade de X seja com outra comunidade, mas é o que te desgasta muito e acaba por te cansar e acaba por te desmotivar, depois tens outros dias que consegues te agarrar a qualquer coisa mais positiva que acontece ou basta um comentário de um professor a dizer que hoje a aula correu bem estavam espetacular, já te animais outra vez, mas aqui com as famílias acaba por te desgastar muito porque efetivamente, eu tenho famílias que acompanho há anos em que já tive o irmão mais velho, o irmão do meio, outro irmão, outro mais o outro, e vejo de sempre as famílias com a mesma atitudes, portanto não vejo as famílias alterarem o comportamento, não vejo as famílias a mudarem, não vejo as famílias com outro tipo de atuação, isso desgasta-te imenso, tas sempre a trabalhar e a bater na mesma tecla e não vês evolução, isso desgasta-te imenso, mas também tem que se compreender que a alteração de comportamentos demora décadas e não são nos pais que se vai ver alteração e nem é nestes filhos que nós temos neste momento aqui a estudar, será nos filhos destes alunos, portanto acabamos por ter que nos ir auto-motivando porque é difícil este é

um contexto difícil.”

Que serviços da comunidade trabalham em parceria com a escola? “São imensos Câmara Municipal, Centro de Emprego, Segurança Social, Centro de Saúde, Instituto de Reinserção Social, Bombeiros Voluntários de X, Lar de Idosos, a Junta de Freguesia também, portanto eu acho que o agrupamento está bem servido em termos de parceiros. É uma mais-valia, somos uma escola TEIP temos algum público complicados, mas acho que a questão de termos aqui uns parceiros tão próximos é uma mais-valia, a relação também sistemática com a CPCJ as colegas que estão na CPCJ tem uma relação muito próxima, já estou aqui há muitos anos, elas também vão rodando de acordo com o tempo mas como estou aqui há muito tempo acabo por as ir conhecendo a quase todas, a relação também proximidade com os colegas da EMAT da assessoria a tribunal também, portanto temos uma boa relação, eu acho que isso é um ponto positivo, depois temos outros projetos que também trabalham muito connosco, é o CLDS, o projeto escolhas, são projetos que estão no terreno com alunos do agrupamento com famílias do agrupamento que têm também uma relação muito próxima connosco.”

De que forma analisa o impacto e mais valia do trabalho em rede com os parceiros da comunidade? “Se não fosse aqui a relação com os parceiros o nosso trabalho era muito redutor, estarmos aqui muito fechados no Agrupamento era um trabalho muito redutor, é claro que é sem dúvida, e eu sempre defendi que o estabelecimento de parcerias e a manutenção destas parcerias é fundamental para o nosso trabalho de Assistente Social neste Agrupamento, porque era muito redutor, nós aqui fechado sem os parceiros pouco acrescentaríamos à formação dos alunos porque por muito que se tentasse várias intervenções na sala de aula, aulas mais positivas, aulas mais práticas, aulas diferenciadas, se não fosse o cunho profissional dos parceiros pouco acrescentaríamos à formação dos alunos e também pouca visão lhe daríamos daquilo que é a realidade lá fora, que muitas vezes os parceiros também servem para isso, para mostrarmos aos alunos quando saírem da escola o que é que têm lá fora que podem abraçar a nível de emprego, acabamos por trabalhar também muito nesse sentido, da orientação e formação vocacional de um aluno e perceber onde é que pode trabalhar se concluir os estudos. Eu acho que é fundamental aqui a relação com os parceiros, nem sequer me via a trabalhar se não tivesse relação com os

parceiros.”

Como descreve a relação do Assistente Social com a restante comunidade educativa? “A minha relação com a comunidade educativa é boa não posso caracterizá-la de outra forma, porque tenho uma boa relação com os auxiliares de ação educativa, tenho uma boa relação com os assistentes técnicos, tenho uma boa relação com os professores no geral, com os colegas os técnicos especializados com quem eu vou travando pontualmente algum tipo de relação mais próxima, quando organizamos atividades quando estamos juntos em reuniões, não posso caracterizar de outra maneira, tenho uma boa relação com a comunidade educativa.”

Na sua opinião, quais as mais valias da existência de um Assistente Social no contexto escolar? “Olha este é o contexto que eu conheço melhor, mas tirando este contexto, eu acho que cada vez mais na conjuntura social que se vive em Portugal, cada vez mais é fundamental que existe um assistente social no mínimo por escola, porque as portas da escola começaram a estar abertas a tudo o que é problema que existe dentro das quatro paredes dos alunos, tanto se antigamente não se trabalhava as emoções, se antigamente não trabalhavam os problemas que os alunos tinham em casa e começaram-se a trabalhar começou a haver o psicólogo dentro da escola e depois começou a não ter suficiente portanto tem que haver uma intervenção não só da parte escolar, do professor, pedagógica, e não só da parte do psicólogo, tem que haver uma intervenção mais alargada em que faz falta o assistente social, faz falta o fisioterapeuta, terapeuta da fala, etc e eu acho que somos fundamentais uns contextos mais do que outros mas é fundamental esta intervenção porque o psicólogo não consegue ver com as lentes do assistente social porque a formação é completamente diferente o mesmo que nós, conseguimos analisar depois de muitos anos de experiência em escola que pode haver algumas questões ali que estão para remeter para psicologia e muitas vezes encaminha-se para os colegas psicólogos tratarem ou acompanharem, mas nós não podemos fazer de psicólogos porque as nossas lentes são diferentes são completamente diferentes a nossa formação é diferente e a nossa intervenção é diferente, às vezes pode-se confundir aqui um bocadinho o trabalho, mas a essência tem que lá estar, aquilo que é o assistente social e aquilo que o assistente social pode dar, a intervenção que faz com o aluno, com a família, e com todo o meio à volta é completamente diferente da que faz o psicólogo e eu acho cada

vez mais faz todo sentido haver um assistente social dentro da escola, porque não havendo os outros técnicos acabam por ter que fazer da assistente social mas o ter que fazer de Assistente Social não é intervir enquanto assistente social, não têm formação, eu por exemplo não posso intervir enquanto psicóloga e não me podem dar alunos para fazer testes psicológicos e analisar os testes e apresentar um resultado ao aluno porque não tenho essa informação, e o mesmo acontece de uma outra forma, que acontece em muitos agrupamentos se vê psicólogos a andarem a fazer um bocadinho psicólogo um bocadinho de assistentes sociais porquê há falta de assistentes sociais nos agrupamentos.”

Qual a sua opinião sobre a, incipiente, representação do Serviço Social no contexto escolar em Portugal?

“Olha eu acho que muitas escolas não tem assistentes sociais porque, a maior parte das pessoas que estão a dirigir as escolas neste momento ainda são os professores da velha guarda, são os diretores que eram os professores da velha guarda, os diretores que irão aparecer daqui a uns anos que serão já os professores e as professoras mais jovens em que estão num paradigma diferente, e em que veem que realmente é importante o assistencial social, o psicólogo, o fisioterapeuta, o terapeuta da fala, professor de língua gestual, poderão ter outro tipo de abertura para que pensem que a escola não pode funcionar sem o psicólogo e o assistente social, vai demorar algum tempo, acho que também é uma questão política, acho que isto acaba por ser também uma questão política, outra questão também o facto de não termos ordem, não foi criada ainda a ordem dos assistentes sociais, somos facilmente desvalorizados, o nosso papel é facilmente desvalorizado em contexto escola e quando estás na escola muitas vezes és rotulado pelo pessoal docente como tu ajudas os coitadinhos tu ajudas os pobrezinhos, tu só estás ali para ver se eles precisam de roupa, só está ali para ver se eles precisam do pequeno-almoço na escola, tu estás aqui para apoiar os coitadinhos, a falta de entendimento de que a nossa presença dentro da escola a trabalhar numa equipa com outras áreas sociais faz toda a diferença e eu acho que acaba por ser por aí, portanto a falta de valorização que há dentro da escola do nosso papel e do que andamos aqui a fazer, acharem que muitas vezes somos para os pobrezinhos, os coitadinhos, os imigrantes ou os mulatos ou os pretos, ou os ciganos, ou os refugiados, portanto só trabalhamos com esse público e há falta de entendimento, eu acho que é muito por aí.”

Anexo 3 - Entrevista Três

Guião de Entrevista

A entrevista será aplicada no âmbito da Dissertação de Mestrado em Serviço Social - Riscos Sociais e Desenvolvimento Local, que tem como título “O Perfil de Atuação dos Assistentes Sociais que exercem funções no Contexto de Escolas TEIP na NUTS II - Alentejo” e encontra-se inserida no 2º ano do Mestrado

Objetivo Geral: “Caracterizar o Perfil de atuação dos Assistentes Sociais no Contexto de Escolas TEIP na NUTS II - Alentejo”

Os dados que irão ser recolhidos servirão apenas para o estudo em curso, garantindo-se total anonimato e confidencialidade.

Caracterização sócio profissional da/o Assistente Social

Sexo? “Feminino”

Qual a sua idade? “Tenho 42 anos.”

Licenciada há quanto tempo? “Sou licenciada desde 2003.”

Qual a sua experiência profissional enquanto Assistente Social fora do contexto escolar? “Tive a trabalhar em CPCJ, tive pelo programa escolhas, fui coordenadora de um programa escolhas, e tive num projeto de desenvolvimento local.”

Qual a sua experiência profissional enquanto Assistente Social no Contexto Escolar? “Estou no contexto escolar desde 2010, ou seja, catorze anos letivos, 13 anos civis.”

Ingressou na escola através de algum concurso ou programa do estado? Se sim, qual? Se não, ingressou na escola através de que concurso? “Foi concurso, quando entrei para a escola foi através de concurso, quando saíram os primeiros TEIP’s, haviam muitos poucos assistentes sociais nas escolas ou quase nenhuns, aqui na nossa zona não existe, sou a única, até que as experiências são muito diferentes, a experiências que nós temos aqui em X não tem nada a ver com as outras, apostamos muito a nível da prevenção e trabalhamos muito isso mais do que a nível da Mediação. Trabalhar também com os parceiros, mas quando entreguei foi concurso, foi pela plataforma do SIGRHE, abriram concurso e eu concorri, entrevista, análise curricular e depois tenho ficado, tinha de concorrer todos os anos, ficava

desempregada a 31 de agosto, voltávamos a concorrer algures quando saísse na plataforma até que saiu o PREVPAP, ninguém me sabia dizer se eu podia concorrer ou não a nível de escolas, o não era sempre garantido, concorri, e em véspera de entrarmos em pandemia efetivei, foi mesmo dia 13, no dia que entramos em pandemia para irmos para casa, dia 13 de março, foi no dia que eu recebi um email a dizer que efetivava.”

No agrupamento de escolas onde se encontra encontra-se inserida/o em algum Gabinete Socioescolar? “Nós funcionamos pelos serviços técnico pedagógicos, sei que a maior parte dos serviços funcionam como os SPO’s, nós temos os SPO’s dentro dos serviços técnico pedagógicos, e aí depois temos os técnicos todos aí, não temos aqueles gabinetes que lhe chamam os GAAF’s, temos apoio psico-pedagógico, fazemos sinalizações à mesma, mas não temos o gabinete destinado só para aquele, como maior parte das escolas tem.”

Na sua opinião, quais as características fundamentais que um Assistente Social deve ter no contexto escolar? “Nós funcionamos muito de forma diferente e temos a noção disso e temos a nossa bandeirinha de sermos um bocadinho diferentes, nós a nível de agrupamento ganhamos muitos prémios, concorremos a muita coisa, apostamos muito na questão da prevenção, e esta articulação com a comunidade, é este o nosso papel que nós temos tido, eu ao longo dos tempos já tive vários papéis, neste momento por causa da saída de um colega, estou a coordenar os serviços, tenho mais 5 colegas a nível técnico, tenho de coordenar as atividades, portanto o meu papel também tem sido diferente ao longo do tempo. Mas voltando à tua questão, acima de tudo temos de ter empatia pelo público, estamos a falar de público TEIP, a nível de empatia, a nível de boas relações com a comunidade, os seus conhecimentos técnicos, mas isso todos nós temos, mas aqui funciona muito a questão da empatia e a questão de chegar às pessoas, porque se formos nariz empinado, não chegamos a este público, eles não se identificam com a imagem que existe dos assistentes sociais, nós aqui somos um bocadinho diferentes nesse aspeto. É chegar às pessoas, para as pessoas sentirem que nós estamos ali para ajuda-los, muitas vezes é isso que acontece.”

Quantos/as Assistentes Sociais estão neste momento afetos a este agrupamento de escolas? “É só um, um assistente social, três psicólogos, um educador social que entrou agora este ano e temos mais um mediador e um estagiário de educação social.

Assistente social sou só eu.”

Todos/as têm as mesmas funções com públicos diferentes, cada um/uma tem funções específicas? “Não se aplica, uma vez que não existe mais nenhum assistente social.”

Perfil Profissional do Assistente Social

Quais as principais funções que o Assistente Social desempenha no contexto escolar? “Neste momento coordeno os serviços que me levam já muito tempo, estou na EMAEI, estou no conselho pedagógico, faço articulação com as estruturas da comunidade, faço articulação com educação para a saúde e a estrutura da comunidade e faço neste momento programas de prevenção a nível no primeiro ciclo, programas de competências socioemocionais.”

Caracterize o Público-alvo com quem o Assistente Social intervém em contexto escolar. Alunos de que idade? Ano de escolaridade? “Nós temos pré-escolar, 1º, 2º e 3º ciclo, mas a nível de prevenção estamos a nível de 1º ciclo, intervenção de remediação, faço atendimento à mesma, não tenho é aquilo que normalmente costumam fazer que é o atendimento ao aluno todas as semanas, para isso existe outros técnicos que eles fazem esse tipo de atendimento, as tutorias, depende depois da problemáticas. Faço os atendimentos a casos que existem, que vêm da EMAI e em articulação. Nós aqui, trabalhamos muito isto da questão da articulação, tanto com o mediador como o psicólogo. Normalmente trabalhamos sempre em par, os psicólogos estão organizados por ciclo 1º 2º e 3º ciclo, cada um está no seu ciclo e eu estou em todos, sempre que é uma situação social que é sinalizada eu salto para estes ciclos todos. Nós temos pré-escolar, que estou a supervisionar, mas neste momento não estou a intervir, tive o ano passado, nós ganhámos uma academia da Gulbenkian, que é o salto gigante que é a transição dos alunos do pré-escolar para o 1º ciclo. Então temos pré-escolar 1º, 2º e 3º ano que estes estou mesmo diretamente, 4º ano, 5º ano e estamos a tentar implementar agora nos outros ciclos que é mais difícil com a questão do horário. Enquanto o 1º ciclo consegues articular com o professor no 2º e 3º ciclo não há essa disponibilidade de todas as semanas estamos a ocupar uma hora.”

Explique o método de atuação do/a Assistente Social no contexto escolar, grupo e/ou individualmente. “É misto, tenho muito em grupo, mas também tenho alguns

individuais. Muito a questão das famílias, mas isto depois depende muito, portanto a questão das famílias tens muita articulação com o CAFAP, muita articulação com a CPCJ e depois como é um contexto pequeno que toda a gente se conhece nós facilmente comunicamos e articulamos portanto, não faz sentido estar a falar e estar a trabalhar com uma família depois a própria família vai falar com o CAFAP, CPCJ, centro de saúde, portanto nós nesse aspeto estamos bem oleados, senão chega uma altura em que a família é bombardeada por toda a gente e em vez de ajudar desajudamos.”

Quais os principais constrangimentos no exercício da sua profissão no contexto escolar? “Eu no princípio o que eu encontrava era o desconhecimento, vai lá o assistente social vai resolver o mundo, é como os psicólogos vai a uma consulta e está resolvido, e aqui é igual, neste momento já não sinto isto, portanto isto é um caminho que a pessoa vai construindo, não sinto isso, até sinto muita disponibilidade das pessoas, neste momento a nível dos constrangimentos é a questão do tempo, não dou para tudo, sou a única em todos os ciclos, já temos educadora social que já se vai delegando algumas situações, mas neste momento não tenho grande constrangimento com a questão da relação com os professores, pois é um grupos que já está cá à muito tempo e já foi estabelecida esta ligação. Neste momento também já sabem o que ando cá a fazer, mas no início isso não aconteceu, não sabiam o que é que eu andava cá a fazer e era mais complicado a intervenção.”

Quais os principais desafios na intervenção com os alunos e respetivas famílias? “Como um grande desafio temos o contexto económico e social neste momento, a saúde mental e a questão económica neste momento esta a ser o bum em todo o lado, a questão dos brasileiros que estão em massa a chegar, a questão do aumento dos preços das casas e a questão da saúde mental, cada vez temos mais a miúdos e as suas famílias completamente desorganizadas, neste momento é o desafio. No trabalho direto com os alunos, acima de tudo a questão do trabalho em equipa a questão da cooperação eles saberem que apesar de sermos diferentes todos juntos conseguimos fazer alguma coisa. A gestão das emoções que é gritante, a questão da frustração, isto é o impacto nós estamos a ter agora neste momento, o lidar com o outro, o saber aceitar um não, este tem sido os desafios que a gente tem tido volta e meia e alguma agressividade nas respostas destas situações, 2º ciclo, 5º,6º ano.”

Que serviços da comunidade trabalham em parceria com a escola? “Temos muitos, queres alguns? Eu digo-te ,CPCJ, Câmara Municipal o centro de saúde, temos um projeto também que é o entrenós, que é do programa escolhas que nós também temos uma relação com eles, tínhamos o CLDS que terminou agora há pouco tempo, estamos à espera de nova candidatura, temos a Associação cabo-verdiana que tem a questão dos imigrantes e que eles trabalham muito essas questões, dentro da câmara temos vários serviços, desde o educativo ao social ao desportivo também. Temos a Segurança Social, tribunal, as equipas de apoio aos tribunais. Com escola Segura temos uma coisa muito ligeira porque achamos que às vezes a intervenção que eles fazem não é a mais correta a mais pedagógica então tentamos recorrer o mínimo à escola segura, apesar deles também terem aquelas sessões de prevenção, achamos muitas vezes que a intervenção não é mais correta com os miúdos, então tentamos só ir à escola segura só mesmo em situações extremas. CAFAP, serviço de ação social, SAAS que passou para a câmara, temos também Associação, o lar é uma cooperativa que nós temos de solidariedade e é quem nos desenrasca sempre a roupa e os cabazes, sem ter alguém sinalizado, é só ligar e pedir, olha precisamos de uns ténis, precisamos disso e eles nesse aspeto são espetaculares Temos também o desigualdades que trata das questões das vítimas de violência doméstica e dos miúdos também, eles têm um serviço que trabalha mesmo estas questões, com tudo o que são essas questões da violência doméstica são eles que trabalham, porque eles trabalham com os psicólogos a nível da família e dos alunos. A nível das parcerias e tu trabalho a gente rentabiliza-se muito uns aos outros.”

De que forma analisa o impacto e mais valia do trabalho em rede com os parceiros da comunidade? “É espetacular não podia ser melhor, podia ser melhor ainda que nós somos poucos, mas é ótimo, tu consegues ali rapidamente juntar uma porção de áreas e analisar a situação de diferentes famílias e orientar até nível de RSI, consegues facilmente detetar problemas e entre todos e ajudar sem estar a subcarregar a família que é sempre a grande questão, de subcarregar as família com vários atendimentos.”

Como descreve a relação do Assistente Social com a restante comunidade educativa? “É um processo, foi sempre um processo, tudo o que é novo é aquilo que

os professores querem, eles esquecem-se que como técnicos e temos a nossa opinião técnica e dão-nos autonomia técnica para as coisas, e às vezes dizemos coisas que eles não gostam. Nós a nível de direção tivemos um processo, no início foi mais complicado, eles perceberam que nós precisamos de estar na escola. Neste momento temos uma relação ótima, eles já perceberam completamente, temos uma relação ótima, sempre que muda as estruturas, por exemplo do Conselho Geral, já mudou, entretanto, a diretora agora há coisas que não correm tão bem, nós temos que mostrar novamente o nosso caminho, mas isso é o nosso papel, sempre que entram pessoas novas, mostrar o nosso caminho. A nível das estruturas da comunidade geral, portanto a nível de fora de escola a gente já se conhece, é a tal vantagem ou desvantagem, como nós já nos conhecemos todos, todos nós fizemos este caminho praticamente todos juntos. A relação que tenho com os outros técnicos é boa, eu entrei, comigo entrou a nível do TEIP, já havia um psicólogo, era o único que havia, entrou mais um mediador e entrou uma animadora na altura com o projeto TEIP, desses todos resto eu, entretanto o psicólogo também saiu este ano, uma licença sem vencimento, entretanto entraram outros colegas que já cá estão há alguns anos, tirando a educadora social que entrou este ano e a outra colega psicóloga que entrou no plano nacional de promoção do sucesso escolar é o programa. Nós trabalhamos perfeitamente enquanto equipa, quando alguém chega de novo à escola nós dizemos que a nossa perspetiva na escola é esta, não é assistencialista, não é dar o apoio, é promover competências, sendo a nível dos professores, sendo a nível dos alunos e das suas famílias, não é dar o apoiozinho e vai-se embora, não é o que a gente quer, temos de dar competências às pessoas para elas ganharem asas. Por isso é que nós temos uma perspetiva um bocadinho diferente porque a maior parte das escolas não são assim.”

Na sua opinião, quais as mais valias da existência de um Assistente Social no contexto escolar? “Acima de tudo a nível da formação, a nível da visão também é essencial. Mas exatamente é isso ter uma visão diferente na perspetiva escola, porque tu tens a nível dos professores que são o ensino e a perspetiva do técnico é muito diferente e sempre uma perspetiva articulada com outro técnico de outra área. Nós funcionamos muito a nível de articulação com o psicólogo e cada vez mais trabalhar com as famílias faz sentido ter uma articulação com o psicólogo, a nível das questões emocionais e que me dão estratégias para as vezes falar com famílias que são mais

complexas.”

Qual a sua opinião sobre a, incipiente, representação do Serviço Social no contexto escolar em Portugal? “Muitas das escolas não vêm essa necessidade, os professores querem acabar com os problemas psicológicos que é sempre mais importante e o resto vem por acréscimo e vai para a segurança social, muitos deles não vêm a importância e não percebem qual é o papel do assistente social na escola, agora começa a ser mais claro, porque se fosse há uns anos atrás não era muito claro o papel do assistente social numa escola, as pessoas exigem de ti uma coisa, que é o tal assistencialismo, quando a nossa perspectiva tem que ser cada vez mais de prevenção para não chegares aquele ponto, o trabalhar as famílias para não chegar aquele ponto. É uma questão de mentalidades, e é verdade que há muitas escolas que não reconhecem o papel do assistente social como prioridade, não vão buscar esse recurso. Na minha escola o que é que a gente tem!? Agora temos a educadora social, nós precisamos de uma educadora social, é preciso trabalhar as famílias ciganas que já não temos capacidade de chegarmos a eles, é preciso uma pessoa só para isso, olha fomos agora pelo programa de promoção para o sucesso escolar conseguimos outros técnico, justificámos, conseguimos outro técnico para trabalhar estas questões, porque a diretora tem sua visão e mexeu-se, consegue perceber que as coisas com mais um técnico é mais fácil, mas é um processo.”

Anexo 4 - Entrevista Quatro

Guião de Entrevista

A entrevista será aplicada no âmbito da Dissertação de Mestrado em Serviço Social - Riscos Sociais e Desenvolvimento Local, que tem como título “O Perfil de Atuação dos Assistentes Sociais que exercem funções no Contexto de Escolas TEIP na NUTS II - Alentejo” e encontra-se inserida no 2º ano do Mestrado

Objetivo Geral: “Caracterizar o Perfil de atuação dos Assistentes Sociais no Contexto de Escolas TEIP na NUTS II - Alentejo”

Os dados que irão ser recolhidos servirão apenas para o estudo em curso, garantindo-se total anonimato e confidencialidade.

Caracterização sócio profissional do/a Assistente Social

Sexo? “Feminino”

Qual a sua idade? “37 anos”

Licenciada há quanto tempo? “Terminei em 2008, 15 anos”

Qual a sua experiência profissional enquanto Assistente Social fora do contexto escolar? “A primeira experiência profissional que tive foi um estágio Pepal, acolhido pela Câmara Municipal de Y, que teve a duração de um ano, fui formadora de cursos EFA a nível de cidadania e empregabilidade, a cerca de um ano depois cumulativamente entrei aqui para a escola.”

Qual a sua experiência profissional enquanto Assistente Social no Contexto Escolar? “Sensivelmente 14 anos.”

Ingressou na escola através de algum concurso ou programa do estado? Se sim, qual? Se não, ingressou na escola através de que concurso? “Sim, ingressei na escola em meados de outubro de 2009 ao abrigo do projeto TEIP.”

No agrupamento de escolas onde se encontra encontra-se inserida/o em algum Gabinete Socioescolar? “Sim, estou no Gabinete de Apoio Psicossocial (GAPS)”

Na sua opinião, quais as características pessoais fundamentais que um Assistente Social deve ter no contexto escolar? Para ser Assistente Social ou se gosta ou não se gosta. Tem de ser uma pessoa com uma grande capacidade de mediação, no sentido de negociação de mediação de conflitos de famílias, ter um discurso multidirecional, no sentido de abarcar os vários alunos oriundos de outras nacionalidades que nós temos, grande capacidade de resiliência porque não é fácil com tantos alunos com problemas intrínsecos a este território conseguirmos ultrapassar as barreiras. Temos de saber conversar com todos os alunos, conhecer a cultura destes alunos, nomeadamente os alunos de etnia cigana.”

Quantos/as Assistentes Sociais estão neste momento afetos a este agrupamento de escolas? “Neste momento a exercer funções no argumento temos dois”

Todos/as têm as mesmas funções com públicos diferentes, cada um/uma tem funções específicas? “O colega é TII, técnico de intervenção local, que trabalha com

duas turmas TEIP.”

Perfil Profissional do Assistente Social

Quais as principais funções que o Assistente Social desempenha no contexto escolar intervém no contexto escolar? “As principais funções baseiam-se no acompanhamento e encaminhamento de alunos e famílias com carências socioeconómicas. No estabelecimento de articulação com várias entidades externas à escola que têm capacidade de dar uma resposta atempada às necessidades diagnosticadas às famílias (Cáritas Diocesanas de Beja, Associação Sementes de Vida, Segurança Social, CPCJ, EMAT, entre outras). Cabe-me ainda o papel de mediação de conflitos de alunos em meio escolar, efetuando sempre que necessário a mediação junto dos alunos e restante comunidade escolar. Para além destas funções integro vários projetos que podem mudar de escola para escola (exemplo do TEIP - Território Educativo de Intervenção Prioritária), como é o exemplo da formação parental, da promoção de competências sociais e da dinamização da assembleia de delegados; O papel do assistente social na escola é antes de mais, efetuar o diagnóstico, pela identificação de fatores de risco de abandono escolar entre outros que não permitam à criança ou jovem, alcançar os bens que lhe são garantidos por direito, alimentação, descanso.”

Caracterize o Público-alvo com quem o Assistente Social intervém em contexto escolar. Alunos de que idade? Ano de escolaridade? “Alunos do pré-escolar ao secundário dos 3 anos aos 18 anos. Geralmente dentro do leque desta idade trabalha-se com alunos e famílias socioeconomicamente desfavorecidos.”

Explique o método de atuação do/a Assistente Social no contexto escolar, grupo e/ou individualmente. “Faço trabalho individualizado, trabalho com crianças, também com os seus pais e com os irmãos dela, e possivelmente trabalho ainda com os técnicos que intervêm e acompanham a família noutros serviços/instituições. Esta ideologia de assistente social esclarece-nos que todas as intervenções do Serviço Social exigem o estabelecimento de redes. O profissional de Serviço Social nas escolas, quer tenha uma intervenção direta, ou indireta, tem o papel de ser um recurso específico em termos de conhecimentos e de competências, para potenciar aos alunos, famílias e comunidade suporte social, emocional, comportamental e de adaptação. Aplico nas turmas programas de competências sociais “eu e os outro” quando os

professores acham quem é necessário. Muitas vezes quando há um conflito registados nós também intervimos em contexto de sala de aula, para mediar esses conflitos”

Quais os principais constrangimentos no exercício da sua profissão no contexto escolar? “Um dos principal constrangimento sentidos, essencialmente, no início do desempenho de funções foi a resistências de alguns elementos da comunidade educativa em aceitar a intervenção do assistente social, uma vez que era uma função que nunca tinha sido desempenhada por ninguém. Noutra perspetiva é também um constrangimento as fracas perspetivas e valorização da escola que as famílias muitas vezes demonstram que dificulta a intervenção.”

Quais os principais desafios na intervenção com os alunos e respetivas famílias? “Relativamente ao Agrupamento onde desenvolvo trabalho, e no que concerne à população do mesmo, importa mencionar que muitos alunos são oriundos de meios socioeconómicos desfavorecidos, que atualmente se encontram agravados devido à atual conjuntura nacional e local, nomeadamente, famílias disfuncionais, elevada taxa de desemprego e emprego precário. É ainda relevante o facto que existe um número significativo de alunos que são provenientes de agregados familiares que apresentam um baixo nível de escolarização (aproximadamente 11,3% dos pais/encarregados de educação possuem o 4º ano de escolaridade, ou escolaridade inferior). Esta realidade é notória no insuficiente acompanhamento da vida escolar dos alunos, que se funde com a fraca atenção das tarefas escolares e ainda com a falta criação de hábitos de estudo. A baixa escolaridade dos pais elencada a todos os outros fatores mencionados anteriormente acabam por delinear de certa forma o ambiente escolar, o qual é pautado por uma fraca valorização da escola.”

Que serviços da comunidade trabalham em parceria com a escola? “Todas as entidades que operam no concelho, CPCJ; PSP – Escola Segura, EMAT, Ministério Público, Ministério da Justiça, Intervenção precoce, Associação Sementes de Vida, Cáritas Diocesanas de Beja, Santa Casa da Misericórdia, SAS da Câmara Municipal, Associação Estar, entre tantas outras IPS e Associações de X).”

De que forma analisa o impacto e mais valia do trabalho em rede com os parceiros da comunidade? “O assistente social na escola desenvolve determinadas competências relacionadas com o manter relações de colaboração com a comunidade

educativa e os diversos intervenientes, intervir na diversidade cultural, desenvolver trabalho com famílias e crianças socialmente desfavorecidas e vulneráveis, o que nos conduz à promoção constante do sucesso escolar. De ressaltar que o sucesso escolar não é apenas pautado pelo saber -saber, em que a quantificação dos resultados é o mais importante, mas é também atribuída máxima importância ao saber-fazer em que os resultados de atividades práticas e direcionada às diversas características dos alunos são essenciais. Todas as parcerias são fundamentais para que se possa levar a cabo uma intervenção assertada e concertada., pelo que o impacto é bastante positivo. De realçar ainda os contactos diários da rede informal dos assistentes sociais que operam no concelho. “

Como descreve a relação do Assistente Social com a restante comunidade educativa? “É bastante positiva e bem aceite, socorremo-nos constantemente um dos outros. A nossa rede multidisciplinar suporta toda a intervenção.”

Na sua opinião, quais as mais valias da existência de um Assistente Social no contexto escolar? “O recurso ao assistente social é sempre uma mais-valia nas escolas, mas é fundamental nas escolas TEIP em que os territórios e a sua população é maioritariamente desfavorecida e difícil. Para além de tudo, é um recurso extraordinário ao nível de combate à indisciplina e absentismo escolar. O Assistente Social é uma mais valia no sentido que consegue ver e ter uma perspetiva da problemática socioeconómica, mas depois consegue também argumentar e capacitar ao nível do encaminhamento para outras entidades de resposta às soluções dos problemas. É também uma mais valia porque tem ponto assente nas intervenções da CPCJ, das equipas de RSI, nas IPSS, nós facilmente conseguimos através, muitas das vezes até da rede informal, conseguir aqui o encaminhamento. O Assistente Social realmente é fundamental, especificamente nestes agrupamentos porque existem uma grande quantidade de alunos com problemas inerentes à pobreza e que o Assistente Social consegue mais facilmente, também pelas suas capacidades formativas, deslindar, argumentar e procurar ajudar nesse sentido

Qual a sua opinião sobre a, incipiente, representação do Serviço Social no contexto escolar em Portugal? (tão poucos assistentes sociais no contexto escolar) “Compreende-se que o recurso ao Assistente social não seja uma função existente em todas as escolas. Esta função surge principalmente associada aos TEIP,

contudo, à semelhança dos Psicólogos a tendência é que cada vez mais se verifique a contratação de Assistentes Sociais para as escolas. Os Assistentes Sociais escolares têm traçado o seu caminho, na medida do permitido pelas políticas educacionais, e são essenciais e todas as escolas que demonstrem uma grande franja de famílias desfavorecidas e elevadas taxas de abandono escolar, falta de assiduidade /absentismo e ainda comportamentos disruptivos como a indisciplina. Esta falta de Assistentes Sociais nas escolas tem a ver, com a nosso governo, se não houver verbas para afetar as pessoas, programas que o consiga fazer, as pessoas não ficam afetadas. E se cada ano houver um Assistente Social diferente as famílias não conseguem estabelecer uma relação de confiança. Mas esta luta não é fácil, eu entrei em 2009 para a escola, tive 12 anos contratada, todos os anos no final do ano letivo ia para o desemprego e depois voltava a concorrer, passava novamente pela entrevista, ponderação curricular. Este facto é incipiente porque não há a oportunidade a nível de governação, de ser aberto este posto às escolas, enquanto as políticas centrais não analisarem esta possibilidade das escolas abrirem estes concursos nunca podem fazer uma adjudicação direta aos Assistentes Sociais, não pode ser a escola a contratar estes técnicos. Nas escolas que nunca tenham tido assistente sociais acredito que não saibam a importância dele porque nunca o tiveram, eu quando cheguei ao agrupamento as pessoas não recorriam logo a mim. Senti necessidade de criar um formulário para a sinalização de alunos, de atendimentos aos encarregados de educação e criei um formulário de resposta para toda a comunidade educativa, e vários específicos para as entidades parceiras. Vi a necessidade de criar neste agrupamento essa uniformização que é diferente de escola para escola.”

